





Cornell University Library

Ithaca, New York

BOUGHT WITH THE INCOME OF THE

SAGE ENDOWMENT FUND

THE GIFT OF

HENRY W. SAGE

1891

The date shows when this volume was taken.

To renew this book copy the call No. and give to the librarian.

HOME USE RULES

All Books subject to recall

All borrowers must register in the library to borrow books for home use.

All books must be returned at end of college year for inspection and repairs.

Limited books must be returned within the four week limit and not renewed.

Students must return all books before leaving town. Officers should arrange for the return of books wanted during their absence from town.

Volumes of periodicals and of pamphlets are held in the library as much as possible. For special purposes they are given out for a limited time.

Borrowers should not use their library privileges for the benefit of other persons.

Books of special value and gift books, when the giver wishes it, are not allowed to circulate.

Readers are asked to report all cases of books marked or mutilated.

Do not deface books by marks and writing.

Cornell University Library
PQ 9697.L787C55

Cidades mortas (contos e impressoes)



3 1924 021 233 na7

536

L 796



Cidade Morta
Monteiro Lobato

CIDADES MORTAS

•

MONTEIRO LOBATO

92

CIDADES MORTAS

(CONTOS E IMPRESSÕES)

5.º MILHEIRO

1920

Edição da REVISTA DO BRASIL
S. PAULO

W

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

0206
12

913A
PP535-
2221

A505759

Secção de Obras d' "O Estado de S. Paulo" - 1920

1920
1920

Entra neste livro um punhado de coisas antigas, impressões duma mocidade morta que vegetou no ambiente marasmático das cidades mortas. Ha também alguma coisa moderna. Mas tanto o antigo como o moderno valem a mesma coisa - nada...

Cidades mortas

A quem, em nossa terra, percorrer taes e taes zonas, vivas outr'ora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanavel cachexia, uma verdade, que é um desconsolo, resurte do montão de ruínas: o progresso, entre nós, é nomade, e sujeito a paraly-sias subitas.

Radica-se mal. Conjugado a um grupo de factores, sempre os mesmos, reflue com elles de uma região para outra. Não emite peão. E' um progresso de cigano — vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

Um dos factores que o arrastam consigo é a uberidade nativa do solo. Mal este cança, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge della o capital e com elle os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cae a tapera, nas almas e nas coisas.

Nosso povo não vinga prosperar sinão onde uma vitalidade prodigiosa poreja da terra virgem como o bafo quente da rez carneada de fresco.

Em sendo mister lutar contra a avareza crescente do solo, refazer-lhe a feracidade anemiada, criar fontes novas de riqueza, diversas das habituaes, o homem fraqueja, coça a cabeça e, ou emigra ou tomba em modorra, para logo tolar na miseria.

Em nosso Estado exemplo perfeito ha disso na depressão profunda que entorpece o chamado Norte.

Alli tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é preterito.

Um grupo de cidades moribundas arrastam um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de outr'ora.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito, em materia de rodas, se voltou ao rodizio massiço desse rechinante symbolo do ronceirismo colonial, o carro de boi. Erguem-se nellas soberbos casarões apaçados, de um e dois andares, solidos como mosteiros, tudo pedra, cal e cabiúna. Lembram desconformes ossaturas de megaterios d'onde as carnes, o sangue, a vida para sempre desertaram.

Vivem dentro, mesquinhamente, vergonteadas morticas de familias fidalgas, de bôa prosapia entroncada na nobiliarchia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem de patina, e cujo estuque, lagarteado de fendas, esborôa á força de

goteiras, paira o bafio da morte. Ha pelas paredes velhos quadros — “crayons” — figurando effigies de capitães-móres com barba de collar; ha candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinavre. Mas nem se accendem as velas, nem se guardam os nomes dos enquadrados. E em redor delles se agruma o bolor rancido da velhice.

São palacios mortos, da cidade morta.

Avultam em numero, nessas cidades, casas sem janellas, só portas, tres e quatro: antigos armazens de commercio, fechados, que o commercio desertou tambem.

Numa praça vazia, vestigios vagos de um edificio de vulto. Que é? O antigo theatro... um theatro onde já resoou a voz da Rosina Stolze, da Candiani...

Não ha na cidade morta nem pedreiros nem carpinteiros; fizeram-se, estes, remendões, aquelles, mecos demolidores, tanto vae da ultima construcção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas e remendal-as mal e mal. Um dia mettem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á inclemencia do tempo o encargo de aluir o resto.

Os ricos são dous ou tres Eusebios Macarios aposentados, com cem apolices a render no Rio; e os sinecuristas acarrapatados ao orçamento: juiz, collector, delegado.

O resto é a “mob”; velhos mestiços de miseravel descendencia, roida de preguiça e alcool; familias decahidas, a viver mysteriosamente umas, outras á custa do parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou. “Bôa gente” que vive de aparas.

Da geração nova os rapazes emigram cedo, meninos ainda; só fica a próle feminina — sempre fincada de cotovelos á janella, negaceando um marido, que é um mytho em terra assim, donde os casadouros fogem.

Pescam, ás vezes, as mais geitosas, seu promotor, seu delegadinho de carreira — e o caso torna-se um acontecimento historico criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbilical do correio — magro estafeta bifurcado em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postaes á garupa, murchas como figos seccos.

Até o ar é proprio; não vibram nelle sereias de auto, nem cornetas de bicycletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem ten-tens de sorveteiros, nem plá-plás de mascateiros turcos. Só o estremecem os velhos sons coloniaes — o sino, o chilreio das andorinhas que moram na egreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que, em bando rumoroso, cruzam a cidade, bem alto.

Terá poesia — mas os annos são de prosa...

Isso nas cidades. Nos campos não é menor a desolação. Leguas a fio se succedem de morraria aspera, onde reinam, soberanos, a saúva e seus allia-dos o sapé e a samambaia. Por ella passou o café, como um Attila. Toda a seiva foi sugada e, sob forma de grão, ensaccada e expedida para fóra; mas do ouro recebido em troca nem uma oitava permaneceu alli, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra: ou se transfez nos palacetes em ruina; ou reentrou na circulação eu-ropéa por mãos dos filhos-familias dissipadores.

A' mãe fecunda que o produziu nada coube; por isso, resentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz. E o deserto reganha as posições perdidas...

Raro é o casebre de palha que fumega, e entre-mostra em redor o quartelzinho de canna, a rocinha de mandioca. Na mór parte os raros existentes, des-colmarlos pelas ventanias, esburaquentos, afestoam-se do melão de S. Caetano — a hera rustica das nossas ruinas.

As fazendas são conventos, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Rodeiam a morada senhorial extensas senza-las vazias, terreiros de pedra com viçosas guanxu-mas nos intersticios. O dono está ausente. Móra no

Rio, no Oeste. Os cafesaes, extinctos. Os aggrega-
dos, dispersos. Subsistem apenas, como lagartixas
na pedra, um pugilo de caboclos amarellos, opilados,
de esclerotica biliosa, inermes, incapazes de fecun-
dar a terra, incapazes de abandonar a querencia,
verdadeiros vegetaes de carne que não florescem,
nem frutificam — fauna cadaverica de ultima phase,
a roer os derradeiros capões de café escondidos nos
grotões.

— Aqui foi o Breves; colhia oitenta mil arro-
bas...

A gente olha assombrada na direcção que o dedo
cicerone aponta: nada mais... a mesma morraria
núa, a mesma saúva, o mesmo sapé de sempre...
De banda a banda o deserto — o tremendo deserto
que Attila-Café criou...

Outras vezes o viajante lobriga ao longe, rente do
caminho, uma ave branca pousada no topo dum es-
peque.

Approxima-se lentamente, ao chouto rythmico do
cavallo: a ave esquisita não dá signaes de vida, per-
manece immovel.

Chega-se inda mais, franze a testa, apura a vista:
não é ave, é um objecto de louça... O progresso
cigano, quando um dia levantou acampamento dalli,
rumo Oeste, esqueceu de levar consigo aquelle iso-
lador de fios telephonicos...

E elle, immovel, lá ficará, attestando, mudamente,
uma grandeza morta, até que decorram os muitos de-

cennios necesarios para que o relento consuma o rijo poste de “candeia”, ao qual o amarraram um dia, no tempo feliz em que Ribeirão Preto era por lá...

Coisas do meu diário

OBLIVION

A cidadezinha onde moro lembra um soldado que fraqueasse em caminho e, não podendo acompanhar o batalhão, á beira da estrada se deixasse ficar, ex-hausto e só, com olhos saudosos postos na nuvem de poeira erguida além.

A civilização desviou-se della. O telegrapho não a põe á fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de unil-a á rêde por modesto ramalzinho. Subsiste unicamente o debil cordão umbilical do correio. Um estafeta, bifurcado em paciente matungo, todos os dias sóbe e desce morros, rompe varzeas e corta areaes com a mala postal á garupa, tão magra, porém, que melhor iria sob o lombilho, á guisa de pellego.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e le-pida, como os homens esquecem a actriz famosa, logo que se lhe desbota a mocidade.

E a sua vida de vóvó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Trazem-lhe os jornaes o rumor do mundo, e Oblivion commenta-o com discreto parecer... Mas como os jornaes vêm para somente uma duzia de pessoas, constituem estas a aristocracia mental da cidade. São "Os Que Sabem". Lembra o primado dos Dez de Veneza, a sabedoria dos Doze de Oblivion.

Attrahidos pelas terras novas, de feracidade seductora, abandonaram-na seus filhos; só permaneceram alli os que o solo prendia por fundas raizes, os de vontade anemiada, debeis, fakirianos. Esses, todos os dias, fazem as mesmas cousas, dormem o mesmo somno, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, commentam os mesmos assumptos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam — pitam longos cigarrões de palha, matadores do tempo.

.
Entre as originalidades de Oblivion uma pede narrativa: o como da sua educação literaria. Promovem-na tres livros veneraveis, encardidos pelo uso, com as capas sujas, constelladas de pingos de vela — lidos e relidos que foram, em longos serões familiares, por gerações successivas. São elles: *La mare d'Auteiul*, de Paulo de Kock, *ad usum* dos conhecedores do francês; uns volumes truncados do Rocambole, para enlevo das imaginações femininas;

e a *Ilha Maledicta*, de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas. O dono primitivo seria, talvez, algum padre, finado sem herdeiros.

Depois, á força de girarem de déo em déo, forraram-se á propriedade individual.

Quem, por exemplo, deseja ler o Rocambole, diz na rodinha da pharmacia:

— Onde andaré o Rocambole?

Informam-no logo, e o candidato toma-o das mãos do detentor ultimo ficando desde esse momento como seu novo depositario. Processo summarissimo e intelligente...

Quando se exgottou minha provisão de livros, e deliberei recorrer ao stock local, ignorante ainda da riqueza literaria da terra, dirigi-me a um dos Doze.

O homem enfunou-se de legitimo orgulho ao dar os informes pedidos.

— Temos obras de folego, poucas mas boas — disse — para todos os paladares. Genero pandego, para divertir, temos, “por exemplo”, *La mare d’Auteiul*, de Paulo de Kock. Impagavel!

— Obrigado. De Kock, nem a tuberculina.

— Temos o celebre Rocambole, “genero imaginoso”; infelizmente está incompleto, faltam “uns” dezesete volumes.

— Não me serve o resto.

— E temos uma obra prima nacional, a *Ilha Maledicta*, do “nosso” Bernardo Guimarães.

Parando ahi o catalogo, era forçoso escolher.

No concerto dos nossos romancistas, onde Alencar é o piano querido das moças e Macedo a semsaboria relamboria d'um flautim piegas, Bernardo é a sanfona.

Lel-o é ir para o matto, para a roça — mas uma roça adjectivada por menina de Sião, onde os prados são *amenos*, os vergeis *floridos*, os rios *caudalosos*, as matas *viridentes*, os pinaros *altissimos*, os sabiás *sonorosos*, as rolinhas *meigas*. Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do máo contador. Não existe nelle o vinco energico da impressão pessoal. Vinte vergeis que descreva são vinte perfeitas e invariaveis amenidades. Nossas desageitadissimas caipiras são sempre lindas morenas côr de jambo.

Bernardo falsifica o nosso mato. Onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinheiros, Bernardo aponta doçuras, insectos maviosos, flores olentes. Bernardo mente.

Mas como mente menos que o Kock ou o truculento Terrail, escolhi-o.

Ve'u o livro. Era um volume velho como um monumento egypcio e, como elle, coberto de inscrições. Cada leitor que passava ia alli deixando o rastro gravado a lapis.

“Li e gostei”, dizia um; “Li e apreciei”, dizia uma senhorita. Uma inscrição quasi em cuneiforme rezava: “Fulano leu e apreciou o talento do grande

escriptor brasileiro.” Outro versificava: “Já foi lido — Pelo Walfrido”. Certa moça dizia parcimoniosamente: “Li”, e assignava. Um amigo da ordem inversa pôz: “Li e muito gostei”. Houve um que discordou: “Li e não gostei.”

O patriotismo literario dum anonymo saiu a campo em pról do auctor: “Os porcos preferem milho a perolas”. Um monogramma complicado subcrevia: “O Rocambole diverte mais”.

E assim, por quanto espaço em branco tinha o livro, margens ou fins de capitulo, as apreciações se alastravam com levissimas variantes aos sobrio “Li e gostei” inicial. Havia nomes bem antigos, de pessoas fallecidas, e nomes das meninas casadeiras da epoca.

A mentalidade de Oblivion bebia á farta naquella veneranda fonte. Abeberavam-se, naquelle Bernardo, de “estyllo e boa language” conforme affirmou um; no Rocambole truncado exercitavam os musculos da imaginativa; e no Paulo de Kock os eleitos, os Summos (os que sabiam francês!) fartavam-se da leve *grivoiserie* permittida a espiritos superiores.

Essa trindade impressa bastava á educação litteraria da cidade.

Feliz cidade!

Si é de temer o homem que só conhece um livro, a cidade que conhece tres é de venerar. Veneração,

entretanto, que não virá, porque o mundo desconhece a pobrezinha da Oblivion. Mas, por não paga, uma divida deixa de ser menos devida ?

OS PERTURBADORES DO SILENCIO

O silencio em Oblivion é como o frio nas regiões arcticas: uma permanente. Não se comprehende a segunda sem o primeiro. Elle a completa; ella o define.

Durante a noite aquelle silencio é inteiriço como a escuridão. Os ouvidos, por mais que se apurem, nada ouvem a não ser um resoar vago e remoto, lembrando myriada de grilos microscopicos chiando em surdina. Não seria isso aquella harmonia das espheras, que refere o filosofo grego?

Mas durante o dia a integridade do silencio em Oblivion soffre lesões. Uns tantos rumores, sempre os mesmos, e periodicamente repetidos, constellam-no de soluções de continuidade. O seu velho inimigo, o Som, a espaços, berra dentro d'elle um grito sedicioso, tal qual o relampago que destroe momentaneamente o imperio das trevas. Mas o silencio subjuga logo, destroe e absorve o intruso.

A' frente desse grupo de Irreverencias está o Sino da egreja. Repicando missa aos domingos, ou chorando a defunto, alegre ou funebre — é o Sino o mais violento perturbador do Silencio de Oblivion.

Outro é a capina trimensal das ruas — o raspar das enxadas perturba-o com a insistencia d'um coaxar de sapo-ferreiro.

Outro é o fim das aulas; quando soam quatro horas, o portão do grupo borbota um fluxo de meninos, rompidos em algazarra, berrando, ganindo, cantando.

Outro, e este dévéras notavel, é o carrinho da Camara.

O carrinho da Camara é o vehiculo mais importante de Oblivion — que além d'elle só conta mais um, o Zé Burro, um solido preto mina empregado no transporte das cousas pesadas. E é o primacial por varias razões ponderosas, entre as quaes merece destaque o ser elle todo de ferro ao passo que o outro é de carne. Verdade seja que o carro só tem uma roda e o preto tem duas pernas. . . Mas como a roda do carrinho é bem centrada e bem redonda, e as pernas do Zé são cambaias, aquella superioridade desaparece e o carrinho installa-se de vez no primado.

Esta questão de primazias não vem ao caso, entretanto. Porque o caso é a perturbação do Silencio, determinada pelo carrinho.

Esse facto se dá da seguinte maneira: como o carrinho tem pouco serviço e passa a mór parte do tempo a cochilar no deposito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inacção, vem subrepticamente pintar de vermelho o eixo das rodas, de modo que, mal sae á rua o vehiculo, o pobrezinho do eixo grita como um

gottoso, geme, range e ringe — atroando os ares, perturbando lamentavelmente o Silencio de Oblivion.

Quando o Isaac-Fac-Totum — um mulato retaco, grosso e curto como uma tatorana — recebe ordem da Camara para ir a tal parte formicidar um olheiro de saúva, o rolete d'homem mette uma garrafa de capanema, uma enxada e uma caixa de phosphoros dentro do carrinho e, imagem da Compenetração, symbolo da Convicção Inabalavel, parte, *nhem, nhim, nhem, nhim*, através das ruas principaes da cidade em busca do mal aventureado olheiro.

Isaac, de sobrecenho carregado, leva o olhar attentamente fito no caminho — para evitar algum desastre.

Nas ruas desertas um ou outro cachorrinho estira-se ao sol. Isaac, a vinte passos, divisando-lhes o vulto, pára, leva a mão á viseira, firma os olhos.

— Diabo! A' mó que é o *Joli* do Pedro Surdo? — e com uma pedra o espanta:

— Sae “porquêra”! não *ouve* o carro? não tem medo de “morrê masgaiado?”

E convencido de que salvou a vida a um christão, Isaac-Garrafa-de-Licor--de-Cacáo retoma os varaes e lá segue *nhem, nhim, nhem, nhim*, por Oblivion afóra.

A's janellas acode gente. Crianças repimpadas no peitoril gritam para dentro:

— Mamãe, o carrinho “evem” vindo!

Muita mocinha nervosa deixa a costura e leva a mão aos ouvidos, exclamando:

— Que inferneira! não se pôde com esta barulhada!

Não obstante, o terrível vehiculo passa, indifferente á admiração ou á censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, *nhem, nhim, nhem, nhim*, empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Toco-de-Vela-Clichy.

E enquanto não torna ao deposito o silencio não reentra na posse dos seus dominios...

O DEDO DE DEUS

O Pinto é porteiro do theatro á noite, é remendão de guarda-chuvas de dia, e é de noite e de dia um portugêz retaco, de um metro e sessenta de altitude acima da sola dos pés.

Muito teso, conserva sempre um aprumo de quem enguliu sem mastigar um bom cabo de vassoura.

No mento traz cavanhaque, e bigodes pontudos entre a bocca e o nariz.

O papel importante da sua vida é, nos dias de dramalhão, ao fim do Epilogo, concretizar de modo palpavel o dedo de Deus interventor em prol da virgude conspurcada.

E' muito de ver nesse lance o magnifico Pinto trancar as portas do theatro, envergar a farda de

commissario de policia francês, com faixa vermelha a tiracolo, e: pan! pan! pan! abram em nome da lei!

Abrem, não ha remedio sinão abrir. E Pinto entra marcialmente, severizando o rosto, teso e rijo como a propria Justiça; entra e ferra o mão, o barão, o rico, levando-o aos trancos deante de si. Embalde o actor a figurar de mão o adverte em voz baixa: “calma, sr. Pinto, olhe que me magôa!” Pinto inflexivel, Pinto surdo, Pinto imagem viva do mata-piolhos divino em funcção disciplinar na terra, sacode o monstro pela gola, a ringir os dentes.

O publico, ao ver o mão, victorioso em seis actos, cair nas unhas do Pinto no setimo, respira alliviado. dá palmas em barda, e bravos á energia justiceira do homenzinho providencial.

Somente lá no fundo dos bastidores é que Pinto cae em si, vê que a prisão é de mentira e larga o pobre Mão.

Despe então a farda, ás carreiras, para correr ao seu posto de porteiro, onde, á sahida do povo, recebe cumprimentos dos amigos.

— O Barão viu fogo hoje, hein Pinto?

— Cá commigo é alli no duro! “Tanho” escola!

APOLOGO

O velho Torquato dá relevo ao que conta á força de imagens engraçadas, ou apologos. Hontem expli-

cava que o mal da nossa raça é a *preguiça de pensar*. E restringindo o asserto á classe agricola saiu-se com esta :

— Si o governo agarrasse um cento de fazendeiros dos mais illustres, e os trancasse nesta sala, com cem machados naquelle canto, e uma floresta virgem alli adeante; e si naquelle quarto puzesse ùa mesa, com papel, penna e tinta, e depois lhes dissesse: “ou vocês *pensam* meia hora naquelle papel ou botam abaixo aquella mata”, d’ahi a cinco minutos *cem* machados pipocavam nas perobas!...

AS CRIANÇAS

As crianças desadoram os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos onde a imaginação collabore. Entre um polichinello e um sabugo, acabam conservando o sabugo. E’ que este ora é um homem, ora uma mulher, ora é carro, ora é boi — e o polichinello é sempre um raio de polichinello.

O BEIJO DAS MOÇAS

As moças entre-beijam-se porque não podem morder-se umas ás outras. O beijo d’ellas é a evolução da dentada da pre-avó macaca.

A MESMICE

Um coronel inglês suicidou-se, “tired of buttoning and unbuttoning” — cansado de abotoar e desabotoar a farda.

A vida em Oblivion é um perpetuo “buttoning and unbuttoning”.

Mas não desfecha no suicidio.

Salvam-na a botica e o jogo. A botica porque nella ha uma sessão permanente de mexerico e o mexerico é a ambrosia dos logarejos pobres. O jogo porque quem perdeu não pode suicidar-se antes da desforra e quem ganhou vae alegre, a cantarolar que afinal de contas a vida é boa. E dessa forma escapam todos ao cansaço da mesmice.

A FOLHINHA

A folhinha, inventou-a algum boticario do “interior” para uso da sua cidadezinha, onde correm os dias tão eguaes e parecidos uns com outros que só por meio della distinguimos uma segunda duma quarta-feira. Um só dia tem feição propria: o domingo. Assignala-o a roupa limpa, a roupa nova, a roupa preta que toma sol pelas ruas no corpo de toda a gente. Redobram de movimento as praças. Caras novas de gente extra-muros dão os ares da sua graça. Ha mercado cedo, missas até ás 11; de-

pois continuam a assignalar o dia do Senhor, pelo resto da tarde, caboclos e negros, encachaçados, aglomerados pelas vendas. Vendem os negocios mais pinga nesse dia que durante a semana inteira. Todos voltam para as casas mais ou menos bebedos. Os de cair dormem na cidade. Os de vinho exaltado, no xadrez. E assim transcorre o bello domingo sem necessidade de se ir á folhinha para saber que é domingo.

VIAGENS DE D'ANTES

O general Couto de Magalhães tem razão. Ha um abysmo entre as viagens de S. Paulo ao Rio de hoje e as d'antanho. Entre a viajada de 14 dias a cavallo, com ar puro para os pulmões e bello panorama para os olhos, com pousadas nos ranchos, viola e cantigas de tropeiros, café coado na hora, á moda mineira, incidentes imprevistos, encontros de toda a especie, tudo rematado por um somno de pedra, á noite — e as 12 horas do trem de hoje, sem ar para respirar, sem paisagem para a vista (as janellinhas dos carros picam as grandes telas lateraes em quadradinhos sem encanto,), cheiros desagradaveis para o nariz — das pontas de cigarros aos “micos destripados”, — o mulato de boné na orelha a berrar estações, recor-tando confettis nos bilhetes, um caldo negro nos res-taurantes, baptisado, ó irrisão! com o nome de café — vae um abysmo, o mesmo que separa o ovo fresco

da pilula inventada pelo chimico, com força nutritiva egual á d'aquelle, muito boa, etc. e tal uas... pilula.

TOURADAS

Transformaram o antigo velodromo em circo de touros; metade das archibancadas virou Sombra, a mil réis, e a outra metade Sol, a quinhentos. Num camarote enfeitado de metim amarello e verde puzeram um “intelligente” pegado a laço e immensamente bronco. Ao seu lado um “clarim” tuberculoso. Cada vez que soprava na corneta faltava-lhe folego para um som completo, e o povo ria-se. Toureiro de verdade havia um, o Antonio Corajoso, empresario, bilheteiro e assessor do “intelligente”. Mais dois açougueiros vestidos de *toreros*, com o competente rabicho, completavam a *cuadrilha*. A cada passinho Corajoso berrava para o “intelligente”: dê ordem de recolhida, faça isto, faça aquillo. E o pobre “intelligente” via-se tonto para conciliar uma burrice innata com os deveres do cargo. O povo vaiava ou applaudia, num tom amolecado que era toda a graça da festa. Réles, mas divertidó. “Feche a bocca, negro! Está com fome? (isto para um toureiro mulato). “Recolham esse canivete aleijado! (para um zebuzinho preto, muito magro). Hu ! hu ! Tira leite dessa vacca, ó canudo de pito!”

Uma farpa feriu um boi na veia e o sangue começou a esguichar. Enternecimento geral. Parou a tourada para se remendar o boi. Laçaram-no, coseram a ferida — operação demorada que consumiu vinte minutos. O povo, tomado de piedade, não consentiu que farpeassem os demais.

Havia palhaço, e este palhaço fazia jus ao cinturão de ouro do Desenxabimento e da Molleza. Tinha preguiça até de andar, preferindo apanhar marradas a apressar o passo.

Lá quando a banda de musica atacou a “Amou-reuse”, o ladrão atravessou a arena, dançando. Mas valsava com tamanha preguiça que o povo rompeu num berreiro encolerizado. “Lyncha o cynico!” “Mata!” E choveram-lhe em cima desaforos e cascas de pinhão.

Rematou a festa a “pantomina”, como rezava o programma.

Appareceu o Pançudo, figura de um comico prodigioso.

Tinha tanto de largo como de alto. Perfeita esphera, encimada por uma cabeça e “embaixada” por dois pés. Era um homem acolchoado. Mal appareceu, em passinhos miudos e lentos, uma voz o denunciou: “E’ o Zé de Mamã ! Ahi, negro safado!”. E toda a gente morreu de rir ao ver o pobre preto, muito sério, a suar em bicas dentro da couraça de colchões. O boi investiu, e remessou-o longe. Vieram erguel-o os toureiros. Nova investida, novo re-

bolar. Nova erguida. E a bola approximava-se do touro, já desconfiado, em passinhos miudos de quem traz as pernas presas, offerecendo o trazeiro á marcada, um trazeiro onde havia um sol pintado de vermelho. O povo torcia-se de gozo. Por fim, todo esfuracado, com a palhaça espipada, recolheram-no a pulso, rolando-o pelo chão qual uma pipa...

O REI

Mette dó, nas touradas, o papel do boi, animal bronco — mas cheio da nobreza respeitavel de toda a bronquidão honrada e séria — posto a lutar com uns macacos enfeitados, que ora fogem para aqui, ora se escondem alli, ora se esgueiram aos bótes, bobeando o pobre animal com uma capa vermelha. Não ha luta. O boi, tomado de colera, investe contra o inimigo para se bater á moda heroica, de habito entre os seus. Mas só encontra vultos fugidios, miragens de homens que se somem ante suas marra-das. Por fim o touro, comprehendendo o papel grotesco a que o obrigam, embezerra, baixa a cabeça, com lagrimas de vergonha e dor nos olhos bondosos, e não se presta mais ás sórtes.

O papel do boi será idiota, mas o do toureiro é vil. No emtanto, o homem é que é o rei dos animaes...

SALTO ALTO

A Benedicta, cozinheira da casa do João Sara-cura, passou annos de vida a sonhar com um par de sapatos de salto alto. Um dia, encheu-se de coragem e applicou as economias n'um delles. Inaugurou-o numa tarde de procissão. Pois torceu o pé e está ha dois mezes no hospital. Moralidade: o melhor da festa é ainda esperar por ella.

A ENXADA E O PARAFUSO

Cada terra com seu uso. O nosso theatrinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é um euphemismo. Havia lá dentro uma enxada velha pendurada de um arame, e um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os signaes eram repicados alli.

Veiu um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo seus sonidos por tres pancadas de páo, batidas no assoalho. No primeiro dia o povo da platéa entreolhou-se ao ouvir aquillo e lá pelo poleiro houve risadas e assobios. O delegado quiz intervir:

— Estes diabos parece que estão mangando com-nosco!

Explicações. O empresario provou que aquelle systema era a ultima moda de Paris. Os espectadores entreolharam-se, desconfiados. Estavam nessa

indecisão quando o Major dirimiu a pendenga com o peso de seu vozeirão.

— Mas isto aqui não é Paris.

— Bravos! Bravos!

E a velha enxada sonora voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.

RABULICES

Nos dias de Jury reúnem-se os advogados e rabulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a vir, os ultimos a sair, como gente que procura gosar, bem gosado, um ambiente poucas vezes favorecido pelas circumstancias. E alli, como peixes n'agua, á vontade, dão largas á comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminaveis palestras sobre processos, actos judiciarios, movimento forense, nomeações, negocios profissionaes, pilherias juridicas. As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e factos juridicos, a modo de só tomarem conhecimento das relações entre o facto e a lei escripta e nunca entre o facto e a lei natural — o que é proprio de philosopho. Na natureza só veem coisas fungiveis, infungiveis, moveis, immoveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de emphytheuse — a carne e o osso, emfim, da propriedade. Essa janellinha que o artista e o philosopho trazem aberta para a natureza bruta ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em

perenne esfervilhar, e outra como oceano de paixões onde se debate o *homo* — animal filho da natureza, todo elle vegetação viçosa de instinctos violentos — o homem de leis abre-a para a rede de fios só para elle bem palpaveis, fios que elles tramam e destramam, fios que atam os homens entre si e depois á Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca que isso é engloba-se dentro da mais bella concepção do idealismo — a Justiça...

TALENTO DE CARANGUEJO

Um “servidor da patria” custa-nos 600\$000 por mês. Em 30 annos de serviço comeu 216 contos. Em 20 annos de aposentado digeriu mais cem. A viuva roe de montepio mais uns cincoenta. Total: trezentos e tantos contos para gatafunhar papel com — Expeça-ses, Remetta-ses, Conferes, etc.

Sem elles os negocios do Estado marchariam na mesma, sinão melhor.

Um kilometro de estrada de rodagem custa ao governo 30\$000 réis por anno, de conservação. O conservador conserva para si o cobre e conserva os buracos da estrada, de modo que nunca as temos transitaveis.

Com o preço de um “servidor da patria” — estafermo hemorrhoidario de inutilidade comprovada, construia-se uma estrada inteira de macadam ou de

pedra, á romana, e o país daria uma passada larga para a frente. Não obstante a simpleza deste calculo, continuamos a não ter estradas para termos “servidores da patria”.

Que animal de talento é o caranguejo!

OS PIOS

Ha na casa do Octacilio uma collecção de pios de inambú. Mais de cincoenta. O irmão explicou-nos o caso. Octacilio é um genio em materia de pios. Afeiçoa-se com tal mestria que ave nenhuma, piada por elles, vacilla um segundo. E como é assim, recebe sempre encommendas de pios, por parte de amigos caçadores. Octacilio não se furta a fabrical-os; mas, si saem perfeitos. Octacilio não tem animo de se desfazer das obras primas, e guarda-as. Ora, como Octacilio é um artista perfeito, os pios nunca saem imperfeitos. Vem d’ahi possuir Octacilio um arsenal de pios e os seus amigos morrerem de velhos sempre á espera de obter um pio marca Octacilio.

DESEQUILIBRIO

Outrora na Polonia, diz Sorel, os camponios não se sentiam cidadãos, a nação os repellia, e elles não a conheciam. O nosso caboclo está nessa phase. Pela extrema disseminação vive insulado. Não for-

ma sociedade. Pontos de contacto com o governo, pouquissimos: o inspector do quartirão, o soldado do destacamento, o juiz de paz no dia do casorio. Em materia de religião, deformaram o catholicismo de parceria com o negro, e cultuam essa caricatura do christianismo. Guardam dias-santos, baptisam-se, e só. A's vezes acompanham uma procissão. As camaras mataram o Divino, que era a unica parcella de exterioridade catholica a chegar até elles, porque ambulante por caminhos e devezas. O padre: sentem-lhe o contacto no baptismo e no casamento. Fóra d'ahi nunca mais. O commercio cifra-se no mascate ou no italiano de vendola fixa, que fia e lhe compra os mantimentos com antecipação de colheita. Despedados em absoluto da vida mental do país. Em lucta permanente com a terra e o tempo. Nunca recorrem á justiça — têm-lhe medo, sabem como ella é iniqua para com o pobre. O governo, o chefe supremo, é um rei de baralho. A gente das cidades são os graúdos. Desconhecem a escola. O antagonismo entre os interior-sertão e o littoral civilizado é tão grande, e accentua-se tanto, que o phenomeno Canudos ameaça, no phenomno Contestado, de erigir-se numa permanente...

PE' NO CHÃO

Fica no extremo da rua o Grupo Escolar, de modo que a meninada passa e repassa defronte á nossa

janella. Notei que muitas crianças soffriam dos pés, pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma dellas:

— Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

Ella baixou a cabeça, meio vexada; depois confessou:

— E' "inconomia".

Compreendi o caso. Como nos Grupos não se admittem crianças de pés no chão, inventaram as mães pobres aquella pia fraude. Um pé vae calçado; o outro, doente de um imaginario mal chronico, vae descalço. Assim, um par de botinas dura por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funcções.

Dest'arte, guardadas as conveniencias, fica o dispendio reduzido á metade. Acata-se a lei, e guarda-se o cobre.

Bemditas sejam as mães engenhosas!

A RELIGIÃO

A Nonoca. (ella e todas as mais) usa a religião como um chale de familia. A mãe já o trazia, como o trouxeram a avó ,a bisavó, a tataravó. Ensina-ram-lhe em pequena como se penteia o cabelo e como se enleia a alma na religião — mas sem falar em alma. E a religião das mocinhas, transforma-se em puro entraje externo: a missa, a novena, o padre,

a communhão. E como o figurino não varia, o chale é o mesmo que usou a avó, as mesmas as ramagens, o mesmo o geito de o trançar. O espirito não entra alli por um escrupulo sequer. E' um traste caseiro de uso forçado e machinal.

CABECINHA DE BONECA

Um delles viu numa revista a micro-fotografia duma pulga. E contava o caso ao irmão menor, na sua linguazinha pitoresca.

— E' cheia de ossinhos por dentro! Tal qual a gente...

O outro ouviu dubitativo e resolveu tirar a prova. Apanhou uma pulga do *Joli*, estalou-a entre as unhas e examinou-a minuciosamente. Depois concluiu:

— E' mentira! Pulga não tem osso. O que ella tem dentro é um estalinho!

BARQUINHA DE PAPFL

Quando chove, logo que passa a carga d'agua e o enxurro transforma a rua num systema potamographico de rios e riachos vermelhos, começam a derivar barquinhas de papel. A casa do Joaquim, o moleque chefe da rua, vira estaleiro. Saem de lá as grandes, com bandeirolas. A mocinha da esquina tambem deita a sua. E quem a seguir com os olhos

verá o rapaz moreno que mora na outra esquina, e está á janella, correr á rua, apanhal-a, e ler, risinho, a mensagem a lapis da sua namorada...

O HEREJE

Os filhos do capitão Zarico brincam todos os dias debaixo da minha janella. E' a ciranda, é o pegador, é a senhora pastora. A preta Esmeria fica, com o caçula ao collo, vigiando-os. Hoje estava lá ella ás voltas com o pequerrucho:

— Quem tirou tirou o toucinho d'aqui?

— Foi o gato.

— Que é do gato?

— O fogo queimou.

— Que é do fogo?

— O boi bebeu.

— Que é do boi?

— Está dizendo missa...

Resmunga a preta:

— Crédo! Tão pequenino e já hereje como o pae...

JUQUITA

O Juquita é o terror da bicharia miuda.

Cães e gatos conhecem-no de longe. Esta manhã estava a brincar com um sanhaço semi-morto que,

de repente, não se sabe como, sumiu. O menino procurava-o quando passei.

— Não viu o meu sanhaço?

— O gato o pegou, de certo — suggeri.

— O gato? — e Juquita riu-se com um ar apiedado da minha asneira — o gato não tem *coragem* de chegar perto de mim!

A IDADE FELIZ

Sempre que me vê sentado, a escrever, trepa-me ao collo o Guilherme e fica muito attento a seguir os movimentos da penna sobre o papel.

— E' trem? pergunta.

— Não, filhinho, estou a escrever.

— E' carta?

— E'.

Satisfeita a curiosidade, fica a olhar, fungando... De repente acode-lhe uma idéasita e pede que "escreva um trem". Não ha remedio sinão interromper a carta e pintar um comprido trem de ferro, com innumeros vagões de muitas janellinhas.

Si esqueço a fumaça da locomotiva, reclama-a logo, como reclama rodas e janellas n'algum carro onde as haja de menos.

— Agora escreva um corvo sentado aqui — e o dedinho gordo aponta a chaminé.

— E um boi aqui. E um gatinho aqui. E um porco...

E o trem vae virando poleiro de bicharia. No melhor da festa, porém, o seu corpinho molleia, descaem-lhe os braços e todo elle se mergulha num somno de anjo...

CARNAVAL

Terça-feira de entrudo. Está cheio o cinema. Vaporiza-se o ar de ether perfumado. Vae luta accesa pelos camarotes. Mocinhos sorridentes afrontam com esguichos de bisnaga as mocinhas empilhadas dentro, as quaes repellem o assalto escondendo os olhos, todas retorcidas em momices e requebros. Sacodem os lança-perfumes á altura dos olhos dos assaltantes e põem-nos afinal em desbarato. Victoriosas e afogueadas, ellas commentam a luta, examinando as bisnagas n'um rapido balanço da munição consumida. Os paes, a um canto, aconselham economia — que um tubinho daquelles vale o preço duma arroba de café! Mas a peleja cresce de vulto, ganha o theatro inteiro. Onde está um grupo de mōças, está a escaramuça. Ha guerilhas pelos corredores, pégas tremendos na platéa. Veem-se marmanjos abandonar de subito a refrega, e fugir, de mãos nos olhos em braza, cuspihando os confettis que lhes atafulham na bocca.

Todo o mundo está pintalgado de rodelinhas polychrómicas que ás caras suadas se grudam, como obreias.

Subito, a luz se extingue. Cessa a guerra, resfriada a meio pelo armistício da treva. Vae começar o espectáculo. Abre-o uma sornice desenhada de Pathé. A' téla desdobram-se umas scenas, sempre as mesmas, demonstrativas da pieguice do francês que, decididamente, em cinematographia, é um Deos nos acuda de chateza. Não faltam os celebres beijos compridos — que já o povo chama beijo de cinema — beijos que arrancam suspiros ás meninas frangotas fazendo-as pousarem o pensamento nos Chiquinhos, Zézinhs, Lulús e Totós dos seus anhelos, áquell' hora perdidos no escuro da platéa. Já Escrich — o unico romancista lido com prazer pelas nossas meninas — lhes havia ensinado o como, porque e quando de taes beijos de metro e meio. As fitas vieram completar o curso com a exemplificação visual. Haja occasião e os Chiquinhos e Zézinhs colherão os fructos do ensino. Escandalizam-se os velhos com isso, mas é inveja pura, que taes beijos são a maior delicia da vida...

Após a “pathesada” entra a Cines a maçar o povo com um trabuco historico da época romana. Para o diabo os romanos!

Ao cabo, reaccende-se a luz — e refere de novo a batalha. Rebentam estouros de bisnagas varias remessadas ao chão.

O calor suffoca. Explodem gritinhos, risadas. O exercicio carmina as faces das moças, pondo-lhes

em alta a belleza. Ficam lindas as bonitas, apaga-se a feiura ás feias.

Carnaval! Carnaval! Tró-ló-ló!

Numa frisa de meninas vestidas de papel de seda encrespado, um pequerrucho de tres annos cabeceia de somno. Está empapelado de carmesim, com um grave nariz de homem a recobrir o narizito que Deus lhe deu. A cabecinha pendê-lhe sobre o hombro. Dorme — dorme o somno dos anjos...

O JESUINO

Quando os juizes de facto se fecham (ou são fechados) na sala secreta, ficam de guarda á porta os officiaes de justiça. O juiz vae fumar e a prosa se generaliza dividida em grupos. O grupo donde saem coisas mais interessantes é o dos officiaes de justiça. Jesuino, porém, é o unico interessante. Os mais, uns songamongas. Jesuino é o decano da clan. Mulato velhusco e grandalhão, tem um falar pausado e lento como carro de boi serra acima. As historias que desfia são sempre as mesmas — aventuras onde o meirinho trunfa ás avessas. Já absorveu muita pancada, e até cargas de chumbo.

Como é homem da lei, não reage sinão por meio da lei. E' comesinho ir citar um caboclo na roça e ser hospedado a guatambú. Mas volta glorioso. Cada gallo na testa, cada vergão no corpo elle os

traz como estigmas do martyrio que vive padecendo em prol da Justiça. Exhibe-os ao juiz e exhibe-os sobretudo á parte que promoveu a citação. Esta commove-se e paga-lhe o gallo. D'ahi a calumnia dum seu collega de officio:

— O Jesuino ganha mais com os gallos da testa do que com as custas. Para mim aquillo é embroma. Elle cita o homem e de volta vem dando cabeçadas nas porteiras para pegar a gorgeta...

Cavallinhos

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE GORADO)

(Saleta em casa de D. Didi. Lauro, seu sobrinho, está só, fumando, na cadeira de balanço. E' dia de procissão. Noitinha. Elsa é a filha casada de D. Didi. Juquinha é o filho de Elsa. O mas o leitor entenderá, se lêr e não fôr pèco).

Elsa entrou da rua como uma papoula suada, na sua blusa de seda carmesim, e repuxando com o dedo a gola, refrescava o pescoço afogueado com abanos freneticos de leque. Falou da procissão que estava linda, um povaréo, muitas palmas. Disse que nunca vira tanta gente na igreja; que nem se podia respirar, que estava assim! (e apinhava os dedos), que a filha de Nha Vica fez um berreiro dos demonios, que não sabia porque levavam crianças á igreja. Depois interpellou o primo:

— Porque não foi, Lauro?

— Eu... ganiu o primo derreado na cadeira de balanço. Não concluiu. Entrava dos fundos D. Didi. Elsa beijou-lhe as mãos, abraçou-a.

— Porque não foi, Didi, aos cavallinhos, hontem? Esperei-a lá. Não imagina o que perdeu! A companhia é optima!

— Não pude, passei mal o dia, dôr de cabeça, visitas...

— Pois perdeu. Ha lá um menino que é um prodigio — pouco maior que o Juquinha, completamente desengonçado. Faz trabalhos pasmosos, que contando não se acredita. Pega nas duas perninhas e cruza-as na cabeça, aqui na nuca, e com as mãos pula como um sapo. Depois desengonça a cabeça e gyra com ella como se a tivesse presa por um barbante. Uma coisa extraordinaria! O sujeito do trapezio não trabalha mal. Achei muita graça no Juquinha — era a primeira vez que elle ia ao circo: “de que é que você gostou mais”? perguntei:

— “Eu gostei mais do homem que se balança na rede e cae na peneira”. A rede é o trapezio e a peneira é a rede de malhas...

Todos riram, a vóvó com delicias, Lauro complascente, e Juquinha, que estava á janella cuspi-lhando nos transeuntes, recebeu olhares cheios de admiração amorosa. Elsa parolou inda um boado. Depois, voltando-se para o primo:

— Que horas são, Lauro?

— Sete e meia, expectorou o moço com um pigarro que foi cuspir á rua.

— Quasi horas!... Começa ás oito. Não vae, mamãe? Vá, a senhora precisa de distracções. E’

por causa desse aferrolhamento em casa, que anda assim, magra e amarella. Saia, espaneje-se!

Nisto espoucaram foguetes. Elsa contou-os de dedo para o ar.

— Tres! é o signal. E você, Lauro, vae ou?...

— Pode ser que sim, pode ser que não, gemeu o philosopho.

— Diabo de rapaz este! “Pode ser”!... Ó velho de cem annos, ó caramujo! desate isso, vá!

— Fazer ? Ver trapezios ? meninos desossados ? palhaço?... Iria, si não houvesse lá nenhuma dessas cousas, nem a moça que corre no cavallo, nem o homem do arame, nem...

— Mas que é então que havia de haver?

— Nada; gente nas prateleiras cochilando e na arena um gato morto, a cheirar...

— Só? Ai que já é mania d’originalidade! Pois vou eu. Não tanto pelos trabalhos como pela troça, o farrancho. Bole-se com um, atira-se uma casca de pinhão n’outro, e assim corre a noite alegremente. E quem não fizer isto, neste cynismo de terra, morre encarangado, cria orelha de páo!

Ageitou sobre o penteado o fichú de sedinha verme!ha, deu uns retoques á cara, deante do espelho, e com um “até logo, corujas”, sahiu com o Juquinha pela mão.

D. Didi recolheu. Lauro ficou outra vez só na saleta, uma perna sobre o braço da cadeira, fumando pensativamente. Zoava-lhe ainda no ouvido

a parolice viva da prima. Consultou o relógio: quasi oito. Ergueu-se, tomou do chapéo e saiu.

Noite clara. No alto a lua cheia apascentava um rebanho de nuvenzinhas acarneiradas. Lauro deambulou a esmo, de mãos cruzadas ás costas, batendo o calcanhar com a ponta da bengala.

Famílias deslisavam pelas ruas com rumo ao circo; deslisavam como sombras, á luz baça do kerozene. Magotes de pretas passavam, taralhando, n'um rufo de saias engommadas. Iam com pressa, n'uma açodada ansia pelas molecagens do palhaço.

E Lauro rememorou os tempos em que tambem elle se tomava d'aquella sofreguidão, nos dias magnificos em que o pae annunciava ao jantar: apromptem-se, que hoje vamos aos cavallinhos. Com longa antecendencia já elle e os irmãosinhos estavam vestidos com a roupa nova, gorro de marinheiro, bengalinha de junco, sentados á porta da rua, esperando anoitecer. No bolsinho tiniam tostões para as empadas. Lauro reviu nitidamente o Laurinho de outrora, trotando para o circo á frente do farrancho, e, depois, sentado na terceira fila das archibancadas, com olhadelas gulosas para a ultima, rente ao panno, onde se repimpavam os moleques. Lá é que era a pandega!

Soava a sineta. O povo pedia o “paião”. Vinha um “casaca de ferro” espreitar os lampeões. Era um berreiro: arára, arára! ó caradura! O homem, impassivel, ia graduando a luz dos belgas, um a um,

sem pressa ; depois, pegava da corda e içava aquella corôa de lampeões accesos, aos goles, até meio mastro.

Rompia a musica. Bem maçante a musica. Dava somno... Afinal, começava a função, e o palhaço entrava como uma bola, rolando em cambalhotas. Tão engraçado ! Um relógio nos fundilhos do calção marcava meio dia. Na cabeça, inclinado para a orelha, o chaspelinho de funil, microscopico. Bastava-lhe ver o palhaço e desandava a expremar risos sem fim. A cara caiada, as enormes sobrancelhas vermelhas, os modos, a roupa, tudo tinha tanta graça...

Mas o melhor eram as micagens e as historias. “Venha cá seu cara de burro, quem de vinte tira dois quanto fica ?” O casaca de ferro respondia : “Dezoito, naturalmente”. “O’ burro, fica zero !” O povo estourava de riso, e Lauro com elle...

Depois vinham os trabalhos. Não gostava. O arame, que caceteação ! O trapezio, maçante... Mas gostava dos cavallos porque reappareciam com elles o palhaço e o Tony. Oh ! como era bom quando havia Tony ! A gente estava distrahida e de repente *plaf !* Que foi ? O Tony que cahiu ! E cada tombo...

No melhor da festa apparecia um idiota com uma taboleta : INTERVALLO. Era o desmancha prazeres, e porisso tinha-lhe odio.

Todos saiam. Ficava só a mulherada. Lauro cochilava então e ás vezes dormia, recostado na taboa

dura. Ao termo d'um quarto d'hora voltavam todos, e o papae trazia embrulho de doces, pasteis...

A pantomima! Era o melhor. "Saltadores da Calabria", a "Estatua de carne..."

E a "Maria Borralheira"? Vira-a duas vezes, e nunca havia de esquecer aquelle desfile de figurões historicos, Garibaldi de muletas, o general Deodoro, Napoleão...

Nisto chegou Lauro á praça onde zumbia o circo. Lá estava a classica barraca, illuminada por dentro, deixando vêr desenhada no panno a silhueta dos espectadores repimpados nos bancos de cima.

Em redor, taboleiros, com lanternas dubias a alumiar as cocadas queimadas, os pés de moleque, as talhadinhas; e mulatas gordas, ao pé, vendendo; e bahús com pasteis, cestas de amendoim torrado, balaies de pinhão cozido. E grulhando em torno os pés-rapados de bolso vasio que namoram as cocadas engulindo em secco, e admiram com respeito os peitudos que chegam á bilheteria e malham na taboa um punhado de nickeis, pedindo com entono: uma geral!

O encanto de tudo aquillo, porém, estava morto. Tanto é certo que a belleza das coisas não reside nellas, sinão na gente...

Noite de S. João

.
— A' fogueira!

Confluem todos para ella. A palhaça de milho sotoposta á lenha miuda que lhe servia de intestinos vê-se ateadada em fogo pelos quatro lados. O fogo pega e é, a principio, uma crepitação indecisa, acompanhada d'um fumegar discreto. Depois, estrepitante, estala, e rôla bojos de fumo espesso de dentro da prisão de tóros que quatro espeques de jissára mantem em fóрма, escorados nos encruzes.

Pannos de labareda esgarçam-se, tentando seguir a fumaça faúlhenta em seu vertiginoso arranco para o alto. Um clarão vermelho illumina o terreiro, e chapeia os vultos d'um debrum de cobre polido.

E barulham gritos, palmear de crianças, apupos e vivas aos quaes casam os bambús do recheio seus estouros de bomba. A faiscalha ascendente galga o céo recamado de estrellas como um chuveiro invertido.

O frio fino da noite attrahira os fandangueiros em torno á fogueira, de mãos espalmadas para o seu calor irradiante. Mãos e pés. Um diluvio de pés entanguidos, pés de marmanjões, pés calçados e “pés no chão”, pesinhos de criança, pés brancos, pés pretos e pés mulatos — das criadinhas e molecotes, crias da casa, em alegre confraternisar apinham-se junto della nas mil attitudes do “aquestar fogo”.

Furta-lhe a criança os tições a geito e, guiada pelos mais peraltas, scinde-se em grupos para queimar bichas da China ou bichas de rebear. O ar estrelleja ao estalo daquellas enquanto estas zig-zagueam pelo chão chiando faiscas, como buscapésinhos de Liliput.

A porta da casa escórva-se o primeiro pistolão de côr.

— Caminho, gente! “Evae” fogo!

Abre-se uma ala por onde, d’um repuxo de faiscas, jorra a primeira bomba d’um verde de doer nos olhos.

O esverdeamento da scena attrae todos os olhares, seguidos d’um espontaneo e sincero “bonito!” Vem outra mais forte, vermelha, e outra azul, e outra branca... A cada *plâff* ha um voltar geral de caras e, ao ultimo, um — “que pena! outro! outro!” E os pistolões se succedem, com reboliços na molecada ao fim de cada um, para a disputa do canudo.

Aqui o quadro perde a unidade. De cada lado scenasinhas pittorescas dividem a attenção.

Subito:

— Ma-mãe, Zequinha quei-queimou eu!

Um menino apparece berrando, a sacudir um dedo preto do chamusco d'uma bicha que o irmão "de proposito" lhe atacara em cima. Acodem mulheres, que rodeiam a criança com exclamações de piedade. Uma velhota lembra o kerozene como um porrete para queimaduras. Surge logo uma lamparina de petroleo ás mãos duma creadinha e concerta-se o dedo ao Jojoca, que, mal sarado, fungando e soluçando ainda, lá se volta ás bichas, seguido de longe pelos olhares resabiados do Zequinha ao qual a mãe, estalando os dedos, ameaçou com um "amanhã você me paga" — sem consequencias, sabe-o elle. Não o apadrinhasse S. João...

N'um grupo de taludotes conspira-se visivelmente. Tudo alli são meias-palavras e cochichos: *busca-pés... no meio do povo... vae ser uma pandega...*

N'outro, de fedelinhos, o Zequinha se fazia centro de minuciosa attenção e, sobre o silencio só quebrado por um ou outro soluço do Jojoca, desmanchava um pistolão á cata das bombas, distribuindo polvora aos amigos.

Nisto rebentam palmas no grupo dos moços.

— Bravos! viva a sanfona!

Era o Quim da venda que chegava, espremendo um dobrado na sanfona fanhosa.

Rodeiam-no; “inspiram-no” com uma vez de caninha; e cada qual vae pedindo a valsa da sua predilecção. Elle sorri, ancho, perguntando: mas afinal que é que meceis querem?

Teve maioria uma *Não te esqueças de mim* — “muito dançante”, na opinião de Sinhazinha Lopes — a cujos primeiros compassos os pares se uniram de peito, circulando em torno á fogueira a sussurrarem ao ouvido as eternas amabilidades do galanteio.

Um magote ao lado commentava:

— Parzinho geitoso, a Miloca e o Lulú, não ?

— E gostam-se desde meninos; ouvi dizer que ella já foi pedida.

— Historias. Quem foi pedida, um dia destes, foi a Nenê. Mas parece que o sujeitinho levou táboa.

— Bem feito! Tenho birra áquelle coisinha: pensa que é gente... Não viu o que andou dizendo de mim? Como coisa que eu era capaz de dar confiança a um moleque da marca delle...

A sanfona gemia cadenciada, com o Quim deitado sobre ella, alheio ao mundo. Tocava bem, o ladrão, sobretudo quando lhe graduavam com sciencias as doses de pinga.

E aquelles sons rythmavam os movimentos dos pares em gyro valsado, enlaguecidos d’um mixto

de amor e bem estar physico. Perto delles espocavam as bichas, chiavam fogos inutilmente; nem siquer lhes attrahia os olhares o *puff* balofo dos derreiros pistolões.

Subito, chiou ao longe um busca-pé de limalha e como um raio epileptico enveredou pelo meio do povo, aos corcovos, criando o panico e a debandada.

Os dançarinos fugiram espavoridos, com as damas penduradas ao peito, e a meninada prorompeu numa grita atroadora — meio medo, meio contentamento. Os velhos protestaram indignados, que era uma patifaria, que aquillo não se faz.

No meio da desorganização geral só não largou o posto o Quim, sempre deitado na sanfona, alheio ao mundo, absorto nas sonoridades fanhosas que su'alma de artista tosko ia arrancando ao instrumento querido.

Cessado o panico com o estouro final do busca-pé, surgiu o tio Pedro, de porretinho em punho, para “ensinar” o malvado. Quem foi? quem não foi? Não fora ninguem, ninguem vira. Fervia ainda o commentario e a indignação quando entram para o terreiro duas criadas carregando bandejas com chicharas e bules.

— A gengibrada! “Evem” a gengibrada!

Foi agua na fervura. Todos se lembraram da garganta e esqueceram o busca-pé.

Era a vez de concertar os gorgomillos e matar no ovo a possivel constipação. Por minutos um so-

prar de chicharas e um chuchurrear estalado de lingua dominou todos os barulhos.

— Está supimpa!

— Isto regenera o fígado.

— Corrobora, pois não.

— Mais uma chicara, D. Lulú?

— Está ardidinha, está, mas boa que dóe!

— Para mim nada como uma gengibrada com garapa! Me pélo!

— Está d'appetite, como diz o Eça.

Este commentario saiu do literatelho da roda, Julio da Silva de nome, e Julius d'Alcatrava no pseudonymo com que desovava sonetos semanaes nas folhas da terra. A Candoquinha, de ha muito pelo beço, achou-lhe uma graça immensa:

— E' da pelle, este seu Julio!

Bem gengibrados, dispersaram-se de novo.

O Quim annunciou quadrilha. Organizaram-na num ápice.

Quem marcava era o Julio. Ah! o Julio tinha uma graça para marcar... Era da pelle!

— "En avant tour"!

— "Grande chaine"! — "Tour, à pas de "porca"!"

Gargalhadas, *quidá, quidá, quidá*; a Candoca fundia-se de gosto.

— Este seu Julio tem cada uma!...

Uma ex-musa do poeta não se conteve:

— Credo, Candoca! você está escandalosa.

— Deixe. Isto é para quem pode...

— “Joujou d'enfant”! — “Grande Confusion! Tour”!

— Seu Julio, outra vez “joujou d'enfant”!

— Arre, Candoca!

Para lá da fogueira enchia-se um grande balão. A criançada rodeava-o, acotovelando-se, na ansia de ver melhor. O Zequinha era quem accendia a mécha e distribuia tabefes aos atrapalhadores. Um fumo sujo enchia o bojo multicolor.

— Está prompto, pode largar!

— Ainda não, bôbo!

— Falta gaz...

— Agora!

O “segurador”, sentindo-o com força, largou-o e o balão, vacillante, subiu á prumo.

Foi um berreiro.

— Viva o balão! Viva o Santos Dumont!

O Julio, que nesse momento estylizava um “tour” com a sua “vis-a-vis”, a Candoca, aproveitou a ensancha para um dito.

— O amor, D. Candoca, é como o balão: quanto mais rapido sobe, mais rapido desaparece.

— Bom pensamento para um cartão postal, suspirou ingenuamente a menina, envolvendo o seu poeta num olhar de mel.

Nisto a fogueira desmoronou, golphando um bulcão de faúlhas para o céu escuro.

— Bonito! Parece o Vesuvio!

O Julio incontinente “cascou”:

— Sabe, D. Candoca, como Deos fez as estrelas? Mandou que os anjos cortassem uma floresta e armassem uma grande fogueira da altura do Hymalaia. Accendeu-a e, quando tudo estava em braza, despegou um pedaço de céu, e arremessou-o sobre ella. Ergueu-se então um repuxo immenso de faiscas que foram subindo, foram subindo, até que se grudaram na abobada negra do firmamento...

— Lindo! Ha de escrever isso no meu album, esse lindissimo pensamento, sim? O que é ter alma de poeta...

E lambusou-o de um novo olhar de mel onde não se sabia o que mais babava, si o amor, si a admiração pelo estheta...

.

Grammatica viva

*De como se formam
locuções familiares.*

Itaóca é uma grande familia com presumpção a cidade, espremida entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no lugar onde o demo perdeu as botas. Tão isolada vive do resto do mundo que escapam á comprehensão dos forasteiros recém-chegados muitas palavras e locuções de uso regional, não só corrente como diário. Entre ellas esta, que seriamente impressionou um grammatico em transito por alli: Maria, dá cá o pito!

Usada em sentido pejorativo, para expressar decepção ou pouco caso, e applicada ao proprio grammatico mal descobriram que elle era apenas isso e não influencia politica como o suppunham, descreve-se aqui o facto que lhe deu origem. E pede-se perdão aos grammaticos de má morte pelo crime de introduzir a anedota na tão sisuda quão circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

* * *

O reverendo tomou do estojo os velhos olhos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal, e leu pausadamente a carta do compadre, que dava noticias, pedia-as, e communicava a proxima “ida para ali do doutor Emmerencio do Val, nosso ex-ministro em Vienna d’Austria, homem de muito saber e distincção de maneiras, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.” em viagem de recreio pelo interior a matar saudades do país.

O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e releu a carta demorando o pensamento nas palavras que pintavam o alto figurão itinerante em via de honrar-lhe casa com a sua nobre presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, boa sécca á pacatez do seu viver abbacial, repartido entre missinhas de cinco mil réis (mais um frango), cachimbadas de muito bom fumo de corda e os pitéos (sinão ainda a ternura, como propalavam más linguas) da sua optima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a elle possuir a melhor casa de Itaóca e ser, modestia á parte, um homem de luzes notorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d’outra feita hospedára um eloquente inspector agricola e, logo depois, o tal sabio que colleccionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! a coisa variava.

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses “confortos e excellencias de vida que é d’habito nas grandes terras”.

Escrepta a resposta foi o reverendo á cozinha conferenciar com a caseira acerca da hospedagem, e longamente confabularam sobre que pato seria sacrificado (si o patão de peito branco ou aquelle mais novo, com que a viuva do João da Bichas lhe pagára a missa, a gatuna!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama, sobre o tratamento a dispensar — V. Excia., V. Senhoria ou V. Diplomacia... Após longo bate-bocca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na toalha rendada e no V. Excia.

Combinadas estas preliminares, uma nuvem de nostalgia ensombrou a cara nedia do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fumegava na mão.

Notou a Prequeté aquellas sombras, e:

— Acórda, boi sonso! A mó’ que está hervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos annos durante a estadia do “empata”? Era educado. Não queria impressionar mal a um homem de rara distincção de maneiras. E o pito, si é bom, é tambem plebeo, e mais que plebeo, chulo.

Reconhecia-o. reconhecia-o...

Entretanto, tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a sécca? — de abstenção forçada, sem que a bocca sentisse o contacto bemaventurado do saboroso canudo amarello de sarro?... Doloroso...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada massiça. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça no espaldar, semicerrados os olhos, semi-aberta a bocca, deixou-se fumegar gososamente como uma piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas que remedio? O homem fôra diplomata, e em Vienna d'Austria! Confabulára com archidukes e cardeaes... Homem de requintes... Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquelle amor de pito... Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo. Lá isso...

* * *

Dias depois nova carta annunciava que “o tal das Europas” em tal data repontaria por alli.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços a Machado de Assis tinha a morena! — e poz de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampião, matou o pato e desfez com decoada cincoenta pingos de gemma d'ovo que constellavam a batina nova do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemmada! reguin-
gou, entre reprehensiva e caçoista. Depois, relan-
ceando-lhe o olhar pelo o alto da cabeça:

— Chi! a corôa está que é uma tapéra! — ex-
clamou. E, expedita, zás, zás, dá-lhe uma alimpa
de tesoura.

— E o breviario? — interpella de subito o padre.

Andava sumido ha tempos o raio do livro; pro-
cura que procura, descobrem-no, afinal, no quarto
dos badulaques, feito calço d'uma commoda ca-
penga. A Prequeté — maravilhosa caseira! —
c'uma dedada de unto põe-n'o escoreito e envernizadinho, a fingir com tanta perfeição uso diário
que nem Deos desconfiaria da marosca.

— Que mais? — disse ao cabo, plantando-se á
distancia para uma vista de conjuncto ao seu res-
taurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo esti-
vesse a contento:

— Está mesmo *pshutt!* concluiu, brejeira, bor-
rifando-lhe por cima um chuvilho d'agua Florida
para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem
amanhado como um conego de oleographia. Elle o
reconheceu ao espelho, e, nadando nas delicias da-
quelle carinho sem par — e muito agradavel a
Deos, pois não! — sorriu-se babosamente, com a
cara inteira.

— Esta diabinha!



A arrumação conclusa, da corôa do padre á cozinha, postou-se a Prequeté de vigia á janella, indagando os extremos da rua emquanto o reverendo, lindo como no dia da sua primeira missa, passeava pela saleta chupando as derradeiras cachimbadas do dia. Subito,

— “Evem” vindo o *reis!* — exclamou a atalaia.

O reverendo metteu o pito na gaveta, passou a mão no breviario e rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava com elle um cavalleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia. Sou o padre vigario de Itaóca, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que resabiado com tão respeitosa acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquerdão e reles, como ahi um pulha qualquer. Entrou. Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados, — quem o diria! — da parte do cortezão que conversára archidukes e cardeaes. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomatico. Houve cerimonia.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no physico desilludia. Em vez d’uma figura fina, de mundano, sahira-lhe um magrella de barba recrescida, roupa surrada, chambão e

alvar. Emfim — pensou lá comsigo o reverendo — o habito não faz o monje. Quem sabe, sob estas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luz o espirito de um Talleyrand? ou as manhas d'um Metternich?

Foram-se para a mesa e no decurso do jantar accentuou-se a desillusão. O homem comia com o faca, baforava no copo, chupava os dentes... Um puro alarve.

O reverendo, observando-o por cima dos oculos, piscava para a caseira que, pela fresta da porta, torcia o nariz á pifia excellencia excursionista.

Ao trincar do pato, desastre. O doutor deixou cair no chão um osso, que apanhou logo, muito encalistrado. Depois, ás voltas com uma asa do palmipede, falseou-lhe a faca, resultando espirrar-lhe á cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mófa, acompanhada de um mortificante — *ché!*...

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possível que o Dr. Emmerencio do Val fosse um estu-por daquelles?

A' sobremesa caiu a conversa sobre a politica e o doutor desmanchou-se em sandices graúdas. Emquanto asneava, o padre matutava lá comsigo:

— E eu com cerimonias, e eu com bobices, e eu querendo até privar-me do pito por amor dum Zé-faz-fôrnas destes! Fumo-lhe nas ventas, e já!

Nisto veio o café. Emquanto o ingerem o doutor

entra a discorrer de remedios, pharmacias e projectos de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o enigma, deteve a chicara no ar.

— Mas, então, o senhor...

— Sou pharmaceutico, e venho estudar a localidade a ver se é possível montar aqui uma botica. Porte! em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o Dr. Emmerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não senhor, sou pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu a cara com um sorriso de beatitude; depois, desabotoando a batina, atirou com os pés para cima da mesa. expelliu um succulento arrôto de bemaventurança e berrou para dentro:

— Maria, dá cá o pito!

Pedro Pichorra

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monotona, espairose na Grotta Fria ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca.

E passa levando nos olhos a impressão daquella sepia afogada em campo verde. Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com desenhos já escorridos da chuva, e bandeira rota, trapejante ao vento... Dois mamoeiros no quintal, apinhados de fructos; canteiros de esporinhas, com periquito á roda e mangericões entreverados... Um pé de gyrasol, magro e desenhado, a sopesar no alto uma rodella côr de canario; laranjeiras semi-mortas, sob o toucado da herva passarinha...

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, descoi-varado apenas, n'um poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua. Sobre um taboão emborcado a meio lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorri-

nhas. E' alli o sitio dos Pichorras e até a Grotta Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

* * *

Porque os antigos Pereiras de Souza, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze annos. Já se destabocára e já preferia, em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizára o sonho de toda a criança da roça — a faca de ponta. Dera-lh'a o pae, como um diploma de virilidade. “Menino, d'ora avante és homem. Aggredido, não gritarás por gente grande; é mão na faca, pé atras e corisco nos olhos”.

Não lhe falou assim o pae, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Por isso irradiava d'orgulho, imaginando pégas, aloites, tempoquentes e tocaias onde a sardinha alumiasse.

O pae, áquell'hora de pé na soleira da porta, assumptava o céu. Viu que chover não chovia, e,

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pae?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois rebentou trotando em pêlo a Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do molle, e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal e, enquanto a alimaria mascava o lambisco, alisou-a, ageitou-lhe no lombo pisado um sacco velho, depois a carona, o lombilho, o pellego.

— Não coche demais a barrigueira. Tem potrinho.

O menino folgou dois dedos o arroxo e esperou um bocado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim arrumou o freio e montou.

— Agora você vae ao sitio do Nhéco e diga p'r'aquelle tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sosinho?

— Ué! E a faca, então? Não é “companheiro”?

O argumento valeu. Pedrinho, sem mais palavra, deu redea e, *lepte lepte*, arrancou estrada afóra.

O pae, alisando machinalmente um palhão, seguiu-o d'olhos até perdel-o de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— “Sosinho?” Ué! Até quando? E' preciso acostumar. Onze annos, é homem... Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sóbe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac...*

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Passavam-se coisas do arco de velha alli...

Pela meia noite — diziam — o capeta juntava a côrte inteira debaixo della e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacys marinhavam galhos acima em cata de figuinhos, que disputavam aos morcegos. Lobis-homens eram ás duzias que vinham focinhar o esterco das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar! Quando o Quincas da Estiva contava casos passados alli com elle, não havia chapéo que parasse na cabeça.

Mas de dia, nada — passarinhada miuda só, a debicar fructinhas. Foi o que Pedrinho viu, nesse dia, ao cruzar com ella. Mesmo assim passou rapido e encolhidinho, “por via das duvidas”. Chegou ao Nheco inda com sol, e deu o recado.

Nheco, marotissimo, coça o cabello de milho da barbica, e embroma:

— Pois não. Mas não vê que o toicinho baixou. De Minas tem descido um “poder” de capadaria que mette medo. De sorte que você diga p'r'o pae que restes “causos” eu não sustento o trato. Si elle quizer vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres!

Pedrinho desandou para tras, pensando consigo: safado! E veio todo o caminho absorvido em xingar mentalmente o aproveitador. Ao defrontar

a figueira o medo engrifou-o. Escurecia. A luz estava morremorrendo — pallida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felicidade passaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou a encardido Santo Antonio da familia e transpoz dum galão o passo perigoso.

— Arre!... exclamou, com desabafo, olhando para tras e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac*, estrada em fóra, rumo do sitio...

Mas escureceu, e já perto de casa, vae sinão quando a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinhou é sacy! — suggeriu dentro d'elle o medo. E o menino, retranzido, vê de subito, no barranco, um sacy de braços espi-chados, barrigudo, "*com um olho de fogo que pas-seava pelo corpo*".

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquelle berro o "olho do sacy voou pelo ar, piscando"...

.

Pedrinho bateu em casa de cabellos em pé, olhos a saltar. Agarrou-se com o pae, tremulo e sem fala. A custo desatou o nó da lingua.

— O sacy, pai!...

— ?

— P'ra cá da figueira... na curva... Barrigudinho... preto...

O pae deu-lhe agua na cuia.

— Beba. Socegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não ha sacy destas bandas.

— Juro, pae! Por Deus do céu que vi!

E contou a viagem por meudo até á apparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pae.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo assim como uma pichorra grande.

— Então não é Sacy — concluiu o velho, entendissimo que era em demonologia.

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'sobiou?

— Não.

— Mexeu do logar?

— Não. Só o olho. O olho andava e voava.

O caboclo reflectiu um bocado, e por fim uma idéa lhe illuminou a cara.

— Onde foi isso — p'ra cá do corguinho?

— E'...

— No barranco?

— Justamente...

— O olho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual...

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo...

— O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa, e disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo!... Sabe o que você viu, menino? Você viu o sacy-pichorra...

E mudando de tom, depois de reflectir durante um bom par de minutos:

— “Quedelle” a faca?

— P’ra que? perguntou o menino, desconfiado.

— Deixe ver, dê cá a faca.

Pegou della e pôl-a á cinta. Depois, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, comprehendendo a degradação, er-gueu-se, com lagrimas nos olhos.

— E a faca? perguntou.

— Fica commigo. P’ra você, porquerinha, é canivete marca anzol ainda.

E com infinita ironia:

— Vá dormir, Pedro... Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou no borralho um tição e accendeu na braza viva o cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no fallecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva.

— Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira...

E, assim, o rebento masculino dos Pereiras, do Barro Branco, virou, por troça do proprio paê, o tronco duma nova familia, essa Pichorrada que

hoje põe a nota sepia da sitioca na verdura monotonica da Samambaia.

Tudo porque a velha Miquelina deixára naquella dia a pichorra d'agua a refrescar ao relento, na beira do barranco, e um vagalume guassú pousára nella por acaso...

As seis decepções

Puzeram-se de rumo á cidade os tres irmãosinhos. Moravam longe, na chacara; mas uma meia hora de estrada barrenta, com poças d'agua côm de café com leite, que ladeavam pela beirinha, na ponta dos pés, e um tejuco meio molle, meio duro, emplotado pela pata dos bois, eram fracos empecilhos á delicia semanal de “ir á cidade”. A cidade vivia-lhes no espirito como alvo de todos os desejos e fim supremo de suas vidinhas trefegas. Lá moravam os parentes, a tia Salomé, as Françaes, os amigalhões; era lá a egreja, a quitanda, o circo de cavallinhos, a “gente”.

Após a reclusão de uma semana no ermo da chacara, ir gosar um domingo na cidade, fincar os cotovellos nas janellas da titia e perder toda uma tarde bem comprida a vêr e commentar a rua com repenicadas “boas-tardes” aos conhecidos, a “reparar” no vestido das moças, a achar “impagavel” a barriga monstruosa do Canella, vendeiro da esquina, e outras innocentes maldades mais — era um prazer de sapatear; mas para Maria José e das

Dores sómente, que o terceiro, Antonico, depois que deitara calças compridas, só pensava em bilhares e “troça de rapazes”.

Naquelle dia iam com licença de se reunirem ás Franças, pousando lá. Caminhavam silenciosos, signal evidente de desaccordo, que grulhavam como pintasilgos quando ardiam na ansia de realisar um mesmo projecto. Cada um suspeitava no outro um objectivo que não o seu — qual não sabia, mas diferente e antagonico; e isso era o diabo, pois que em birra nunca houve irmãos de forças tão eguaes. Nenhum cederia — e nestes casos o desfecho era privarem-se todos da festa para não “dar o gosto” ao parceiro.

A verdade era esta: Maisé tramára no ultimo domingo uma ida á dançata semanal do Recreativo, Antonico uma noitada de cavallinhos e das Dores uma visita aos presepes; e como cada qual contasse reduzir os outros á sua idéa, cuidadosamente a callaram durante a semana inteira. Mas estava imminente a lucta e cada cabecinha ia ruminando a melhor tactica para vencer.

Aquelle silencio em que se escondiam era a pedra onde afiavam as armas — razão por que vieram mudos até meio caminho. Ali a necessidade d’uma explicação definitiva desatou a lingua ao mais impaciente dos tres.

Das Dores, com habil manha, quebrou o gelo.

— Os presepes este anno dizem que estão lin-

dos! O da Nhaninha Calabro é todo de botões e conchas. O da Fidencia tem tres monjolos que não param.

Tonico, percebendo o truque, contraveio despotico.

— Isso é si fossemos aos presepes. Vamos mas é ao circo.

— Sem licença de mamãe, Tonico? que é isso?... insinuou Maisé, entrincheirando-se para o embate.

Antonico bravateou.

— Qual mamãe! quem manda aqui sou eu e como eu vou, vão vocês também.

— Vocês é sucia, que eu não vou.

— Nem eu, secundou Maisé.

— Veremos.

Calaram-se de novo. A questão clareara em parte. Só Maisé conservava occulta a sua idéa, fiada na victoria do *tercius*. Uns minutos passados, das Dores atirou novo bôte.

— Escavallinho! — disse, com bico de desprezo — uma coisa que ha sempre; presepe, ao menos, é uma só vez no anno.

— Mas é sempre a mesma bobagem, obtemperou Tonico, quem viu um, viu todos. Uma folharada de mato. Para ver mato não é preciso vir á cidade. Escavallinho sim, companhia boa; só o homem que come fogo...

Das Dores casquinou uma risada de escarneo.

— Olha o bobo que acredita nessas coisas, tamanho moço! Aquillo é fogo de mentira que até eu como!

Maisé veio em seu auxilio com argumentos novos.

— Escavallinho é divertimento de gatinha — negrada, moleques.

Tonico esbravejou que era mentira, que lá ia muita gente boa, a familia do Dr. Moura não perdia uma noite, e quanto ao homem que comia fogo, comia-o de verdade, ellas é que eram umas bobas.

Houve nova pausa. Avistavam já a torre da matriz. Mais cinco minutos e estariam em casa das Franças. Urgia, portanto, liquidar a divergencia. Maisé julgou azado jogar a sua cartada.

— Pois ha um meio: em vez de ir aos presepes ou ao circo, vamos ao baile do Recreativo.

Os outros perceberam-lhe incontinenti o manejo e Tonico rompeu.

— A lambeta quer ir sapecar com o Vivi, não é? Uma óva!

E, categorico, escandindo as palavras:

— Eu vim pa-ra ir ao cir-co.

— E eu pa-ra ver pre-se-pes.

— E eu pa-ra o sa-ráu. Se vocês não querem ir ao saráu eu volto d'aqui.

Maisé parou, firme e imperiosa. Pararam os tres. Entreolharam-se com olhos raivosos.

— Se não se resolvem a ir ao circo eu...

— Eu, que ?

— Eu volto para casa.

— Pois também eu volto, porque não vim para molecagens.

— Você é uma sirigaita.

— E você um ranhento que quer ser gente.

Embezerraram. Tônico na frente endireitou a largos passos para a chacara.

As irmãs seguiram-no. Preferiam privar-se da antegosada festa a ceder um palmo de terreno.

Por que?

Ah! o caso não era tão simples como parecia. Atras de cada uma daquellas vontadesinhas irreductiveis se alapavam motivos muito serios. Um Lúlú esperava Das Dores no presepe da Calabró. Um Vivi combinara dançar cinco valsas com Maisé no Recreativo. E uma Chiquita mandára ao Tônico um bilhetinho dizendo que iam todos da sua casa ao “circulo de excavalinho” onde esperava encontral-o sob pena de “namorar outro porque é muito difícel amar gente que abita longe”.

Eis porque, nesse dia, as decepções attingiram o numero de seis...

Cabellos compridos

— Coitada da Das Dores, tão boazinha...

Das Dores é isso, só isso — bôazinha. Não possui outra qualidade. E' feia, é desengraçada, é inelegante, é magerrima, não tem seios, nem cadeiras, nem nenhuma rotundidade posterior; é pobre de dinheiro e de espirito; e é filha daquelle Joaquim da Venda, ilhéu de burrice eburnea — quero dizer, dura como o marfim. Moça que não tem por onde se lhe pegue fica sendo bôazinha.

— Coitada da Das Dores, tão boazinha...

Só tem uma coisa a mais que as outras — cabelo. A fita da sua trança toca-lhe a barra da saia. Em compensação suas idéas medem-se por fracções de millimetro, tão curtinhas são. Cabellos compridos, idéas curtas, lá o disse Schopenhaur...

A natureza poz-lhe na cabeça um tabloide homœopathico de intelligencia, um granulo de memoria, uma pitada de raciocinio — e plantou a cabelleira por cima.

Essa mesquinhez por dentro. Por fóra, ornou-lhe a asa do nariz com um grão de ervilha, que ella

modestamente denomina verruga, arrebitou-lhe as ventas, rasgou-lhe uma bocca de dimensões compromettedoras e deu-lhe uns pés... Nossa Senhora, que pés! E outras taes pirraças lhe fez a madrastra que, ao vel-a, todos dizem commiserados:

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Das Dores só faz o que as outras fazem e porque as outras o fazem. Vae á igreja aos domingos de livrinho na mão, ouve a missa, ouve a prédica, réza. Nunca falhou um dia. Si lhe perguntarem o porque daquelles actos responderá muito admirada da pergunta:

— Mas si todas vão ! ...

O grande argumento de Das Dores é esse: as outras. Ouve o sermão do padre e chora nos lances tragicos, não porque comprehenda algo daquella rhetorica, nem porque sinta vontade de chorar — mas porque as outras choram.

Toma tudo quanto ouve ao pé da letra, incapaz que é de galgar do concreto figurado ao abstracto. Si ouve falar em “fazer pé de alferes”, fica-se a pensar em pés e mãos, de alferes e tenentes.

— Tão bôazinha, a Das Dores...

Uma vez foi ouvir a prédica de um padre em missão pela zona, orador famoso pelas muitas almas que desatolára do chafurdeiro da perdição. Ouviu-lhe muita coisa que não entendeu, mas entendeu um pedacinho que terminava assim: “Meditae, meus irmãos, reflecti em cada uma das palavras

das vossas orações quotidianas, pois do contrario não terão valor as vossas orações”.

Das Dores sahiu da egreja impressionada com o extranho conselho e se foi em consulta á tia Vicencia, velha sabidissima em mezinhas e theologias.

— Tia Vicencia “viu” o que o seu Conego disse? Para pensar em cada palavra, sinão a reza não vale ?

A tia mastigou um “pois é”, que dava toda a razão ao padre.

— Que coisa, não? foi o commentario final de Das Dores, que não deixava de achar exquisitissima aquella idéa.

A’ noite era costume seu rezar uma tantas orações preventivas dos mil males possiveis do dia seguinte.

Mas até alli rezára-as como um phonographo: — psi, psi, psi, psi, amen. Tinha que pensar nas palavras, agora... Diabo! Havia de ficar engraçada a reza...

Caiu a noite. Das Dores metteu-se na cama, cobriu a cabeça com o lençol e deu inicio á novidade. Abriu com o Padre Nosso.

— “Padre nosso que estaes no céu”; padre, padre, os padres, padre Pereira, padre vigario... Padre Luiz... Coitado, já morreu, e que morte feia -- estuporado!... Padre... Que idéa do seu conego mandar a gente pensar nas palavras! Nem se póde rezar direito...

— “...nosso”; nosso é o que é da gente; nossa casa; nossa vida; nosso pae... P’ra quem seria que foi o Nosso Pae hontem? Para a nhá Véva não é, que ella já melhorou. Seria para o major Lesbão? Coitado! Quem sabe se a estas horas já não está no outro mundo? Bom homem, aquelle... Tão caridoso... Oh! diabo! Não é que me ia distra-hindo? “Nosso”, “nosso”... Em certas palavras não se tem geito de pensar.

— ... “que estaes no céu”; estar no céu. que lindeza não será! Os anjos voando, as estrellinhas, Nossa Senhora tão bonita, com o Menino no braço, os santos passeando de lá para cá... O céu; céu; céu da bocca; céu azul. Porque será que se diz céu da bocca?

— “... santificado; san-ti-fi-ca-do; que é santo; dia santificado; dia santo...

— “... seja vosso nome”; nome, nome bonito... Nome feio... Quantos tapas levei na bocca por dizer nomes feios! Quem me ensinava era aquella bruxa da Cesaria. Peste de negrinha! Onde andarà ella? “Nome”; “Nome de gente”; “nome de cachorro”. Gustavo, bonito nome. Está alli um que si quizesse... Mas nem me enxerga, o máozinho; é só a Loló p’raqui, a Loló p’ralli, aquella caraça de brôa. Gustavo é o nome de homem mais bonito para mim. De mulher é... Rosinha? Não. Merencia? Não... Home’ a falar verdade, nenhum. Gustavo, Gustavinho... Ahn! que somno!

— “O pão nosso”; pão, pão, pão... Porque será que quando a gente repete muitas vezes uma palavra ella perde o geito e fica assim exquisita? Pão, pão, pã-o... Por falar em pão, como anda minguido o pão do Zéca Padeiro! E que pão ruim! Azedo... Pão sovado, pão de cará, pão de Petropolis...

— “... de cada dia”; dia; dia; marido da noite; dia de sol; dia de chuva; dia das almas; dia de annos; dia bonito... E que dia bonito fez hontem! Vae ver que domingo chove. E’ sempre assim. Havendo uma festinha chove mesmo. Amanhã si fizer bom dia vou á casa da Ignês. Coitada da Ignês! Acontece cada coisa nesta vida...

— “... dae-nos hoje”; hoje, hoje... Que é que eu fiz hoje? Ahn! Que sonneira!

— “... e livre-nos, Senhor”; senhor; illustrissimo senhor Gustavo da Silva. Bonito nome! Senhor amado; Senhor morto; senhor, se-nhor, nhor-se, nhor-sim...

— “... de todo o mal”; mal; mal... mal... al...

Os olhos de Das Dores fecharam-se, o corpo molleou e o seu somno foi um só até ao romper do dia. Acordando, lembrou-se logo do caso da vespéra. Sorriu. Achou que a idéa do Conego — um padre de tanta fama! — não passava de uma grossa asneira. E pela primeira vez na vida, duvidou.

— Ora, titia — foi dizer á tia Vicencia, — aquillo é asneira. Si a gente fôr pensar em cada palavra,

não póde rezar direito. O seu conego que me perdôe, mas elle disse uma grande bobagem...

Não se sabe si a tia lhe deu razão ou não; mas o facto é que Das Dores continuou a rezar pelo systema antigo, mais rapido, mais correntio, e com certeza mais agradavel a Deos. Quem se sahio mal do incidente foi o pobre do missionario. Cada vez que se referiam a elle perto de Das Dores ella floria a cara de uma risadinha ironica.

— Está ahi um que póde estar dizendo as coisas, que eu...

E concluia a phrase com um inexprimivel mu-chôcho de pouco caso...

Um avô

Tive um avô, não sei bem si o bis ou o tatara, formidavelmente patusco. Tinha bastante ampla a bossa da originalidade e, talvez porisso, querendo enxertar novidades no velho tronco da Rotina, se viu em Portugal de galfarros ás costas como conspirador perigoso. Logrou, porem, deitar cinzas nos olhos de Pina Manique e fugir para o Brasil disfardado numa sotaina de jesuita, com ares de frade ambicioso de conquistar a palma do martyrio em troca da vida corporea offerecida aos tacapaços do gentio. Cá chegado, achou singularmente commodo o habito fradesco e entendeu de contraditar o velho adagio; ficou-se dentre delle, a dizer missinhas pela roça, a confessar e a baptisar, de tudo o que ia colhendo aureos patações que encofrava num pé de meia. E viveria assim até á morte se um par d'olhos crioulos não o fizessem trocar a negrura do saíto pelo estridente escarlate de um surtum profano, que meio caminho fosse na conquista de olhos tão seductores. E casou com a dona delles, montou lojinha de reliquias, vendeu muito rosario,

muito bentinho, muito crucifixo de latão e até — dizem — qual precursor do Theodomiro Raposo, alguns espinhos da corôa do Christo, taboinhas aplainadas por S. José, e bicos da mamadeira divinizados pela divina boquinha do menino Jesus. Encheu dest'arte o pé de meia numero dois.

Não contente, atirou-se a commercio mais vasto, e tão bem se aviu nelle que enricou a ponto de dar dinheiro a premio. Vieram então calotes e inimizades. Ora, o avô não era homem de não tirar das experiencias pessoaes atiladissimas conclusões. Tirou-as, lá de si consigo. Foi quando lhe surgiu em casa um badameco a pedir d'emprestimo um cento de patacos. O velho sorriu-se por dentro, e, muito amavel, respondeu que pois não, que estava ás ordens do amiguinho (tinha o vezo de tratar de amiguinho a meio mundo) e que o amiguinho fosse garatujando a obrigação. O méco escreveu o "Devo que pagarei", longamente, com letra caprichada, em termos bem claros, incluindo os esclarecimentos que o astuto avô dictava — "porque as boas contas fazem os bons amigos". Emquanto isto ia o velho empilhando, risonhamente, sobre a mesa de cabiuna, tirados dum amplo gavetão, a preciosa centena de patacos que saiam a ganhar a vida.

— Arrumadas as pilhas e assignado o papel, pediu ao amiguinho que as recontasse.

— Oh major!

— Não, senhor, negocio é negocio, conte-as.

O freguez, insistido, recontou-as, enquanto o velho, de oculos erguidos para a testa, examinava com cuidado os dizeres obrigacionaes.

— Está certo? Muito que bem. Agora peço ao amiguinho que diga: o major é um ladrão!

O méco abriu a bocca.

— Vamos, diga! insistiu o velho.

— Mas é um despropósito, major. Como posso eu...

— Diga, amiguinho, diga, si quer levar o dinheiro; é condição...

O outro não teve remedio sinão ceder, e muito desconchavado:

— Já que o major exige — disse — vá lá: o major é um... um...

— Vamos!

... ladrão.

— Não serve assim, não serve n'esse tom. Diga com raiva, gritando, com gestos de colera: o major é um ladrão!!

— Ora major, que exquisite a sua...

— Não diz? Então paciencia...

E armou gesto de reencafiar os patacos na gaveta.

Vexadissimo, o parceiro berrou afinal que o major era um ladrão.

— Perfeitamente bem, disse o velho esfregando as mãos, perfeitissimamente bem, eh! eh! Agora vae o amiguinho dizer: o major arranca a camisa do pobre. Vamos! vamos!

O postulante protestou, estorceu-se, que não, que isso era demais; forçado, porém, fingiu colera e lá espirrou um desenxabidissimo: o major tira a camisa do pobre!

O avô applaudiu de novo, que muito bem, que perfeitamente, e continuou no jogo, n'um crescendo, té o derradeiro insulto, grave sobre todos: o major é um mação, é um hereje! As mãos do velhote esfregavam-se uma na outra, revelando a alegria intima do malvado, e sua bocca era um borbolar incessante de “muito-bens”.

Nesse ponto fez uma pausa, severizou o semblante e, gravemente, disse:

— Si eu der emprestado o meu dinheiro ao amiguinho, o amiguinho, por ocasião do vencimento, quando eu mandar cobral-o, irá dizer tudo isto ahi pelas esquinas, ou na botica, de modo que todo o mundo o ouça. Consequencia: eu fico sem o meu lindo cobre e o amiguinho transforma-se no meu maior inimigo. Pois si será assim, remediemos coisa tão feia: o amiguinho fica-se com a sua obrigação e eu com as minhas patacas.

E, dizendo-o, arrazou gostosamente para o gavetão entreaberto as pilhas sonantes da preciosa moeda.

— Assim continuaremos amigos como sempre e tudo será um mar de rosas, não acha? Ora muito bem! Mudando de assumpto... o amiguinho acha que o capitão-mór colhe este anno as seis mil arrobas?

O “Resto de Onça”

— Leram o conto do Arthur Pecegueiro?

— O immortal?

— Sim.

— Perdemos alguma coisa?

— Não perderam coisa nenhuma; aquillo é maçador. Confesso que bocejei de preguiça aos primeiros periodos e, consoante um velho habito, passei-o á minha cozinheira, velha mulata sabidissima, parenta da cozinheira de Molière.

— Josepha, lê-me isto e bota opinião.

A excellente creatura lavou as munhecas, diminuiu o gaz do fogão, acavallou no nariz os oculos através de cujos vidros costuma coar-se-lhe para o cerebro todo o rodapé dos jornaes, e empecegueirou-se durante meia hora. Ao cabo veio ter commigo:

— Prompto, sinhozinho, está lido.

— E que tal? Bom?

Josepha tem um maravilhoso paladar quituteiro. Seus rútus com torresmo, o picadinho que ella faz,

as muquecas!... São puríssimas obras de arte capazes dpe re-matar de inveja ao proprio Vatel si elle acaso resuscitasse. Pois bem: o mesmo genio que a Zepha demonstra na confeição de uma obra prima culinaria, demonstra-o no julgamento das coisas de literatura. Tem o faro que não falha do rato, o qual, entre cem queijos, rõe sempre o melhor. Por essa razão, quando eu duvido de mim proprio, appello para o seu juizo instinctivo, e acato a sentença como emmanada do cerebro da propria Minerva.

— Então, Zepha ? — insisti.

Ella refranziu os labios num muxoxo.

— Não féde, nem cheira, disse, é virado de feijão velho mexido com farinha mal torrada. Falta sal, tem gordura demais — parece comida de alumna da Escola Normal, concluiu num sorriso de “grognard” da velha guarda ao lhe falarem em proesas de conscripto.

— Mas, Zepha, que diz o homem afinal de contas?

— Não diz nada, engrola, engrola, vae p’ra lá, vem p’r cá, e a gente fica na mesma. E’ dos taes perobinhas que outro dia mecê chamou... como é?... pici... pici

— ...cologos, Psychologos. Os homens dos estados d’alma. Como elles tem uma alma postiça, importada de França “ad usum” Binoculopolis, os estados por que passam taes almas, postos em letra

de fôrma, são coisa pulha e maçadora até mais não poder. Penso como você, Josepha. Quero conto que conte coisas; conto de onde eu saia podendo contar a um amigo o que aconteceu, como o fulano morreu, si a menina casou, si o máo foi enforcado ou não. Contos, em summa, como os de Maupassant ou Kipling...

— Ou de seu Cornelio Pires...

— Perfeitamente, do Cornelio, do Arthur Azevedo, contos onde haja drama, comedia ou pelo menos uma anedota original. Mas estas pretenciosas aguas panadas, este fantasiar por paginas a fio sem lance que arrepie o cabello ou repuxe musculos faciaes, esta gelatina insossa da Academia de Letras de Itaóca...

Josepha, quando lhe falam na Academia de Itaóca, regala-se, e toda se expande em risos. Ficou assim desde que leu a Condessa Felisberta e varias immortalices quejandas.

— E então, este seu Arthur tambem é immortal, dos que escrevem homem sem h ?

— E' Zepha, é immortal vitalicio, com patente e direito de podar os *h h* da lingua e comer o *s* da sciencia — e — o que é peor — com privilegio de maçar a humanidade com sornices pacovias que só não engolem criaturas sãs como tu, toda paladar e sinceridade. Ahi fóra a turba, em vendo emmanação de immortal, é como se chovessem perolas do céu — lambem beiços e unhas, esquecidas de

que ha receitas para lá entrar além de que tambem se entra por baixo do panno”.

* * *

E a conversa recaiu sobre contos. Disse um da roda:

— Contos andam ahi aos pontapés, a questão é saber apanhal-os. Não ha sujeito que não tenha na memoria uma duzia de arcabouços magnificos aos quaes, para virarem obra d’arte, só falta o vestuario de fóрма, bem cortado, bem cosido, com pronomes bem collocadinhos. Querem vocês a prova? Vou arrancar um ao primeiro conhecido que entrar.

E puzemo-nos de tocaia.

Não tardou muito surge o Cesar.

— Viva! Fazia-te ainda no sertão, homem!

— Pois estou cá. Cheguei hontem, refeito, oxygenado, reverdecido de alma e corpo. Que delicia é o sertão!

— Muita caçada ?

— Dez queixadas, tres antas... E, por falar, já ouviram vocês historias do “Resto de Onça” ?

— “Resto de Onça”?! exclamamos todos apavilhados.

Cesar gosou o nosso espanto. Depois, narrou.

— Estavamos organizando uma batida ás antas. Quem dirigia a caçada era lá o meu capataz, Quim da Peroba, o mais terrivel caçador das redondezas. Quando é elle quem dirige o serviço a

bicharia soffre destroço pela certa, tão habil é na escolha dos companheiros, dos cães e das disposições estrategicas.

— “Vae, dizia o Quim contando nos dedos, vae o Nico, vae o Peva, vae o “Resto de Onça”...

— “Resto de Onça”? exclamei eu tão apavorado como vocês inda agora. — Que diabo de bicho é esse?

Quim sorriu e disse:

— “E’ um pedaço de homem; um homem a quem a onça comeu uma parte e que continúa a viver com o resto do corpo. Pois assim mesmo ainda é um cuéra que eu não troco por tres sujeitos inteiros da cidade. Mecê vae ver.

De facto, vi. Organizado tudo, na vespera da caçada, á tarde, o primeiro a apresentar-se foi o “Resto de Onça”.

— “Stardes”.

Era um caboclo chupado, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço de cara. Horrivel! Uma bochecha fôra lanhada e despegára com parte dos labios e o olho, de modo que aquillo por alli era uma só e pavorosa cicatriz repuxada em varias direcções. Entreabriu a camisa: no peito, a mamma esquerda arrancada a unhaços, era outra horrivel cicatriz de arrepiar.

Pedi-lhe que me contasse a sua historia, e elle:

— “Não vê que — foi dizendo — lá na fazenda do coronel Eusebio, na beira do sertão, havia onça

que era um castigo. Foi preciso bater nellas de cachorrada e chumbo um anno inteiro para livrar o gado. O coronel, tanto lidou que venceu. As malhadas não mortas á bala afundaram para longe. Mas ficou uma. Era uma bella onça pintada, matreira como cachorro do mato. Tinha manhas de negro fujão. Nem mundéo, nem cachorro mestre, nem o Leopoldino Onceiro, que é um cabra macho para desilludir uma bicha mesquinha, nunca puderam atinar com ella de geito a barrear a volta do apá com um lote de paula souza. Escapava sempre e de birra vinha pegar os porcos no chiqueiro.

Um dia — o coronel estava na mesa almoçando — rebentou um tumulto no chiqueirão de trás da casa. Corremos todos: estava a onça ferrada na mais bonita porca da fazenda, esbodegada com um munhecação. Corre que corre, grita, atira : — ella escapuliu. O coronel virou bicho e jurou que era a ultima vez.

— “Ella volta, disse eu, ella não “deseste” da porca. O melhor é ficar um bom atirador de plantão, dia e noite.

— “Pois fica você.

Fiquei na tocaia, escondido de geito que a onça não pudesse desconfiar.

Varei a noite de olho acceso: nada.

Rompeu a manhã: nada.

Eu disse commigo:

— “Agora dou um pulo lá dentro, bebo o café e volto.

Fui, enguli um cafezinho com mistura, depressa, depressa, mas quando voltei... “quedelle” a porca? A onça me havia logrado!...

O coronel quando soube bufou como queixada no mundéo.

— “Quim, disse elle, vá juntar gente e cachorrada. Bote um exercito aqui p’ra domingo e vamos picar de bala esta malvada. Quero ver o couro della aqui no chão, com seiscentos bilhões de diabos !

Eu sahi, corri a vizinhança e apalavrei para domingo tudo quanto era espingarda, foice e cachorro de cinco leguas de roda.

Chegado o dia, começou uma batida na ordem.

De repente, áu! áu! o meu Brinquinho — conheci a voz — acuou primeiro de todos. E logo a cachorrada inteira, uns cincoenta — áu! áu! áu! — musica de arrepiar a gente. Ah, moço, que festa foi esse dia! A bicha de cada tapa moia um cão...

Ia parando na carreira, de tocaia atrás dos troncos e, mal o cachorro da frente a fronteava, “baf!” tripas de fóra! Um castigo!

Já levára um tiro, mas nem conta fez; e assim, fugindo, ia arrazando os onceiros.

Eu, na frente, corria secco por ganhar a gloria da caçada, e por via disso me distanciei dos companheiros. De repente, sem ver nada, “paf!” um manotaço de unha na cara me pinchou de costas

no chão, e um corpo cahiu sentado em cima de mim. Ah! mundo! Que luta aquella! Eu c'o braço só defendia a cara, que se a onça me abocca, era o fim, e como a espingarda me ficasse debaixo do corpo, minha porfia era passar a unha n'ella.

O que me salvou foi a coragem do Brinquinho. Como os caçadores e os outros cães ainda não tivessem chegado, só elle me ajudava, latindo com desespero. e ferrando o dente nos trazeiros da fera. Esta, a cada dentada, voltava-se para estapear o cachorro, que fugia — que fugia para atacar de novo logo que a onça virava a cara para mim.

Tudo isto que eu levo agora um tempão contando passou n'um corisco de minuto. Lá em certo momento pude alcançar a faca — faquinha atôa de matar porco. Saquei a faca e casquei no pescoço da bicha. Quem disse enterrar? Vergou, a porquêra, como se fosse de lata, sem calar nem a pontinha! Vi-me perdido. “Ferra, Brinquinho!” Aquella pessoa de quatro pés, com uma coragem louca, zás, outra dentada. A onça me folgou, e eu vi romper do matto o primeiro caçador. Era justamente o meu sogro.

— “Atira, nho Vadô!

Que atirar nada! O raio do maleiteiro ficou tão estuporado de me vêr na goela da onça que estareceu no lugar.

— “Atira, nho Vadô!

Quê, nada !...

Nisto houve geito de eu desentalar a espingarda e entroxar o cano na guela do tigre. Estrondei o tiro: o bicho molleou de banda.

Eu estava em pedaços, mas não sentia dôr nenhuma.

Só me lembro que, ainda no chão, puxei a espingarda de dentro da onça, virei o cano para o lado do meu sogro e sapequei nelle o segundo tiro, junto com um nome offensivo á defunta avó da minha mulher, Deus que me perdôe. De “reiva”! Depois veio a dôr, e perdi os sentidos.

“Resto de Onça” tomou folego.

— “E fiquei assim. O braço direito, sem carne, sem osso inteiro, foi preciso o medico cortar co’a serra; a cara e o peito foram sarando e fiquei assim, resto de onça, mas homem ainda para escorar o diabo!

* * *

— Então, que vos dizia eu? commentou, voltando-se para os companheiros, o que promettera extrahir um conto do primeiro conhecido á mão.

— Sim — retrucou um delles, ranzinza — mas não é bem um conto, é um caso, uma anecdota venatoria.

— Estás enganado, tem todas as qualidades de um conto e tem a principal: poder ser contado adeante de modo a interessar por um momento o auditorio.

Dê ao facto fôrma literaria, umas pitadas de descriptivo, pronomes p'r'alli, uns enfeites pimpões, e prompto, vira conto dos authenticos, dos que não séccam a paciencia da humanidade com a archi-maçadora psychologia do sr. Arthur Pecegueirc.

Porque Lopes se casou

— Pois, meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz essa asneira, casei-me.

— E és pae d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho some-se em bugigangas, leite e farinhas, cueiros, toucas, cavallinhos de páo...

— Um trabalho de negro captivo mal dá para mantel-os no pé de decencia que minha posição requer. E' uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze e breve quinze pares de sapatos. Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto uma sacca por semana. Uma voragem!

E se visses que jararaca me saiu minha mulher!... Uma fera, Lopes! Dessas que lançam com o prato á cara do marido si este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabellos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinellas a arrastarem-se pela casa, *trec, trec...* Traz á cinta

a penca de chaves e um rabo de tatú que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas. Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha ás criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que supprimiu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem e me põe, na casa, humilde e caladinho, d'orelhas murchas como um lazarento burro de carroça.

Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas quando o serviço termina e volto para a gehenna, ah! Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu, o lar é circulo que esqueceu ao Dante. Em caminho para o "remanso do lar" rememoro tudo o que me espera. No topo da escada, de mãos á cintura, a minha tremenda metade em attitude de juiz em face do réo:

— Trouxe a pimenta? comprou o sabão? chamou o homem para concertar a torneira?

E si acaso me esquece alguma coisita, lá desaba o temporal:

— E' isto, não presta para nada, não sei porque casou já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho, e tá, tá tá. Não imaginas a minha vida, Lopes...

Lopes, arrepiado ante as confidencias do amigo, alvitrou uma solução desesperada.

— Em teu caso, Lucas, eu recorria aos meios extremos, ao divórcio, á bolinha...

— Caçôa, caçôa... Eu também caçoava...

— Mas, Lucas, estás a exagerar. Dou de barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as alegrias sãs da paternidade...

— Os filhos! Têm muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro... Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestesinhas infernaes! Destroem tudo, põem a casa immunda, vivem num corropio de peraltagens capaz de endoidecer a um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os *records*. Ha um, o senhor Lúlú, que prenuncia um novo Attila. Diver-te-se quebrando, furando, judiando, escangalhando o que encontra. Hontem procurei um livro — livro de contas, socega — e fui encontral-o no quintal, dentro d'uma poça d'agua, á guiza de barragem de dique. Só em louça quebrada esse patife dá-me um rombo de quarenta mil réis por mez. E não é elle só. O Eduardinho tem a mania de encafuar os talheres que pilha nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho. Um outro especializou-se em quebrar dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um com quatro dentes! Já as facas são uma dentadura completa. Quem é o den-

tista? O Sr. Lúlú. Apparece uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O Sr. Lúlú.

A Ignezita tem a bóssa da costura. Está praticando no cóрте. Em pilhando a tesoura esconde-se num canto e vae picando o que encontra. Ha dias recortou um corpinho no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro...

O Leandro é o homem da balistica. Vive com o papo da camisa cheio de padregulhos e cacos de telha, “tentos” — diz elle — e brinca de partir as vidraças dos vizinhos. Tem, para mal meu, mão certa como o Guilherme Tell.

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, atôa, por brincadeira. E’ o rei da manha, mas daquellas manhas interminaveis que deixam os nervos da gente em carne viva. O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e collecciona nomes feios apanhados na rua. O mais velho foge de casa pela janella, e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas perebas suspeitas. O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar folego e fazer uma observação. Sendo assim como dizes, travessos, insubordinados, a culpa é só tua. E’ que lhes não dás a devida disciplina, não os corriges, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem!

— Será, mas que queres? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrazado que

me fiz fatalista para ter uma philosophia que me dê paz á consciencia. Bem me accusa ella de ineptia e frouxidão extrema... A's vezes vem-me impetos de reagir, entrar em casa de guatambú em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa de começar no frangote das perebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canarios azucrinantes do Julio e pelas bonecas de panno da Mariinha. Moel-os em massa, a granel, vir entregar-me á policia, e pedir ao jury, de joelhos, trinta deliciosos annos de paz e silencio no fundo duma cellula. Mas fica em impetos: sou uma tapera arrazada, incapaz dum movimento energico...

O meu pobre Lucas consultou o relógio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus, Lopes, vou-me ao “repouso do lar”, concluiu elle, despedindo-se, com riso amargo.

E foi-se o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo sobraçado... Lopes ficou immovel no logar, com os olhos parados, recordando. Veiu-lhe á mente o Lucas de quinze annos atras. Era um rapagão viçoso, todo esperanças no futuro, e amigo de architectar castellos de Espanha. Poetava. Amou meia duzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu diva á Nonoca Fagundes, uma loura translucida, magrinha, de

falas mellifluas — um Botticelli temperado á moderna, dizia elle. Era bonitinha, dezesete annos, em pleno viço da belleza do diabo, um mimo de fragilidade, boazinha como não havia outra — boa, “boa constrictor...” Ingenua, amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia elle: moram em suas faces duas rosas Bella-Helena. Andar, saltitante, leve, como de sylphide. Um verso delle rezava:

*Das plumas tens no andar
a suave macieza...*

Lucas amou-a em regra, e sonetou-a inteira, dos cabellos aos pés, parnasianamente, nephelibatamente, com lyrismo de commover ás pedras. Não a tratou pelo cubismo porque o cubo guindado a metro poetico não fôra ainda inventado.

Sonhava-a ao seu lado, amiga peregrina d'alma e do coração, n'um arroubo perenne de felicidade celestial pela estrada da vida afóra...

Amou-a tres annos seguidos, com o dispendio d'uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivaes. Rompeu com a familia que desapprovava o casorio. Cantou-lhe á janella, com muito choro de violão, todas as modinhas do tempo — “Quizera amar-te”, “Accorda donzella” e outras adrede compostas para aquelle fim. Amou-a loucamente

“como se ama uma só vez na vida”. Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: “ver-te e amar-te foi obra de um só momento”. Intercallou num alexandrino o classico “anjo, mulher ou visão”. Es-gottou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal á cata de flores comparativas. Não contente com isso ainda deambulou pelos céos e mergulhou nos mares, caçando imagens — que nada era bastante á immensidade d’aquelle formidavel amor.

Casou, por fim.

E estava reduzido áquillo, o Lucas!...

Em vista do que, Lopes, que estava noivo, e irresoluto se casaria ou não, tendo no activo já uma duzia de sonetos hendecassylabos, decidiu incontinenti — casou-se... Si tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre elle, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura cascavel. Porque lhe pareceu que o maior soffrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos ante-nupciaes.

E era.

O caso do tombo

Não é meu este caso, mas d'um tio, juiz em comarca beira mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, pigarros e mais macacôas da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha, como diria mestre Machado. Gosta de contar pilherias e casos pandegos que descambam a meio em caretas reumaticas muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridicos são o reino da propria Pacatez. Os annos alli fluem para o Esquecimento no deslizar preguiçoso dos ribeirões espriados, sem cascatas nem corredeiras encrespadoras do espelho das aguas — disturbio, facada ou escandalo passional.

O povo, escasso como pennas de frango impubere, vive de apanhar tainhas e ameijoas. Feito o que, come-as. Feito o que, digere-as. Em seguida, “da capo” ás tainhas. E assim, annos e annos a fio, até a derradeira conta do rosario da vida.

E' extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem té o berro final sem o tremelique d'uma commoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no

cofre vazio dos acontecimentos, o vintem azinavrado d'um velho mariscador morto de pigarro senil ou o tostão d'uma pessoa grada, collector de rendas, fiscal, agente do correio. Em tempos deu “nota”, um barão da Jimanta, ultimo varão conspicio de que ficou memoria no lugar.

Fóra disso nada mais bole com a sensibilidade em perpetua coma do excellente povo — nem dramas de amor, nem rixas eleitoraes, nem coisa nenhuma destoante dos mandamentos do Pasmado Viver.

A taramelagem das más linguas vê-se forçada, nos serões familiares, na venda do José Inchado (club da ralé), ou na Botica do Cação de Ouro (aqui o escól), a esgravatar as castanhas chochas do assumpto sovado ou frivolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm.

A grande preocupação local é matar o tempo, que em vez de dinheiro é uma grande maçada. Matam-'no, os homens, pitando cigarrões de palha, e as mulheres, gestando a prole enfermiza. E, assim, os dias, os mezes, os annos escorregam para o Nirvana, feitos lesmas de Chronos, deixando nas memorias um rastilho dubio, breve extincto.

Nessa lagoa urbana rebentou um dia, com estardalhaço, a noticia duma sessão do Jury. O povo rejubilou. Vinte annos havia que o realejo da justiça popular empoava n'um desvão do Forum, mudo á falta dum capadocio que lhe mettesse no bojo o

nickel dum modesto ferimento leve. Fizera-o agora o Chico Bahiano, ave d'arribação despejada alli por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a aria tremenda da Accusação; o Zézeca Esteves, solicitador, recitaria a Douda de Albano disfarçada em Defesa. Sua Excellencia, o Meritissimo, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em casebre humilde, o pae explicava ao filho:

— Aquillo é que é, Manequinho! Você vae ver uma estrumela de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, n'um estrado deste porte; á mão direita fica o doutor promotor; á esquerda o Chico Escrivão com uma maçaroca de papeis na frente. Em baixo, na sala, uma mesa comprida com os jurados em roda. E a coisa garra num falatorio té noite alta: o Chico lê que lê; o promotor fala e refala; o Zézeca rebate, e tal e tal. Uma lindeza!

No José Inchado:

— Lembra-se, compadre, daquelle jury, deve fazer vinte annos, que "absorveu" o Pedro Intanha? Eh, jury macota! O Dr. Gusmão veio de Pinda especialmente, e falou que nem um vigario. Era só: o nobre "orgo" do ministerio p'r'aqui, o "meritricio" doutor juiz p'r'alli. Sabia dizer as coisas, o ladrão! Tambem comeu milho grosso,

p'ra mais de quinhentos bagos, dizem. Mas valia. Isso lá valia!

Na Botica do Cação de Ouro:

— Não, não, você está enganado, não foi desse jeito, não! Ora, ora! Pois se eu até servi de testemunha!... Não teime, homem de Deos!... Sabe como foi? Eu lhe conto: o Pedro Intanha teve um bate-bocca com o major Vaz, perdeu a cabeça e lhe chamou “estupor”, bem alli defronte da Nha Vica; e vae o major e diz: “estupor é a avó”. Foi então o Pedro, e...

Só não gostou da noticia o meu tio juiz. Maçada. Incommodar-se por causa d'um crimezinho que não valia a pena...

E tinha razão. O delicto do mulato não valia uma casca d'ostra.

Chico Bahiano costumava, todas as noites “so-verter” um martelo da legitima no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não passava disso. Certa vez, porém, errou a dóse, e em vez do martelo costumeiro, chamou para o papo tres. O restilo era de primeira e lhe subiu logo ao casco. A principio Bahiano destabocou. Deu grandes punhadas no balcão, berrou que o Sul era uma jossa, que o Norte é que é, que bahiano é alli no duro, que quem fosse homem que pulasse para fóra, etc., etc. O botequim estava deserto, não havia quem lhe apanhasse a luva a não ser o Ventania; mas este accendeu o cigarro pachorren-

tamente, trancou as portas na cara do bebedo e foi dormir.

Chico Bhiano, na rua, continuou a desafiar o mundo — que rachava, partia caras, arrancava figados.

Infelizmente, também a rua estava deserta, e nem sequer a lua, a pino, lhe dava sombras com que esgrimisse.

Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras o *Joli*, cachorrinho de estimação da Sinharinha Moura, bicho de collo, metade pelado, metade peludo, e deu de ladrar feito um bobo, em frente do insolito perturbador do silencio.

O bahiano sorriu-se. Tinha contendor, afinal.

— 'guenta lixo ! — disse, e, cambeteando, descreveu umas letras de capoeiragem, cujo remate foi um valente ponta pé que projectou o tótó a cinco metros de distancia. *Joli* rompeu num ganir de cortar a alma, e o offensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourada despertou de sobresalto, e á porta surgiu logo o rotundo Maneco Moura, intendente da Camara, de camisola, carapuça de dormir e uma vela na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava coisa nenhuma desta vida a não ser o clarão da luz.

— Que é lá isso ahi? berrou para a rua.

— E' pimenta malagueta! roncou o mulato já a prumo; e enquanto o Moura, esfregando os olhos,

perguntava a si proprio si não era aquillo pesadelo, o facinora desenha no ar um rabo d'arraia, do qual resulta desmoronar-se o vereador na calçada, fragorosamente, esborrachando o nariz.

Era esse o facto sobre cuja talagarça ia a a Justiça bordar as scenas serio-comicas do *inter-mezzo* inglês que traduzimos em calão.

Fale o tio: foi uma sécca sem nome o tal jury. O promotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte annos de chôco, atuchou no auditorio cinco horas massiças d'uma rhetorica do tempo do onça, que foram cinco horas de pigarros e caroços de encher balaaios. Principiou historiando o direito criminal desde o Pithecanthropo Erecto, com estações em Lycurgo, Védas, Moysés e Zend-Avesta. Analysou todas as theorias philosophicas que vêm de Confucio a Farias Brito; anniquilou Lombroso e mais as "lerias" de Garofolo (que dizia Garofálo); provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e os deterministas uns cavallos, inimigos da religião de nossos paes; arrazou Comte, Spencer e Haeckel, como os representantes do Anti-Christo na terra.

Contou depois a sua vida, a sua nobre ascendencia entroncada na alta prosapia d'uns Esteves do Rio Cávado, em Portugal; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguay e o não menos heroico ferimento de um primo, hoje escripturario do Ministerio da Guerra, que teve offendida, por bayo-

neta, em Cerro-Corá, a “face lateral do lóbo da orelha sinistra”.

Provou, em seguida, a immaculabilidade da sua vida; releu o cabeçalho da accusação feita no julgamento-Intanha; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores; leu paginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação christã; adduziu todos os argumentos do Doutor Subtil a respeito da Santissima Trindade; e concluiu, finalmente, pedindo a condemnação daquella fera humana que “cynica me olha como para um palacio” a galés perpetuas “por 30 annos”, mais a multa da lei.

Aqui o tio parou acabrunhado. Correu a mão livida pela testa suada. Negrejaram-se-lhe as olheiras. Depois, continuou:

— Sinto um canção d'alma ao recordar esse dia... Como é fertil em recursos a imbecilidade humana!

Houve replica. Houve treplica. O Zézeca bateu o promotor em asnice. Engalfinharam-se, disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror...

O borbotão de asneiras era uma caudal sem fim. O conselho já dava continuos signaes de cansaço. A tantas levantou-se um jurado e pediu permissão para ficar de cócoras no banco porque estava, “com perdão da palavra, com escandescencia”. Veja você!...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta. A noite já ia alta. Os candieiros de petroleo, com os vidros fumados, modorravam funereamente. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás escuras. O destacamento policial (duas praças e o cabo) cabeceava, dormindo em pé. Tres horas haviam corrido de somnolenta espectação quando da sala secreta saem os jurados com o papelorio. Entregam-m'o. Corro os olhos, e esfrio. Tudo errado! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fizeram elles dos quesitos. Era forçoso reenvial-os ao curral do conselho.

Expliquei-lhes novamente, com infinita paciencia, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam?

— Entendemos, sim, senhor, respondeu o presidente, mas por via das duvidas era bom que o seu doutor mandasse cá dentro o João Carapina, a nos ajudar.

Abri a minha maior bocca, e olhei assombrado para o escrivão: e esta, amigo Chico?

O escrivão cochichou-me que era sempre assim. Em não sahindo sorteado o João Carapina não havia meio de vir coisa decente da sala secreta. E citou varios antecedentes comprobatorios.

Não me contive — berrei, chamei-lhes azemo-las, asnos de Minerva, onagros de Themis, e fil-os trancafiar de novo na saleta.

— Ou a coisa vem conforme o formulario, ou vocês, cambada, ficam ahi a vida inteira!

Decorreu mais outra hora, e nada. Nenhum ruido promissor na sala secreta. Perdi a esperanza e acabei perdendo a paciencia. Chamei o official de justiça e disse-lhe: — Vá-me desentocar esse Carapina, e ponha-m'o cá, debaixo de vara, dormindo ou acordado. Depressa!

O official muscou-se lepido, e meia hora depois voltava com o carpinteiro dos nós gordios, a bocejar, estremunhado, de chinellas e cobertor vermelho no pescoço.

— Senhor João, metta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgadas. Com seiscentos milhões de réos, é preciso acabar com isto!

O carpinteiro foi introduzido na sala. Mas não demorou dois minutos — toc, toc, toc — bateu. O official de justiça abre. Surge-me o Carapina com cara idiota.

— Que ha? perguntei, escamado.

— O que ha, senhor doutor, é que não ha ninguem na sala: os jurados fugiram pela janella!...

— !!!

— E deixaram em cima da mesa este bilhettino para Vossa Excellencia.

Li-o. "Sr. Doutor Juiz, nos desculpe, mas nós condemnamos o bicho no gráo maximo". Maximo foi a palavra que decifrei pelo sentido: estava escripto "máquecimo".

Levantei-me, possesso.

— Está suspensa a sessão! Senhor commandante, recolha o réo á... Que é do réo?

Firmei a vista: não vi sombra de réo no banquinho. O commandante, que estava a dormir, despertou sobresaltado, esfregando o olho.

— Senhor commandante, que é do réo?

O cabo (coitado!) e as praças mal acordadas, deram busca em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, em baixo das escarradeiras. Como nada encontrassem, perfilou-se o commandante e disse:

— Saberá Vossa Excellencia que o safado escafedeu...

O relógio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!... Era demais. Perdi a compostura e explodi:

— Sabem duma coisa? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o grande palavrão da lingua portugêsa.

— E ?...

— E... fui dormir.

“Gens ennuyeux”

— Queres ir ? disse-me Lino espichando ante os olhos um convite. Li: *A Sociedade Minervina*, ahn, ahn... *convida*, ahn... *a conferencia versará sobre a Historia da Terra*.

— E’; a these é catita; vaes?

— Está-me appetecendo conhecel-os, aos nossos sabios...

— Sabios, rosnei, *gens ennuyeux*...

— Nem sempre, contraveiu Lino. O assumpto é magnifico, e depois, que diabo! uma penitencia-sinha de vez em quando, por amor á sciencia...

— Pois vamos, resolvi com intrepidez.

— A’s oito, rua tal.

— I á estarei, adeos !

.

Ao assomarmos á porta já as cadeiras do grande salão pintalgavam-se de austeras sobrecasacas scientificas, encimadas por carecas luzidias em cujo espelho punha gangrenas de luz (perdão, Apollo!) a luz violacea do arco voltaico.

Entramos, com religiosa compostura, pisando com passos humilimos o assoalho augusto do Pagode da Sciencia.

Vi no rosto do meu amigo uma leve expressão de terror sagrado. Os quichúas quando davam de chofre com o Eldorado haviam de ficar assim... Commovia-se devéras o rapaz, e foi balbuciante que cochichou:

— Sabios, hein?

Sentamo-nos devagarinho e puzemo-nos a olhar. Novas sobrecasacas chegavam, aos magotes de tres e quatro, compenetradas e pensabundas. Eram novos sabios. Havia-os de variegado estylo. O estylo-fiambre: gente vermelha com o sangue á flor da pelle, em permanente congestão. O typo-mellado: genero de importação norte-americana ou allemã. O estylo-ball: queijos de Palmyra com o vermelho substituido por um pallor circular de cabellugens ralas. O estylo-chlorose: rapazelhos de peito cavo e barba a espartar ingenuamente, macilentos de tez; olhos de bezerro desynterico em cujas meninas — meninas dos olhos — pareciam brincar hypothernas e binomios de Newton.

A' nossa dextra suava uma rubra apoplexia allemã, enchourçada em sobrecasaca de debrum contemporanea do iguanodonte, com costuras que cediam á pressão das enxundias comprimidas; a sua mão gordita, recoberta de doirada séara de

pelinhos, alisava a grenha côr de fogo como quem alisa um gato amigo.

Mais adeante, amplo burguês, barbaçudo, ver-rugoso e bexiguento, fungava a suar. A' sua frente, sorrindo com bondade em meio dum grupinho amigo, uma especie de mulher de sexo neutro, acondicionada em alpaca, sem um atavio, e cujos cabellos grisalhantes se alizavam em rispido pericote sob a copa acartolada d'um chapéo masculino, discutia Cuvier.

— E' a doutora X... sussurrou-me o Lino — uma sabia sapientissima!...

Logo adeante, um oculista de nomeada; mais além, um pomologo; em seguida, um philologo, uma parteira, um charlata, um lente de geometria, um physio-psycho-pathologista.

Nós, miserandos intrusos, vexados da nossa espessa ignorancia a dois, commentavamos baixinho, com respeitosa deferencia, as effigies hirsutas daquelles paredros que davam *tu* a Minerva. Lino nem falava: ciciava tatibitate. Aquella face da sociedade era-nos de todo ignorada. Tudo alli cheirava á novidade. O proprio ar nada tinha do ar commum das ruas: pairava nelle um cheirinho subtil a raizes cubicas.

A' frente do salão havia uma comprida mesa em cujo centro o presidente da Sociedade — um rolete d'homem côr de salame — cofiava os bigo-

dinhos ruivos, bamboleando no ar uns pés que não alcançavam o assoalho.

Ladeavam-no dois bonitos secretarios remexendo actas. Sobre a mesa, enfileirada, uma récua de bichos prehistoricos, em miniatura — stegosauros, plesiosauros, iguanodontes, e um mamutesinho que escancarava a goela vermelha n'um urro mudo.

— *Dlin, dlin, dlin!*... Está aberta a sessão, rosnou o presidencial salame... O secretario mascou a acta — tá, tá, tá...

— Tem a palavra o conferencista.

Corre pela sala um bisbilho de curiosidade.

Galga a tribuna o homem. Roliço e pipote, tem a calva resplendente, traz casaca, olhos e convicção profunda. Prepara os papeis, tósse.

Novo *psst* deslisa pela sala. Cae nella o silencio curioso da expectativa...

— Minhas senhoras e meus senhores! Me parece que a outro e não a mim, que sou o mais modesto membro da Sociedade...

Estava encetada a conferencia.

Entreolhamo-nos ao *me*, com piscadelas grammaticaes e entregamos nossos quatro ouvidos ás palavras do Sabio. O orador, após o exordio da praxe, veste o escaphandro da observação, apoia-se no páo ferrado da critica, encalvaga na penca os nasoculos da analyse e, sem tir-te, cae de mergulho no fundo sombrio das edades. Vae aos pe-

riodos *eos*, examinar *gneiss e micaschitos*; mostra exemplares ao auditorio e descreve-os com minúcia.

Narra como vieram os primeiros vegetaes — samambaiussús enormes e mollengos — e corro á sombra delles foram surgindo bichinhos tortos, sem experiencia da vida, admiradissimos de verem casa tão grande posta a seres tão pequenos. Fala com segurança de um feto arborescente, testemunha ocular daquillo, transfeito em sabio moderno. Diz e rediz. Vae e volta — porque o *gneiss* p'ra aqui, porque o *gneiss* p'ra lá, porque o *gneiss*, o *gneiss*, o *gneiss*...

Depois agarra os *trilobitas*, os *amonitas*, e móe, remóe, tremóe, pulverisa os pobres bichinhos, digressiona, gesticula, súa: o *trilobita*, o *amonita*... porque o *trilobita*... não obstante o *amonita*... bita... nita... e nita e bita e pá, pá, pá, borbota sciencia pura, hispida, hirsurta, inexoravel, num fluxo que berrava por tampões de perchloreto de ferro.

O tempo corre e da torneira aberta deflue caudaloso o jorro hermaphrodita do palavreado greco-latino. O espelho da sua careca tremeluz de inspiração. O seu dedo pontifical colleia riscos explicatorios. E a *lympha scientifica* a jorrar a jorrar... durante quinze, trinta minutos, uma hora, hora e meia...

O esguelado urro do mamutesinho já não é mais um urro e sim bocejo formidoloso. E não o unico.

Pela sala innumeros se escancaram, incoerciveis. Algumas sobrecasacas cochilam. A doutora reprime numa careta um bocejo traiçoeiro; o burguez das verrugas resfolga com maior estrepito e mais bagas de suor na testa.

E na tribuna a sciencia a correr, a correr... E a coisada fossil a desfilar inexgotavel n'uma sara-banda sem fim: — porque o *gneiss*, o *micaschisto*... não obstante o *bita*, o *nita*... os conglomerados da Westphalia, as superposições devonianas, a sedimentação evolutiva, tará-tátá, tá, tá.

Nesse ponto penetrou na sala um delicioso casal, pisando de leve, em passinhos de lã preventivos dos *pssts*. Elle, alto e elegante; ella, mimosa e feminina, tom exotico de *bibelot* caro. Sentam-se. Elle abre os ouvidos. Ella espevita o *lorgnon* e corre os olhos vivos de malicia ironica pela assembléa inteira; pouosa-os por fim na figura salpiconesca do orador. Lino os segue.

— Vê que graciosos! diz furando-me as costellas a cotovelladas — repara na ironia d'aquelles diamantes negros. Pousam na caréca do homem... alisam-na com bonhomia malandra... agora descem, examinam o nariz... riem-se, os marotos — é da verruga talvez... tentam arrancal-a... irritam-se... fogem da penca... examinam o feitio da sobrecasaca. Bom, deixaram em paz o homem... passeiam pela sala... dão com o chapéo da dou-

tora... olha como se riem perdidamente, os moleques!...

Emquanto os olhos do meu amigo estudavam os maliciosos olhos da graciosa criatura, barafustavam-se os meus goela a dentro do mamute que o dedo do sabio apontava naquelle momento:

— ... e appareceu então um animal de pêlos duros e pretos, de prezas recurvadas, cujo foi encontrado na embocadura do Iena e se chamou mamute...

Lino arrancou-me de golpe ás goelas do monstro e ao cassange do sabio.

— Larga esse pato chôco e vê como ella boceja engraçado.

De facto, a petulante boquinha da moça escondia no leque um bocejo saciado, saciado e contagioso, porque o sociologo logo em seguida escancarou o seu, o pomologo lá no fundo abriu mais um, e o allemão da nossa direita reprimiu outro que promettia levar as lampas ao do mamute.

— Dez horas já! espantou-se o meu amigo consultando o relógio — ha esperanças de fim?

— Qual! gemi — ainda estamos em pleno megatherio.

— E é comprido o megatherio?

— Enorme. E tem parentela accyolina... Só depois de descriptos os glyptodontes, os megaceros, os rhinoceros e as hyenas é que ha esperanças de

entrarmos em terras do nosso avô pithecanthropo. Coragem, feto arborescente!

Dez e meia, e o corrimento paleontologico continuava copioso sem symptomas de exaustão. Systemas sobre systemas amontoavam-se, inducções sobre inducções, hypotheses sobre hypotheses — num mascar monotono de realejo electrico. Nossas nadegas a arder protestavam. Bocejos insolentes amiudavam exigencias: queriam sair já e já, queriam passagem franca, boccas bem escancaradas — e nós luctavamos por conter-lhes a mácriação.

E o chafariz scientifico a despejar...

— Ha esperanças, reanimei o Lino, entramos no homem.

— Bemdito sejas, ó rei da criação!

Era verdade; o sabio penetrára no homem, afinal. Mais cincoenta minutos de sécca e pingava o ponto, convidando a assistencia a examinar de perto os fosseis amontoados sobre a mesa.

Estrepitaram palmas e, após um *uff*! de resurreição, encheu a sala o sussuro do “á vontade”, das cadeiras recuadas, do frufutar surdo dos capotes enfiados, dos espreguiçamentos risonhos.

— Que gostosura, um fim de sécca!

A assistencia afflue aos magotes para junto da mesa afim de examinar os bichos. Fomos na onda. Todos commentavam, queriam pegar, apalpar os fosseis, cheiral-os, proval-os.

O sociólogo, com um estegosauro seguro pelo cangote, explicava ao pomólogo “de como pela restauração de Cuvier se tinha ali um elo da vasta cadeia da evolução que Darwin descobrira”.

Ao centro da mesa o conferencista desfazia-se em amabilidades de caixeiro, fragmentando sua sciencia e distribuindo-a em pilulas.

— Olhe, doutor, dizia ao philologo, a *baculite* de transição de que falei.

E para outro sujeito:

— Já viu, doutor, o magnifico exemplar de *hippurite* que nos veio de Berlim?

Nisto ouvi ao meu lado um resfolego adiposo; voltei-me: era o burguês das verrugas, com a toucinhosa consorte pelo braço a examinar uma lasca de pedra azulega que de mão em mão viera ter ás suas.

O bicharoco olhava para a pedra como quem olha para um talisman. Não resisti e atirei-lhe a esmo:

— E’ o *gneiss*.

O burguês encarou-me com o respeito devido a Quem Sabe, e, virando-se para a mulher, disse gravemente:

— Este é o *gneiss*, Maricota.

D. Maricota tomou-o nos dedos, examinou-o sob todas as faces, e em seguida o passou a uma amiga gaguejando de geologica emoção:

O *gneiss*, Nhanhã!...

.

Na rua esfumada pela garôa, um friozinho de tiritar. De golas erguidas, estugamos o passo, enquanto nossos labios extrahiam a moralidade da festa: Sciencia e Arte nasceram para viver juntas, porque Arte é harmonia e Sciencia é verdade.

Quando se divorciam, a verdade fica desharmonica e a harmonia falsa. Este senhor sabio, se trouxesse pela mão direita a Sciencia e pela esquerda a Arte, para fundil-as no momento de falar, que coisa esplendida não faria! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empanturrou-nos a alma de coisas duras, indigeriveis, de mistura com mil pronomes fóra dos mancaes. Além disso...

Foi-nos impossivel proseguir na philosophia. Um carro passava estalando fragorosamente as pedras da rua. Dentro vinha um casal.

— Ella...

— A Verdade e a Harmonia...

Nossas boccas emmudeceram, porque a imaginação, tomando redeas nos dentes, levava-nos de galopada no encalço da dama dos olhos negros...

O figado indiscreto

Que ha um Deus para o namoro e outro para os bebados está provado — *a contrario sensu*. Sem elles como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a mêdo sem maiores consequências fóra uns sobresaltos desagradaveis, quando passos intempestivos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta ?

Acontece, todavia, que esses deuses, ao geito de Homero, tambem cochilam: e parte o borracho o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra lá pilha Romeu e Julieta em flagrante contacto de epidermes, petrificando-os com o classico: “Oh! que pouca vergonha!...”

Outras vezes acontece aos protegidos decahirem da graça divina.

Foi o que succedeu a Ignacio, o calouro. Por via disso perdeu elle de casar com a Sinhárinha Lemos, bôa menina a quem cincoenta contos de dóte tornavam optima.

Ignacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, sahia fóra de si e permanecia largo tempo idiotisado.

O progresso do seu namoro foi, como é natural, menos obra sua que da menina, e da familia de ambos, concertadas tacitamente em conspirar contra o celibato do futuro bacharel. Uma das traças conspirativas foi o convite que elle recebeu para jantar nos Lemos em certo dia de anniversario familiar commemorado a Perú.

Ignacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata, floriu de orchideas a botoeira, friccionou os cabellos com loção de violeta e lá foi, de roupa nova, lindo como se saíra da fôrma áquell'hora. Levou comsigo, entretanto, para mal seu, o acanhamento. E d'ahi proveiu a catastrophe...

Havia mais moças na sala, fóra a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade merecida por um possivel futuro parente.

Ignacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galã á força que lhe attribuiam. Uma das moças, criaturinha requintada de malicia, muito "sahida" e "semostradeira", interpellou-o sobre coisas do coração, idéas relativas ao casamento e tambem sobre a "noivinha", tudo com meias palavras intencionaes, sublinhadas de piscadelas para a direita e para a esquerda.

Ignacio avermelhou, tartamudeando palavras desconchavadas, enquanto o diabrete da menina maliciosamente insistia:

— Quando os doces, seu Ignacio?

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, foram o que sahiu de dentro do moço, incapaz de réplicas geitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o, porém, a ida para a mesa.

Lá , enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilibrio. O pobre rapaz, por dá cá aquella palha, mudava-se de si para fóra, soffrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe D. Luiza um bife de figado, sem consulta prévia. Exquisitice dos Lemos: comiam-se figados naquella casa até nos dias mais sollemnes. Exquisitice do Ignacio: nascera com a estranha idiosyncrasia de não poder siquer ouvir falar em figado. Seu estomago, seu esophago e talvez seu proprio figado tinham pela viscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse Ignacio em contrarial-os: amotinavam-se, repellindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal o serviu D. Luiza, Ignacio avermelhou de novo e novamente saiu fóra de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiavel solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras, o estomago encrespado de cólera a exigir, com imperio, respeito ás suas antipathias. Parla-

mentou com o órgão digestivo, mostrou-lhe que máo momento era aquelle para uma guerra intestina. Tentou acalmal-o a góles de clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Ignacio! A porejar suor gelado na asa do nariz, chamou a postos o heroismo, evocou todos os martyrios soffridos pelos christãos na era romana e os padecidos na era christan pelos hereticos, contou um, dois, tres e *glug!* enguliu meio figado sem mastigar. Um góle precipitado de vinho rebateu o empache. E Ignacio, de olhos arregalados, immovel, esperou a revolução intestinal.

Em redor, a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe todos de suspeitar o supplicio daquelle martyr posto a tormentos de uma nova especie.

— Você já reparou, Milóca, na “ganja” da Sinhárinha? disse uma sirigaita de “belleza” na testa — está como quem viu o passarinho verde... E olhou de soslaio para Ignacio.

O calouro, entretanto, não deu fé da tagarelice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes visceraes. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda deante de si a segunda parte do figado engulhento. Era mister atacad-o e concluir de vez a ingestão penosa. Ignacio engatilhou-se de novo e — um, dois, tres: *glug!* — lá rodou esophago abaixo o resto da miseravel glandula.

Maravilha! O estomago, por inexplicavel milagre de polidez, não reagiu. Estava salvo Ignacio. E como estava salvo voltou lentamente a si, muito pallido, com o ar lorpa dos resuscitados. Chegou a rir-se. Riu-se alvarmente, de goso, como riria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os rumores do mundo, seu cerebro entrava a funcionar normalmente e seus olhos volveram outra vez ás visões habituaes.

Estava nessa beatitude, quando:

— Não sabia que o senhor gostava tanto de fígado, disse D. Luiza, vendo-lhe o prato vasio. Repita a dóse!

O instincto de conservação de Ignacio pulou em guarda. E, fóra de si outra vez, o pobre moço exclamou, tomado de panico:

— Não! Não! Muito obrigado!...

— Ora deixe-se de luxo! Tamanho homem com cerimoniaes em casa de amigos?! Coma, coma, que não é vergonha gostar de fígado. Ahí está o Lemos, que se péla por uma isca.

— Iscas são commigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com ellas ou sem ellas, nunca as enjeitei. Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação! Veiu para o prato de Ignacio um novo naco, e este formidavel, dóse dupla.

Não se descreve o drama criado no seu organismo. Nem Shakespeare, nem Mæterlinck — ninguém dirá nunca os lances tragicos da estomacal tragedia sem palavras. Nem eu, portanto. Direi somente que á memoria de Ignacio acudiu o caso da Nora de Ibsen e elle aguardou disfarçadamente o milagre.

E o milagre veio desta vez. Um criado estouvadão tropeçou no tapete soltando o perú no collo de uma dama. Gritos, reboição, tumulto. Ignacio, n'um lampejo de genio, agarra o figado e mette-o no bolso.

Salvo! Nem D. Luiza, nem os vizinhos perceberam o truque — e o jantar chegou á goiabada sem maior incidente.

* * *

Antes da dançata lembrou alguém recitativos e a espevitadissima Milóca veio ter com Ignacio.

— A festa é sua, dr. Ignacio. Nós queremos ouvil-o. Dizem que o dr. recita admiravelmente! Vamos, um sonetinho de Bilac. Não sabe? Olha o luxinho! Vamos, vamos! Repare quem está no piano: é *ella* quem o vae acompanhar... Nem assim? Máozinho! Quer decerto que a Sinhárinha inste?... Ora, até que emfim! A "Douda de Albano"? Conheço sim, é linda, embora um pouco

fóra da moda. Toque a Dalila, Sinhárinha, bem *piano*, assim...

Ignacio, vexadissimo, vermelhissimo, já em suores, foi para pé do piano onde a futura consorte preludiava a Dalila em surdina. E declamou a "Douda de Albano".

Pelo meio dessa hecatombe em verso, ahi pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa parou-lhe na sobrancelha, comichando como importuna mosca. Ignacio lembra-se do lenço e sacca-o fóra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaff* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do instincto, salvam a situação.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario phenomeno. Ignacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora deixar o piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro, sem que ninguem lh'o pedisse. E' que o acorrentava áquella posto, novo Prometheu, o implacavel figado...

Ignacio recitava. Recitou o "Navio negreiro", "As duas ilhas", "Vozes da Africa", "O Tejo era sereno".

Sinhárinha, desconfiada, abandonou o piano. Ignacio, firme. Recitava sempre. Recitou o "Corvo" de Edgar Pöe, traduzido pelo sr. João Kopke; recitou o "Quizera amar-te", o "Acorda donzella": borbotoou poemetos, modinhas e quadras.

Sinhárinha, num canto da sala, estava chóra não chóra. Todos se entreolhavam aparvalhados: teria enlouquecido o moço ?

Ignacio, firme. Completamente fóra de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquella festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos Luziadas. Declamou “As armas e os barões”, “Estavas, linda Ignez”, “Do reino a redea leve”, o “Adamastor” — tudo!...

E, esgottado Camões, ia-lhe saindo um “ponto” de *Philosophia do Direito* — “A escola de Bentham” — a coisa ultima que lhe restava de cór na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e caiu de costas, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamissima viscera de má morte.

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor da Sinhárinha morreu nesse dia; que a conspiração matrimonial falhou, e que Ignacio mudou de terra. Mudou de terra porque o desalmado major Lemos deu de espalhar pela cidade inteira que Ignacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato, não se contentava em comer d'elle e repetir — ainda levava escondido no bolso o que podia...

O imposto unico

PROLOGO

No principio era o pantano, com vallas d'agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabahú, relvado, com ruas de asphalto, pérgola grata a namoriscos nocturnos, a estatua dum adolescente nú que corre — e mais coisas. Autos voam pela avenida central, e cruzam-se pedestres em todas as direcções.

Naquelle dia vi formar-se por alli um bolo de gente, rumo ao qual caminhava um policia apressado. — Phagocitose, pensei. A rua é a arteria, os passantes o sangue. O desordeiro, o bebado, o gatuño são os microbios nocivos perturbadores do rythmo circulatorio. O soldado de policia é o globulo branco — o phagocito de Metchenikoff. Está, de ordinario, parado no seu posto, circumvagando olhares attentos. Mal se congestiona o trafego, pela acção anti-social do desordeiro, move-se, caminha, corre, cae a fundo sobre o máo elemento e arrasta-o d'alli para o xadrez.

Foi assim naquelle dia.

D'a sujo, azedo.

Céo dubio, de decalcomania pelo avesso.

Ar arrepiado.

Alguem perturbára a paz do jardim, e em redor desse discolo se juntára logo um grupo de globulos vermelhos, especie *curiosa*. E lá vinha o phagocito restabelecer a harmonia universal.

O caso gyrava em torno d'uma criança maltrapilha que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita por suas proprias mãos.

Muito sarapantado, com lagrimas a brilhar nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem attendidas. Sustinha-o pela golla um fiscal da camara.

— Então, seu cachorrinho, sem licença, hein ?
— exclamava entre colerico e victorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um, mas legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor. Arreganha como buldogue; mas se lhe sacodem osso, recolhe os colmilhos e vira cordeiro. Naquelle dia, presentindo ausencia de osso, permanecia féra de começo a fim. Haviam de ver! Sacudiu de novo o menino, repetindo::

— Então, cachorrinho, que é da licença ?

A miseravel criança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquella de licença, tão im-

portante, reclamada assim a empuxões bruaes. Foi quando entrou em scena o policia.

Este globulo branco era preto. Tinha beico de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas accesas, relembativas das cavernas de Trophonius. Approximou-se. Rompeu o magote humano com um napoleonico — “Espalha!”

Humildes alas se abriram áquelle sezamo, e a Autoridade, avançando, interpellou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe ?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo illegalmente a profissão ? Encontreio-o barzando por aqui, com estes troços, a fisgar com os olhos os pés da gente e a dizer — “engraxa freguez!” Eu vi a coisa de longe, vim pé ante pé, disfarçando e de repente, *Nhoc!* “Mostre a licença”, eu disse. “Que licença ?”, retrucou elle, com arzinho de innocencia. “Ah ! você diz que licença, cachorro ? Está me debochando, ladrão ! Espera que te ensino o que é licença, trapo !” E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leval-o ao deposito, autoar a infracção para proceder como de direito, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxilla Fiscal.

O solemne Mata-Piolho da Manopla Policial concordou :

— E’ isso mesmo. Casca-lhes !

E, chiando por entre os dentes uma cusparada de esguicho, deu sua sacudidela supplementar no

menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de soba no kraal:

— Circula, paisanada ! E' "purivido" ajuntamentos de mais de um.

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E Páo de Fumo, em attitude de Bonaparte em face das Pyramides, ficou, de dedo no nariz e bocca entreaberta, a gozar a promptidão com que, n'um apice, sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria de sua jurisdicção.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem vegetação outra além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas.

Aquem da Varzea, na terra firme e alta, São Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo, em todas as direcções: a Boa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas: a do Imperador, Direita, S. Bento.

Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria !

Deram-lhe um dia o viaducto, esse arrojo!... Os paulistanos pagavam, gososos, tres cobres para

se embebedarem, atravessando-o, da vertigem do abysmo. E em casa, cheios d'orgulho, narravam a aventura ás esposas e mães pallidas de espanto. Que arrojo d'homem, esse Jules Martin que ideára aquillo !

Emquanto São Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se no brejal negro legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra, um choral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiros, latidos de mim-buias, *glu-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezagueantes riscavam foforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando, lá no Oeste, a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E S. Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, attonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o atoleiro; a agua escorreu; os sapos, espavoridos, sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tieté; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição aos guembês, resurtiu a cogumelagem de centenas de casas typicas — porta, duas janellas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côr de ardosa, que já o sol resequeira e donde o vento erguia nuvens de pó negro, margearam-se com rapi-

dez febril desses prediosinhos terreos, iguaes uns aos outros, como sahidos do mesmo molde — pifios, mas unicos possiveis então. Casotas provisórias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó de sapato á força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraizou-se de todos os lados, comeu todo o barro pixuna da Moóca, bateu estacas no marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, pôz de pé egrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas, e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro e curso pelo Carnaval. E lá está hoje, enorme, feito a cidade do Braz, separado de S. Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — a Pesth desta Buda á beira do Tamanduatehy plantada.

São duas cidades vizinhas, distinctas de costumes, de almas já bem diversificadas. Hoje, ir ao Braz, é uma viagem. O Braz não é alli, como o Ipiranga; é lá, do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz — como quem diz — vou á Italia. Uma Italia aggregada como um bocio recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do paiz; uma Italia função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nueva* pelos tres restantes.



O Braz trabalha de dia e, á noite, dorme. Aos domingo fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destes tem predilecção pelo 21 de Abril; vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patricio) vem a S. Paulo. Entope os bondes no travessio da Varzea e, cá, ensardinha-se nos autos: o pae, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada, no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino, voluntario, no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do *chauffeur*; filhos engatinhantes debaixo dos bancos, filhos em estado fetal no ventre bojudo das matronas. O carro, vergado de molas, geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade ruas acima, exhibindo a Paulicéa aos olhos arregalados daquelle exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no triangulo, e o bando toma d'assalto as confeitarias para um regabofe de *spumones*, si-sis, croquetes. E tão a serio toma a tarefa que, alli pelas 9 horas, não resta mais vestigio de empada nos armarios thermicos, nem de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devóra tudo, ruidosa, alegremente e sae impando bemaventurança estomacal, com massagens ageitadoras do abdómen. Carços d'azeitonas, palitos dos camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem com elle, nas munhecas da petizada, como lembrança da festa e

consolo ao bersalhersinho que lá ficou de castigo, em casa, berrando com goêla de Caruso.

Em seguida, tóca para o cinema ! Abarrota os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gaz hilariante da L-Ko mais do que autorisam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o geito de dobrar a festa em extensão, e obtel-a a meio preço, 550 réis — um negócio !

* * *

As mulheres do Braz, ricas d'ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam filho e meio por anno, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

E' de vel-as na rua. Bojudas de seis mezes, trazem um Pepino de anno e meio á mão e um chorincas á mama. A' tarde, o Braz inteiro chia de criança, chutando bolas de panno, jogando o pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de português e dialectos d'Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos occupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os successos do dia, que elles ouvem filosoficamente, cachimbando em silencio ou cofiando a bigodeira á Humberto.

De manhã, madrugadinha, esfervilha o Braz de gente estremunhada a caminho das fabricas.

A' tarde, refluem em magotes — homens e mulheres, de cesta no braço ou garrafas de café, vazias, penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, simples no vestir, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos bêcos, nas sombras — o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janellas para os passeios; pares, em conversa disfarçada, nos portões, emmudecem si passa alguém ou tosse lá dentro o pae.

Nos cinemas, durante o escuro das fitas, ha contactos longos, febricitantes; e, quando se rompe a luz dos intervallos, não sabem os namorados o que se passou no quadro — mas estão de olhos languens, em quebreira de amor. E' o latejar da messe futura. No anno seguinte todo aquelle erectismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto — legalizado pela egreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança ou trabalhadeiras sem fim da casa humilde

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e attrahe sobre si os olhares gulosos dos homens, não a reconheceréis, dois annos depois, na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a respeito do mólho de cenouras onde ha uma menor que as outras...

Filho da lama negra o Braz é, como ella, um sedimento de alluvião. E' S. Paulo, mas não é a Paulicéa. Ligada a esta pela expansão urbana, separa-os uma barreira — a eterna barreira que separa o velho fidalgo do peão enriquecido...

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE

Viram-se, elle e ella. Namoraram-se. Casaram. Casados, proliferaram.

Eram dois. Ajoujou-os Eros. Viveram juntos, uns mezes, os tres. Eros é andejo. Abandonou logo a casa. Mas veio o primeiro filho e continuaram tres. Depois, quatro, cinco, e seis...

Chamava-se Pedrinho, o mais velho.

A VIDA

A mãe, de pé na porta, espera o filho que foi á padaria. Entra o pequeno, vazio de mãos.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa com desespero.

— Meu Deus ! Onde iremos parar ! Hontem, a lenha ; hoje, o pão... Roupa, pela hora da morte. José, ganhando sempre a mesma cousa... Que será de nós, Deus do céu !

Depois, voltando-se ao filho:

— Vae a outra padaria, disse, quem sabe se lá... Se fôr a mesma cousa, traga só um pedaço.

Pedrinho sahiu. Nove annos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado, e vestido com os trapos descorados das roupas velhas do pae.

Este trabalhava num moinho de trigo, ganhando jornal insufficiente para a manutenção da familia. Si não fôra a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir.

Para augmento de renda lembrou-se ella, uma vez, de cultivar hortaliças n'um terreno baldio, annexo á casa. Alugou-o ao capitalista proprietario e iniciaram, ella e os filhos, a plantação. Ia em meio a horta, com grande gaudio de todos, esperançosos em tirar da terra-mãe a fartura, quando um bello dia o fisco lhes pára á porta, espia as couves e arreganha a dentuça: ou pagavam a licença ou destruíam os canteiros incontinente.

Foram forçados a destruir porque o imposto de licença subia muito acima das suas posses.

Esses homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados, que correm pelas ruas dentro de autos luxuosos e, porque o cambalacho politico os fez ministros, se julgam estadistas, deviam descer dos tamancos e vir cá embaixo contemplar scenas destas: mãe e filhos esfaimados a arrancarem, com lagrimas nos olhos, as plantinhas que cresciam tão bem... Porque lá um bello

dia o povo, desesperado, fál-os-á abrir os olhos, á força de guilhotina ou dynamite...

Todas as mais tentativas feitas no intento de melhorarem a vida com industrias caseiras, esbararam no obice tremendo do fisco. A féra condemnava-os á fome. Paciencia...

Assim escravizados José perdeu, aos poucos, a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava aparvalhado, recorrendo ao alcool para allivio de uma situação sem remedio. Bemdito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que fazes esquecer a vida e lhe abrevias o curso ! Bemdito, porque embruteces, e arrancas do homem o nervo doloroso da consciencia...

Mariana, apesar de moça, 27 annos apenas, apparentava o dobro. A labuta permanente, os partos successivos, a chiadeira da filharada, a canceira sem fim, o serviço emendado com o serviço sem folga outra além da que o somno fôrça, fizeram da bonita moça que foi a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez annos de casada !... Que eternidade de canceiras !...

Rumor á porta. Entrava o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebeu-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe ?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se á mesa, apoiando nas mãos a cabeça. Cançado. A mulher proseguiu:

— Está a oitocentos o kilo. Hontem foi a lenha, hoje é o pão... E lá? Sempre augmentam o jornal?

O marido esboçou um gesto de infinito desalento, e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes elle se sentia esmagar. Inutil, resistir... Destino, sorte...

Na cama, á noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Elle acabava grunhindo rugidos surdos de revolta. Falava em revolução, saque. Ella consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove annos. Logo estará em ponto de nos ajudar. Um pouco mais de paciencia, e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura acção. Entrou a sonhar.

Que fariam delle? Na fabrica, com o pae? Si lhe dessem a escolher iria a engraxador. Tinha um tio no officio, e em casa delle era menor a miseria. Pingavam nicks...

Sonho vae, sonho vem, brota na cabeça do menino uma idéa. Idéa que cresceu, tomou vulto extraordinario e fel-o perder o somno. Começar já. Amanhã, por que não? Faria elle mesmo a

caixa; escovas e graxa com o tio arranjaria. Tudo ás occultas, para surpresa dos paes !... Iria postar-se numa praça onde passasse muita gente. Diria como os outros: “engraxa, freguez!” e nickeis sobre nickeis haviam de juntar-se no seu bolso... Voltaria para casa recheiado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe, anciosa, começasse a ralhar, elle, glorioso, lhe taparia a bocca, despejando na mesa o monte de dinheiro... O espanto della, a cara admirada do pae, o regalo da criança com a perspectiva de ração em dobro !... E a mãe a apontal-o aos vizinhos: “Veem que coisa ? Ganhou, só hontem, primeiro dia, dois mil réis !” E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: “E’ este !...”

Pedrinho não dormiu essa noite. Madrugou. E passou o dia a dispor as taboas dum caixote velho, na factura duma caixa de engraxate pelo molde classico. Lá a fez. Os pregos bateu com o salto de uma velha botina. As taboas serrou pacientemente com um facão dentado. Sahi u coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — só caberia sobre ella um pézinho de criança egual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa, pôl-a a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas, fóra de uso, já sem pêlos,

mas que á sua exaltada imaginação se afiguraram optimas. Graxa conseguiu alguma raspando o fundo quanta lata velha encontrou no quintal.

Prompto ! Estava armado cavalleiro. Ia penetrar na arena, vencer.

Aquelle momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade victoriosa. Era como num sonho — e sonhando sahiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer-lhe nas mãos aos montes. Dava á familia parte; o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde guardava suas roupas, montaria um “corredor”, pondo a jornal outros collegas. Augmentariam as rendas ! Enriqueceria ! Compraria bicycleta, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os paes... Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquillo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôz-se a murmurar para cada passante, fisingando-lhe os pés: “Engraxa freguez !”

Os freguezes passavam sem lhe dar attenção. “E’ assim mesmo, reflectia, no começo custa. Depois, afreguezam.”

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Correu-lhe os olhos nos sapatos. Sujos. Viria engraxar, com certeza. E o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estréa.

Ergueu-os de novo para o homem, já a cinco passos, e sorriu, com infinita ternura, nos olhos, num antecipado agradecimento onde havia thesouros de gratidão.

— Então, cachorrinho, que é da licença ?

EPILOGO? NÃO! PRIMEIRO ACTO

Horas depois o fiscal apresentava-se em casa de Pedrinho, com o pequeno pelo braço. Bateu. O pae estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem, nesses momentos, não apparecia — para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-bocca.

O fiscal exigia pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepellou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosnou Buldogue, conheço o truque desse aguinha dos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte ou penhóro esta cacaria. Exercer illegalmente a profissão ! Ora dá-se ! E olhe cá, minha madama, dê-se por feliz de ser só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseraveis; senão applicava o maximo. Mas se resiste, dóbro a dóse !

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram. Uma chispa má de odio represado faiscou nelles. O fisco, apercebendo-o, motejou :

— Isso. E' assim que as quero — têzinhas !
ah ! ah ! ah !

Mariana não respondeu. Foi á arca, reuniu o dinheiro que havia — dezoito mil réis — ratinhados, havia mezes, aos vintens, para o caso d'al-guma doença. E entregou-os ao fisco.

— E' o que ha, murmurou, com tremura na voz.

O homem contou o dinheiro, metteu-os gostosamente no bolso e disse:

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeusinho, amor !

E foi á venda proxima beber dezoito mil réis de cerveja.

.
Emquanto isso, no fundo do quintal, o pae batia furiosamente no menino.

— Noutra não has de cair, filho do diabo !...



O Plagio

- Você sae, Nenesto, com um tempo destes ?
- Não ha outro.
- Dia de S. Bartholomeu, inda mais ?...
- Importa-me lá o santo.
- Está bem. Depois não se arrependa.

Isto dizia D. Eucharis ao “queixo duro” do seu marido, Ernesto d’Olivaes, ao vel-o tomar o chapéu do cabide e sair.

Fóra, remoinhava o vento, annunciando tempestade imminente.

Por castigo, nem bem caminhára o teimoso duzentos passos, desaba repentino aguaceiro. Tão repentino que mal teve elle tempo de barafustar por um “sebo” a dentro no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha da porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

- Atchim !...
- Viva !
- Atchim !...
- Viva !

— Atchim... Brrr ! P'ra burro ! Espirro p'ra burro ! *C'est le diable,*

(Seculo trinta ! Se por acaso um exemplar desta novella chegar ao conhecimento dos teus farscadores de antigualhas, não se assombre elle com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebre a cabeça a interpretal-a com ajuda da philologia comparada, da veterinaria e mais sciencias connexas.

Deixa-se cá a chave do enigma: semelhante expressão viveu correntia, pelas immedições da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida n'alguma cocheira, alargou-se ás ruas, e passou desta aos salões. Penetrou até na rhetorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das respectivas Julietas, substituiam o archaico — lindo como os amores — por este soberbo jacto de impressionismo cavallar: E' linda p'ra burro !

Não obstante, as Julietas casavam com elles, — e eram felizes. Lá se entendiam...)

O belchior era francês, e Ernesto taramelava na lingua adoptiva do sr. d'Avray o necessario para embrulhar lingua com um belchior francês. Sabia differenciar *femme sage* de *sage femme*, distinguia *chair* de *viande*, e alambicava a primor os *uu* gaulezes. Além disso tinha sciencia de varios idiotismos, usando amiude o *qu'est-ce que c'est que ça*; sabia de cór a historia do *Didon dit-on*, além duma duzia

de prosopopéas d'alto calibre, forrageadas nos "Miseráveis" — o que já é bagagem glossica de peso para um carrapato orçamentivoro com seis annos de sucção.

Taes conhecimentos, mensalmente postos em jogo, bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro a quem Ernesto, em todo dois de cada mez, alugava um bacamarte de Escrich, matador das horas vazias da repartição.

Naquella tarde, porém, Ernesto não queria livros e sim um tecto, razão pela qual falhou o sempiterno encetamento de séca. (Esse ritual começava assim: *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur ?*).

Fóra, o vento pulverisava a chuva em regougos sibilantes.

Tinha de esperar.

Esperou, remexendo estantes, folheando revistas, lendo a meia voz os titulos dourados. De longe em longe tomava um volume e perguntava ao francês acurvado na escripturação de um livro de capa preta:

— *Combien, monsieur ?*

E á resposta do homem repicava invariavelmente:

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé* — estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a attenção.

Empolgou-lh'a uma brochura esborcinada: *A Maravilha*, de Ernesto Souza.

— Olé ! Um xará ! *Combien, monsieur ?*

O livreiro, sem maior attenção, rosnou qualquer cousa enquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando machinalmente o *três salé*.

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo adquirido no collegio, onde colleccionava num caderno a primeira e a ultima phrase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

“A Maravilha” era um desses romances esquecidos que trazem o nome do autor á frente d’uma comitiva de identificações á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do onça:

Alfredo Maria Jacuacanga

(natural do Recife)

3.º annista da Escola de Medicina da Bahia

ou:

Doutor Cornelino Rodrigues Fontoura

Ex-lente disto, ex-director daquillo, ex-membro do Pedagogium, ex-deputado provincial, ex-cavalleiro da Cruz Preta, etc., etc., etc.

Romances descabellados onde ha lagrimas como punhos, e punhaes vingativos, e virtudes premia-dissimas de par com vicios archi-castigados pela intervenção final e apothetica do Dedo de Deus — livros que a traça leu e rendilhou nos poucos exemplares escapos á funcção sobre todas bemdita de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: “E um rubro fio de sangue correu do niveo seio da donzella apunhalada, como uma vibora de coral num marmore pagão”.

Ernesto, *né* de Oliveira mas d’Olivaes por contingencias estheticas, enrubesceu de appollineo prazer. E assoou-se, modo muito seu de enthusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor ! Estava alli uma phrase soberba ! “Como vibora de coral...” Magnifico ! E aquelle “marmore pagão ?”

Foi ter com o *Monsieur* e leu-lh’a “com alma”; mas o typo, absorvido numa addição, miou o *oui, oui*, sem erguer sequer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mez) mas o escondeu num desvão para que ninguem lhe puzesse a vista em cima até o dia acquisitivo.

Emquanto isso a chuva amainára.

Ernesto entreabriu a porta, espiou a rua murmurante nas sargetas e resolveu abalar.

— *Monsieur, au revoir.*

— *Oui,oui*, miou pela ultima vez o bruto.

Na rua endireitou para casa, ruminando — que sim senhor, era ter fogo sagrado ! Uma phrase daquellas fazia um nome; o xará tinha talento, e bem dizia Victor Hugo nos “Miseraveis” que o genio... é o genio !

E foi pelo caminho redizendo-a em mente, com cariciosa uncção, remirando-a por todos os lados,

sob todas as luzes. Degustou-a como um sybarita : pelo som, repetindo-a em surdina innumeras vezes ; pela fórma, revendo o geito com que a fixaram no papel os caracteres typographicos ; pelas correlações associadas, evocando vagos hellenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Phrynéa, o cão de Alcebiades, as Thermopylas, o tonel de Diogenes.

Por fim, á noite, já a celebre phrase se lhe encrustara nos miolos no lugar onde costumam encruar as idéas fixas.

Chegou a repetil-a a D. Eucharis. Mas D. Eucharis, uma criatura sovada, toda virtudes conjugaes e preocupações caseiras, interrrompeu-o prosaicamente :

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampião que te encommendei ?

Ernesto d'Oliveas arrepanhou a cara num assomo de dó ante a chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, cousa rara em sua alma de amanuense, gommosa e mansa.

— Que pavio ? Que me importa o pavio ? Quem fala aqui de pavio ? Ora não me aborreça com historias de pavio !

E voltando-se para o canto (que a scena se passava na cama) embezerrou.

O somno dessa noite não foi bom conselheiro, e Ernesto, no dia seguinte, andou pela repartição

mais meditativo que de costume, com olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem ver.

E' que uma idéa...

Não era bem uma idéa, mas cellulas vagas, destroços vogantes de idéas mortas, lampejos de idéas futuras, coisas tão affins que ao cabo de tres dias se fundiam numa idéa-mãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples "variedade", em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de estylo...

Duas ou tres personagens — não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa pallida, a cidade de Tres Estrellinhas, o anno de 18... Como enredo, uma paixão violenta da condessa — X. pelo pintor Gontran — gostava muito deste nome. A scena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achára geito em personagens nacionaes, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar-se n'aquelle final... Oh ! sim !... n'aquelle final, porque, em summa, o conto viveria para justificar a exhibição daquella joia de "cellineo lavor". E logo abaixo o seu nome por extenso: Ernesto da Cunha Olivaes.

Esse remate furtado ao xará da "Maravilha" insinuou-se aos poucos na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

"A Maravilha", ora ! Um miseravel caco de livro cuja existencia ninguem conhecia...

Plagio ? Como plagio ?! Porque plagio ?! E' tão commum duas criaturas terem a mesma idéa... Coincidencia, simplesmente. E além disso, quem daria pela coisa ?

Ernesto era literato.

“Fazer literatura” é a fórmula natural da cala-
çaria indigena. Em outros países o desoccupado
ou pesca, ou caça, ou joga o murro. Aqui belletrea.
Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses arti-
guetes inda não classificados nos manuaes da lite-
ratura onde se adjectiva sonoramente uma ideasita
de meia tigela, sempre feminina, sem pé e rara-
mente com cabeça, que goza a propriedade, aliás
preciosa, de deixar o leitor na mesma. A gram-
matica soffre umas poucas marradas, os typogra-
phos lá ganham sua vida, as beldades se saboream
na adjectivança mellosa e o sujeito autor lucra
duas coisas: mata o tempo, que entre nós em vez
de dinheiro é uma simples maçada, e faz jús a
qualquer academia de letras, existente ou por exis-
tir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, enquanto
vivia ás sopas do pae, á espera de que lhe cahisse
do céu um amanuensado, fundára a “Violeta”,
orgam literario e recreativo, com charadas, sonetos,
variedades e mais mimos de Apollo e Minerva.
Redigiu depois uma folha “critica, scientifica e
litteraria” com dois tt, “O Combate”, que morreu
aos 6 mezes, combatendo a syntaxe até ao derra-

deiro transe. Compoz nesse intervallo, e publicou, um livro de sonetos cuja impressão deu com o pae na miseria.

Incomprehendido pelo publico, que não percebia o advento de um novo genio, Ernesto amargou como peroba miuda, deixou crescer grenha e barba, esgroviou-se e disse cobras cascaveis do país, do publico, da critica, do José Verissimo e da cambada da Academia de Letras. Citava amiude Schopenhauer e Hartmann, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inoffensivo ao perigoso nihilismo russo. Foi quando o pae, farto das attitudes theatraes do filho, o metteu numa roda de guatambú pondo-o fóra de casa com valente pontapé: — “Vá ganhar a vida, seu anarchista de bôrra !”

Ernesto, jurúrú, achegou-se a um tio, influente na politica, e cavou afinal o empreguinho.

No empreguinho amou, casou e tomou a seu cargo a secção “Conselhos Uteis” do “Batalhador”. Estava nisso quando ventou, choveu, entrou no sebo, pilhou a “Maravilha”, e patinhou como Hamleto num pégo de indecisões, até que...

Ernesto, em tiras de papel do governo, lançou em bello cursivo um começo bem arredondado:

“Era por uma dessas noites de abril, em que o céu recamado de estrellas lembra um manto negro com mil buraquinhos...”

.

* * *

Na rodinha de orçamentivoros que domingueiramente beberricavam o chá com torradas de D. Eucharis, todos afinados pela cravelha de Ernesto — victimas inbellas da incompreensão, o conto estampado no “Lyrio” causou agradável surpresa. O João Damasceno foi o primeiro a dar-lhe um abraço num vae-e-vem de café.

— Olha, li o teu “Never more”, no “Lyrio”. Esplendido ! O final, então, divino ! Tens miolo, meu caro ! Pagas o chope ?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João, terminando scismativo: é um character, Eucharis, um nobilissimo character...

O Capitão Prelidiano, chefe da sua secção, foi commedido e pausado como o convinha á eminencia do seu tamanco: Li o seu trabalho, senhor Ernesto e gostei; termina com brilhantismo; continúa, continúa.

E o Claro Vieira ? Fôra brutal, esse.

— Que optimo fecho arranjaste para o teu conto ! O resto está pulha, mas o final é *un morceau de roi* !

O que nessa noite D. Eucharis ouviu relativo ao character baixo, infame e vil do Claro...

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do “encontro de idéas”.

Como medida de precaução deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar da “Maravilha” empoava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os com grande assombro de D. Eucharis que duvidou da integridade dos miolos maritaes ao vel-o transfeito em Torquemada de innocentes brochuras carunchosas.

— Mas nem assim soceçou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas ahi pelas bibliothecas publicas? Si ao menos houvesse variado a fórmula, conservando embora a idéa...

Fôra audacioso, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem m’o dizia o pae...

Ernesto arrependeu-se do plagiato — sim porque afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquillo!

A consciencia proclamava-o de cabeça erguida, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario.

E arrependia-se sobretudo por causa do “Dizem...” do “Chromo”. Constava ser o Claro o enredeiro daquellas maldades e o Claro na mofina era quatro páos. Sabia revestir as palavras de um jossá urente de ortiga.

Fizera mal, porque afinal de contas um plagio... é sempre um plagio.

Quando no domingo seguinte recebeu o “Chromo”, tremeu ao correr os olhos pelo “Dizem...” Mas não vinha nada e respirou.

No “Recebemos e agradecemos” havia uma referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a “Dahlia” desse dia trouxe algo: “O conto do sr. F. é um desses etc. etc. O final é uma dessas phrases que chispam belleza hellenica etc.”

— O final sempre o final ! Estão todos apostados em me fazer perder a paciencia. Ora pistolas !

Deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do “Lyrio” em seu poder — dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu, desabridamente:

— Ora, não me seja besta !

Damasceno abriu a bocca.

Nas palavras mais innocentes o pobre autor via allusões ironicas, directas, claras, brutaes. Num simples “bom dia” enxergava risinhos de mófa. O proprio Capitão Prelidiano, cavalgadaura honestissima, incapaz duma ironia, afigurava-se-lhe o chefe da malta.

Conspiravam contra elle, não havia duvida.

Pôz-se em guarda. Fugiu aos amigos. Deu cabo do matte domingueiro. Não podia siquer ouvir falar em literatura, o assumpto dilecto de tantos annos. Emagreceu.

D. Eucharis, pensabunda, matutava :

— Serão lombrigas ?

E deu-lhe chenopodio, ás occultas.

* * *

— Afinal...

— Afinal ? E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é ! Os casos mais interessantes descamham a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Oliveiras, por exemplo. Merecia um fim tragico, duello ou quebramento de cara. Quando nada, uma remoçõesinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra como elle um remate de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O chenopodio revelou-se um porrete para o seu mal. Depois, com o decorrer do tempo, esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O "Lyrio" morreu como morrem "Lyrios", "Dahlias" e "Chromos": calote na typographia. Ernesto engordou. Já é maior. Tem seis filhos.

Continua a "fazer literatura" — clandestinamente embora. E se encontrar a talho um novo final de estrondo, plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca, ou nenhuma.

E é pena...

O romance do chupim

Ouviamos no cinema a valsa precursora da primeira fita quando penetrou na sala um casal estranho. Ella, feiarrona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a uma todas as graças da mocidade. Tirara-lhe já a frescura da pelle e o viço da côr, deixando em troca as sardas e os primeiros pés de gallinha. Tirara-lhe também os flexuosos meneios do corpo, a garridice amavel, os tiques todos que, sommados, formam essa teia de seducção feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da especie. Quasi gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito annos inspirava sonetos, virára verruga, com um torcido fio de cabello no pincaro. No nariz amarellecido cavalgava o *pince-nez* classico da professora que se preza.

Em materia de vestuario suas roupas escuriças, mais attentas á commodidade que á elegancia, denunciavam a transição da moda para o “fóra da moda”.

Elle, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso de “coisa humana”, em singular contraste com o ar de dona da companheira. O estranho do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte. Inquilino e senhorio; quem manda e quem obedece; quem dá e quem recebe.

Ella falava d’alto, sem volver o rosto.

Elle ouvia de baixo, humilde, attento.

Visivelmente um caso conjugal onde cantava a gallinha e o gallo chocava os pintos.

Meu amigo apontou o homem com o beijo e murmurou:

— Um chupim.

— Chupim ? repeti interrogativamente deante da palavra que ouvia pela primeira vez.

— Quer dizer, *marido de professora*. O povo al-cunha-os assim, tirando analogias do passarinho preto que vive á custa do tico-tico, conheces ?

Lembrei-me da scena tão commum em nossos campos, e puz-me a observar o casal com maior interesse, mormente depois de começada a fita, re-lissima salgalhada com o enfadonho adulteriosinho francês. Já elles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que, para ouvir melhor algum commen-tario da esposa, não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhe olhos tambem.

— Os chupins, proseguiu o meu cicerone, são homens falhos, *ratés* da virilidade — a moral, está

claro, que a outra lhes é indispensavel ao bom desempenho do cargo.

— Cargo ?

— Cargo, sim. Elles desempenham o cargo importantissimo de *maridos*. Em troca disso as esposas ganham-lhes a vida, dirigem os negocios do casal, desempenhando todos os papeis attribuidos normalmente aos machos. Taes mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por obra delles, já que lhes é impossivel a revogação de certas leis naturaes.

Quando a mulher vae á escola fica o chupim em casa, cocando os filhos, arrumando a sala, ou mexendo a marmellada. Ha sempre para elles uma recommendaçãoosinha á hora da sahida para a aula.

— As vidraças da frente estão muito feias. Você, hoje, quando as Moreiras sahirem, passe um panno com gesso. (As Moreiras são as visinhas da frente).

O chupim acostuma-se á submissão e acabam usando em casa as saias velhas da mulher, para economia de calças.

— Pára ahi, homem de Deus ! Do contrario acabas-me contando a historia de um que deu á luz um creanço !...

A fita chegára ao fim. Surgiu o gallo vermelho do Pathé, boleou o pescoço num *có-ri-có-có* mudo e sumiu-se para dar lugar ao reaccender das luzes.

A mulher ergueu-se, espannejou-se e sahio, seguida pelo chupim solícito. Acompanhamol-os de

perto, estudando o caso, e na rua, depois que os perdemos de vista, o meu amigo retomou o assumpto.

— Em materia de chupins conheço um caso typico, que segui desde os primordios reveladores da vocação. Havia na minha terra um menino, de nome Eduardinho Tavares. Filho de tio e sobrinha, nascera sem tãra apparente, a não ser uma extrema dubiedade de character, uma timidez de menina — de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda. Especie de creatura intermediaria entre os dois sexos.

Em creança, brincava de boneca de preferencia ás nossas touradas, ao jogo dos “caviunas”, ao “pegador”. Em meninote, enquanto os da sua idade descadeiravam gatos pela rua, elle lia Paulo e Virginia, á sombra das mangueiras, chorando lagrimas sentidas nos lances lacrimogeneos.

Fomos collegas de escola, e lembro-me que um dia nos appareceu lá com um papagaio de missanga verde, obra sua.

Eu, estouvadão de marca, ri-me d'aquillo e escangalhei com a prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutão, rompia num choro descompassado, como choram mulheres. Irritado, dei-lhe valentes cachações. Não reagiu, acovardou-se, humilhou-se e acabou feito o meu carneirinho. Só procurava a mim dentre cem companheiros. Acamaradamo-nos dahi por deante, o que me não impediu de o fazer armazem de pancada. Por

qualquer coisinha, uma “cacholeta”. Elle ria-se, meigo, e cada vez mais me rentava. Puz-lhe o apellido de Maricota.

Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse nome que no de Eduardo.

Hoje eu estudaria esse typo á luz da sciencia, como caso deveras notavel; naquelle tempo feliz de sadia ingenuidade limitava-me a tirar partido da sua submissão, transformando-o em peteca, em escravo, em coisa de que se põe e dispõe.

Fóra do collegio, continuamos camaradas, de modo que pude acompanhá-lo por um bom pedaço da vida afóra. Nunca perdeu a timidez donzellesca. Fugia ás meninas, sobretudo si eram romanticas, ou accentuadamente mulherís — o meu genero.

Fez-se misogyno.

Por essas alturas casei-me — casei-me com a moça mais feminina da epocha, uma romantica escapulida a Eschrich, dessas que tem medo ás baratas e cahem de fanico se um rato lhes corre pela sala — o meu genero, emfim.

Eduardo permaneceu solteiro, sempre ás sopas do pae até que este morreu e lhe deixou de herança uns predios, mais uns titulos. Sem tino commercial, passaram-lhe a perna, comeram-lhe casas e apolices e o pobre rapaz, quando abriu os olhos, estava a nenhum. Recorrendo a mim para um bom conselho de arrumação de vida, vi que não dava para coisa nenhuma e receitei-lhe casorio.

— Casa-te. Incapaz de acção como és, tua sahida unica está em tirar partido da tua qualidade de macho. Casa com moça rica, ou então com mulher trabalhadeira.

Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha geito para requestar úia mão, quer bem annelada, quer muito callejada. Embaraçava-o a irreductivel timidez.

Mas o diabo as arma. Um bello dia appareceu na terra uma professora nova, mais ou menos ao molde desta de ha pouco. Typo de mulherça mascula, angulosa, ar energico, autoritaria. Gostava de discutir politica, entendia de cavallos, lia jornaes, tinha opiniões sobre a secca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apesar de bem conservada, andava perto dos quarenta, não fazendo mysterio disso. Se não casara até então, não é que fosse infensa ao matrimonio — não achara ainda o seu typo d'homem, dizia. Pois não é que o raio da pedagogia vê Eduardo e se engrça d'elle ? Examina-o fulminantemente como quem examina um cavallo, mira-o d'alto abaixo, interpella-o, dá-lhe balanço ás idéas e sentimentos, pesa-lhe o valor monetario, pede-lhe, ou antes, toma-lhe a mão, leva-o á igreja e casa-o comsigo.

Foi um relampago tudo aquillo. Em tres tempos namorado, noivado, casado e mettido no gynecceu, Eduardo, quando abriu os olhos, estava chupim para o resto da vida.

D. Zenobia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadoamente. Além da escola particular que dirigia tinha a premio um pequeno capital que não cessava de crescer, collocado de 4 a 5 % ao mez sob garantias de toda a ordem. Casada, continuou á testa dos negocios; o marido, se apparecia nominalmente nalguma transacção, era pró-forma.

Encaramujado em casa da professora, Eduardinho foi sonegado ao mundo e o mundo acabou esquecendo Eduardinho.

Nunca mais o viram na rua ou nas festas sem ser pelo braço da mulher, na attitude encolhida daquelle chupim do cinema.

Um filho nasceu-lhes nesse entretempo e começa aqui o mais engraçado da comedia. A tantas, D. Zenobia deu de gabar as qualidades artisticas do esposo. Eduardo era um grande talento literario capaz de obras deveras notaveis.

— Voces — dizia ella ás outras professoras do collegio — não sabem que thesouro perderam. Eduardo sahiu-me uma verdadeira revelação. E' dessas creaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte mas que passam ás vezes a vida sem se revelarem a si proprios. Aquelles seus modos, aquella timidez: genio puro, minhas amigas ! Vocês hão de vel-o um dia apparecer como um meteo-ro, alcançar a gloria, cahir como um bolide dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é uma belleza. Lindo, lindo !...

Esse romance levou mezes a compor-se.

Todos os dias, no quarto de hora de folga que reunia as professoras na saleta de espera, D. Zenobia dava noticias da obra.

— Está ficando que dá gosto ! O capitulo acabado esta manhã parece uma coisa do outro mundo !

E desfiou o enredo. Era o caso dum moço loucamente apaixonado por uma donzella de cabellos loiros e olhos azues. A primeira parte do romance ia toda na pintura desse amor, lindo, lindo, como não havia outro. Puro poema em prosa.

E D. Zenobia revirava os olhos, em extase. As outras professoras acabaram por interessar-se a fundo pelo romance de Eduardo — *Nupcias fataes*, o qual virara folhetim vocalisado aos pedacinhos, dia a dia, pela pittoresca D. Zenobia. A noticia correu pela cidade e isso acabou rehabilitando Eduardo da sua fama de Zé-faz-fôrmas, pax-vobis, e mais pechosos appellidos amaricados de que é fertil o povo. Como a gente se engana ! — diziam — parecia uma lesma de pernas, ninguem dava nada por elle e no entanto é um grande romancista ! . . .

Como as professoras davam á tréla, o enredo das *Nupcias fataes* corria de bocca em bocca, pela cidade; os lances de effeito eram gabados com citação das melhores tiradas. O “Lyrio”, noticiando o anniversario do moço, consagrou-o — festejado homem de letras.

D. Zenobia sabia dosar a narrativa de modo a

manter as professoras suspensas nos lances mais commoventes. Houve um trecho que as pôz pallidas de espanto. Era assim: Lucia fôra pedida pelo rival de Lauro, o galã infeliz. O pae de Lucia e toda a familia querem o casamento, porque o monstro é riquissimo, tem casa em Paris, hiate de recreio e um titulo de conde promettido pelo Papa. O pobre do Lauro, coitado, para cumulo de desgraça, perdeu aquella demanda da herança e está mais pobre que Job. As cartas em que elle conta isso a Lucia são de chorar!... Todos estão contra o misero e a favor do monstro. O pae fez uma scena horrivel:

— Antes ver-te morta do que ligada a esse miseravel... poeta!

E a coitadinha, alanceada no mais dolorido do coração, doida, doida de amor, chora noite e dia encerrada n'uma cella escura.

— Desgraçados ! intervem com um nó na garganta a mais compassiva das professoras. Porque não ha de sahir a sorte grande para um desditoso destes ? Peça ao seu marido, D. Zenobia, que lhe faça sahir a sorte, sim ?

— Não pode. Isso prejudicaria o resto, e, demais, não é esthetico, respondeu preciosamente D. Zenobia.

E assim corria o tempo. O romance era á moda antiga, em varios volumes, systema Rocambole. Já tinha acontecido o diabo. A moça fugira de casa, raptada em noite de tempestade pelo cavalleiro

gentil; mas o dinheiro do monstro vencia tudo: foram presos e encarcerados, ella no convento, elle n'um calabouço infecto. Mas quem pode vencer o amor? O cavalleiro conseguiu, illudindo os guardas, abrir um subterraneo que ia ter ao convento. Que obra aquella! Como as professoras deliraram acompanhando a obra desesperada do homem-toupeira, escavando a terra humida com as unhas sangrentas! Afinal, venceu, alcançou o pavimento da cella onde Lucia chorava de amor e conseguiu falar-lhe. Que lance este, quando Lucia comprehende o estranho murmurio de voz subterranea que a chamava! Era a redempção, afinal! Entendem-se e combinam a fuga. Um barqueiro os esperaria no lago, á meia noite etc. e tal.

D. Zenobia parava nos trechos mais empolgantes, deixando a assemblea, ora em lagrimas, ora em arroubos de indizivel extase. A's vezes, quando estava em seus dias azedos, não adiantava a novella de um passo, siquer.

— Hoje, descanço. Eduardo está com um pouco de dôr de cabeça e não escreveu uma linha.

As professoras ficavam pensativas...

Afinal, chegou o dia da fuga, ponto culminante da obra. D. Zenobia, perita na arte de armar effeitos, annunciou-o de vespera.

— E' amanhã, o grande dia! .

— Mas escapam, D. Zenobia? — disse uma tor-

turada do romantismo, com a mão no seio, arquejante.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, D. Zenobia ! Eu não posso mais ! Se o monstro ganha a partida mais esta vez, diga, que eu tiro umas ferias e vou para a roça esquecer de vez este maldito romance que já me está deixando hysterica.

— Paciencia, filha. Como eu posso saber o que lá se passa na imaginação do artista ?

— Mas peça a elle, peça por nós todas, que não deixe os espiões do monstro descobrirem os fugitivos desta vez. Pelo menos agora. Mais tarde vá, mas agora elles precisam uns mezes de recompensa. Arre, que tambem é demais !...

No dia seguinte D. Zenobia appareceu sorridente. As professoras anciosas, ao vel-a assim, criaram alma nova.

— Então ? disseram, palpitantes.

D. Zenobia fez um muxoxo.

— Esperem lá. A coisa não vae a matar. Eduardo neste momento attinge o ponto culminante, o Itatiaia da obra. Deixei-o com o olhar em fogo — o fogo da inspiração, os cabellos revoltos, a cabeça febril. E' o momento supremo do *fiat* ! Toda a obra depende deste fecho de abobada. Como a solução do caso vem das profundas do subconsciente esthetico, e inda não veio até á hora de eu sahir, pedi-lhe que

me communicasse o resultado pelo telefone. Esperemos.

As moças puzeram os olhos no ceo e a mão no peito.

— Meu Deus ! disse uma — estou com o coração aos pinotes ! Se Lauro é preso, se os emboscados o matam... O monstro é capaz de tudo !

Nisto vibrou a campainha do telefone. D. Zenobia piscou para as amigas estarrecidas e foi atender.

Ficaram todas no ar, immoveis, palpitantes, trocando olhares de interrogação. No compartimento visinho D. Zenobia conversa com o grande artista :

— Elle não pára de chorar, Zenobia. Ao meu ver é colica que elle tem. Desde que você sahiu está que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de herva-doce, dei banho quente, nada ! Berra que nem um bezerro !

— Você já cantou o Guarany ?

— Cantei tudo, o Guarany, o ““Tutú já lá vem”, “Somos da patria a guarda”... Mas é peor.

— Deu camomilla ?

— A camomilla acabou. Quiz mandar a negrinha buscar um pacote na botica mas não achei o di-nheiro...

— Lerdo ! E aquelles 400 reis que te dei hontem ? Não sobrou metade ?

— E'... é que... que eu comprei um maço de cigarros...

— Sempre o maldito vicio ! Olhe, atraz do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de 500. Mande buscar a camomilla, mas no Ferreira, a do Brandão não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa chicara d'agua e dê ás colherinhas. Dê tambem um clyster de polvilho. Mudou os panninhos ?

— Trez vezes, já.

— Verde ?

— Verde carregado, como espinafre.

— Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com elle na rede. Cante a area da *Mignon*, mas não berre como daquella vez, que assusta o menino. Em surdina, ouviu ? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barrela. Escute: veja se tem agua no bebedouro dos pintos. A marmellada ? Ora bolas ! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo !

D. Zenobia largou do phone e voltou ás compa-nheiras, que continuavam immoveis, suspensas.

— Estes artistas !... — começou ella dizendo. Que é que vocês pensam que Lauro fez ?

— Fugiu ! disse uma.

— Deixou-se prender, aventou outra.

— Suicidou-se, declarou terceira.

— Ninguem adivinha. Lauro rompeu o pavimento, entrou na cella, e depois de uma grande scena resolveu metter-se frade ! !...

Foi um “oh !” geral de desapontamento. Aquelle

fim imprevisto decepcionára a todas. Protestaram, e D. Zenobia, condoída, voltou atraz:

— Estou brincando. Eduardo está hoje com uma dôr de cabeça damnada e eu o aconselhei a descansar um bocadinho. Fica o lance adiado para outro dia. Esperemos!...

As romanticas respiraram...

O romance do chupim tem hoje onze annos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e para reabilitação do sexo barbado puxou o character da mãe.

O luzeiro agricola

I

Sizenando Capistrano é inspector agricola do centesimo districto. Incumbe-lhe estudar, guiar, fomentar a lavoura, amamentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de machinas agricolas, preconisar a polycultura, combater a rotina e, ao fim de cada mez, perceber na collectoria a realidade de 700 mil réis.

Antes de inspector Capistrano foi poeta. Cultivou as musas (não a *musa* bananeira, mas a grega Polymnia); não sabia que cousa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados, e fazia pés d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emmagrecia-o. A sua producção de hendecassylabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, egiogas, satyras, anagrammas, logogriphos, charadas electricas e enigmas pittorescos, comquanto copiosissima, não lhe dava pão para a bocca nem cigarro para o vicio. A pallidez de Capistrano, sua cabelleira á Alcides

Maia, sua magreza á Fagundes Varella, seu *spleen* á Lord Byron e suas attitudes fataes, ao envez de lhe aureolarem a face de um nimbo de poesia, comiseravam o burguez, que, ao vel-o deslizar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, dizia condoido:

— Não é poesia, coitado, é fome...

Os editores artilhavam a cara de carrancas más quando Capistrano lhes surgia escriptorio a dentro, sopesando a arroba de versos primorosos candidatos á edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lyrico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico — retorquia a féra. De lyrismo bastam-me aquellas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vende nem a peso.

— O' vil metal ! murmurava o poeta franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil ! O' torpe humanidade ! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da creação, do suino toucinheiro que espapaça nos lameiros ? Manes de Juvenal ! Eummenides ! Musas da Colera ! Inspira-me versos de fogo onde apúe té os penetraes da alma este verme orgulhoso e mesquinho ! Baudelaire ! dae-me os teus venenos !...

— Rapazes, berrava o livreiro á caixeirada, ponham-me o vate no olho da rua !

O poeta, ante o *manu-militari* irretorquível, tomando a papelada lyrica, muscava-se para a zona neutra da calçada onde, readquirida a altivez osianica, objurgava para dentro da loja hostil:

— A Posteridade me vingará, javardos !

E sacudia á porta o pó das sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro.

Em seguida, remessando para trás a cabelleira, num repellão, já fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva attitude, á espera dum conhecido esfaqueavel a quem extorquisse um nickel com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac.

Cançado, porém, de ouvir estrellas em jejum, de amar a lua no céu sem possuir um queijo na terra, acatou a voz sensata do estomago e quebrou a lyra — para viver.

Metteu a tesoura nas melenas, deu tal qual brilho aos sapatos com esfregações de cascas de banana, desfatalisou o semblante, substituiu o ar absorto e vago do aédo pelo ar avacalhado do pretendente e, á força de cartas commendaticas, guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça. Todo o mundo o commendou ao Gaúcho Omnipotente porque todos andavam fartos daquella permanente fome lyrica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é um boi gordo, semelhante áquella estatua

equestre de Hindenburgo, feita de madeira, onde os allemães pregavam pregos de ouro. A differença está em que, no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheirão.

— Então, menino, que quer ?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Omnipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino ?

— Eu ? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Belleza, as manhãs côr de rosa, as auro-ras boreaes, a natureza emfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi mel do Hymeto pela taça de Anacreonte. Evoluindo para o parnasianismo, burijlei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lyra, ascendia ao cubismo transcendental.

Sim, general, sou um genio incomprehendido, novo Ahasverus a percorrer todas as regiões do Ideal em busca da Fôrma Perfeita. Qual Prometheu, vivi atado ao potro da *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Fôrma...

O general, que era amigo das bellas imagens, illuminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas herói-comicos. Conheces a Hermeida ? E' obra minha. Amo as bellas ima-

gens. Tenho lançado algumas immortaes. A mulher de Cezar ! Os levitas do Alcorão ! Hein ? Tu me caiste em graça. Acolho-te sob o meu pallio. Que queres ser ?

— Inspector.

— ... de quarteirão ?

— Isso não.

— Agricola ?

— Ou avicola...

— De que região ?

— Não faço questão.

— Sel-o-ás do centesimo destricto ; conheces as culturas ruraes ?

— Já cultivei batatas grammaticaes.

— E de pecuaria entendes ? Distingues um zebú d'um gallo Brahma ? um matungo d'um murzello ?

— Já cavalguei Pégaso em pêlo !

— Conheces a suinocultura ? Sabes como se cria o canastrão ?

— Sei trincal-o com tutú de feijão.

— E's um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Teu nome ?

— Sizenando ; Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vae, que estás ahi estás fomentando a agricultura como inspector do centesimo districto, com 700 bagos por mês. Os poetas dão optimos inspectores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vae, levita do Ideal !...

* * *

Eis como Sizenando se achou um dia transfeito em luzeiro agricola, a illuminar, qual possante holophote, uma grande zona do país.

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor-mór de estrellas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, lua-demelou tres mezes e, ao cabo, compareceu perante o ministro para saber em que rumos nortear sua actividade.

O ministro franziu a testa: é tão difficil arranjar occupação para os phosphoros ministeriaes... Pensou um bocado, e:

— Escreva relatorios, desembuchou.

— Sobre quê, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Reláte, vá relatando. A funcção capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba, sobre o que ha e o que não ha. Reláte.

— Mas Excia., eu desejava ao menos uma suggestão emanada do alto criterio de V. Excia. sobre o thema do relatorio que a bem da lavoura V. Excia. com tanto tino me incumbe de escrever...

— Já lhe disse: sobre qualquer cousa que lhe dê na veneta. Reláte, vá relatando e depois me appareça.

Sizenando sahiu encantado com os processos expeditos do Dr. Grifado, com assento na pasta, e passou tres mezes, de papo ao ar, procurando uma these conveniente.

Como por essa época a lua de mel lhe entrasse em plena mingoante houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulhersinha de pêlo crespo no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega.

Tal o celebre estalo que abriu a intelligência do Padre Antonio Vieira em menino, aquelle obuz culinario teve a estranha acção de illuminar os re-folhos cerebraes do inspector.

— Eureka !, berrou radiante, e com um grande riso de goso na cara emplastada d'herva e unto ergueu-se da mesa ás pressas, rumo do escriptorio. A mulhersinha, entre colerica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa, e levou a cabo um estudo botanico-industrial de hervinha com afantal que, transcorridos dez mezes, dava a prélo o "Relatorio sobre o *Papalvum brasiliensis*, vulgo Beldroega, e sua applicação na culinaria". O anno seguinte gastou-o em revêr as provas do calhamaço, a modo de escoimal-o dos minimos vicjos de linguagem. O antigo torturado da Fórma resurtia alli... Saiu o relatorio obra papafina, optimo papel e muitas gravuras elucidativas. Entre estas, em bello

destaque, os retratos do Ministro, do Director da Agricultura, do Marechal Hermes, do tenente Pulcherio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes paredros do momento.

Prompta a edição, embaraçou-se Sizenando quanto ao destino a lhe dar.

Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excellencia ! De accordo com as sabias ordens de V. Excia., venho communicar a V. Excia. que se acha prompta a edição do Relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? Que relatorio? inquiriu o ministro deslembado.

— O que V. Excia. me incumbiu de escrever.

— Quando?

— Haverá dois annos.

— Não me recordo disso, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior bocca deste mundo. O ministro comprehendeu aquella estuporação e sorriu.

— Então? Que queria V. que eu fizesse de 5.000 exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o puzesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o acceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será

assim com todas a publicações deste ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da typographia ao forno. Isso evita a maçada de nos preoccuparmos com ella e de a termos por ahi a atrapancar os archivros. Não acha V. que é o mais razoavel? Retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escreva outro relatorio, respondeu sem vacillar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspector.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em actividade perpetua o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja V. como é sabia a nossa organização administrativa! A criação do forno foi a melhor idéa do governo passado. Antes d'elle a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos; a producção de relatorios, funcção capital deste Ministerio, periclitava; e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á supressão da Imprensa e do meu Ministerio. O Forno sanou a situação. O *fervet opus* é magnifico e a espada de Damocles está para sempre arredada de nossas cabeças. Hein? Vá, escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carúrú, por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete, meditativo. S. Excia. derrancára-o!

Viu com dôr d'alma as chammass no Forno lêrem aquelle relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou 6 mezes de licença, com vencimentos, para descansar.

Esgotada a licença ia Sizenando começar a pensar em se preparar para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carúrú, quando o Dr. Grifado apeou da administração. Sizenando deixou que transcorressem mais 6 mezes, ao termo dos quaes se apresentou ao novo titular para lhe sondar a orientação. O novo ministro era um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em archeologia inca. Mas lêra uns numeros das "Chacaras e Quintaes" e abeberára-se alli de umas tantas noções vagas sobre avicultura, polycultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas *uras* o seu programma. No discurso de apresentação, ao empossar-se no cargo, emittiu os seguintes conceitos, louvadissimos pelos circumstantes, empregados no Ministerio quasi todos e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— A monocultura, senhores, é o grande mal; a polycultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpiste, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quia-bo, espargo, espinafre, alcachôfra...

(Um arrepio de enthusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gososos, como quem diz: temos homem pela prôa!)

— ... cebolinho, couve-flor, sorgo, soja amarella, centeio, aveia, figos da Thracia, uvas de Corintho, violetas de Parma...

— Bravissimo !

— ... violetas de Parma... violetas de Parma... violetas (caroço) e outros cereaes europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional assentará num soclo granitico do qual não a arrancarão as mais rijas rajadas dos vendavaes economicos. Conduzir a patria a essa Chanaan da polycultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programma, eis o fim supremo collimado pela minha actividade. Espero, pois, que, etc. etc.

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores de enthusiasmo alçado a gráo de ebulição, estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado e beijado — nas mãos.

Aquelle salvava a patria, não havia a menor duvida !

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia — igual ás anteriores.

Tinha programma. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da polycultura mechanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desempenhar a centesima região do atascal da rotina. Aquella gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café, e era mistér tangel-a á estação aurea da polycultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canarios hamburguezes, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegando á séde do districto, com sequito numeroso e abundante farragem mechanica, Sizenando distribuiu convites para a inauguração dum curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um “rapador” a um kilometro da cidade, e lá, no dia emprazado, reuniu os convivas. Veiu o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o collector federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o director do grupo escolar com a meninada, o vigario da parochia, o fiscal da illuminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, um guarda-chave da Central, cinco inspectores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento — e *um* fazendeiro recém despojado da sua propriedade por dividas.

A turma docente e os bois do arado formavam um grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve allocução allusiva á personalidade sobreexcellente do ministro e ao papel dos novos methodos racionais na agricultura moderna.

— O novo methodo é baseado na sciencia pura.

Vem dos laboratorios, de braços dados á chimica. Começarei pela exposição do arado ou charrúa, a pedra angular de todo o progresso agricola. Senhor primeiro arador, arado para a frente !

Despegou-se da turma um capataz que empurrou para perto do cupim tribunicio um bello arado de discos.

Rodearam-n'o os circumstantes como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodellas são os discos, servem para sulcar a terra; este ferrinho é a manivela graduadora; este páusinho é o balancim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o conductor.

Explicou depois o seu funccionamento.

— Vejamol-o agora em acção. Senhor primeiro conductor de primeira classe, atrelar !

Adeantou-se da turma um carreiro e tangeu os bois para a machina, jungindo-os á canga.

Os assistentes riram-se. Acharam graça no Thomé Pichorra, que nunca fôra senão o Thomé Pichorra, carreiro, transformado em primeiro conductor de primeira classe !

Era de primeirissima.

— Senhor primeiro arador, arar !

O primeiro arador saltou á boléa e empunhou as manivelas. O primeiro conductor aguilhoou a junta de bois.

— 'amo, Bordado ! Puxa, Malhado !

Os dois caracús moveram-se pesadamente.

A terra, sulcada pelo ferro, abriu-se em leivas.

Sizenando exultou.

— Vejam, senhores, que maravilha ! Faz o trabalho de vinte homens além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorisação atmospherica — o que equivale a uma adubação copiosa.

Este pedacinho encantou sobremodo ao zelador do cemiterio, o qual não conteve um sincero *muito bem !*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica, para disfarçar a entaladela, requebra o *Vem cá, mulata*. E assim termina a primeira parte da demonstração.

A segunda consistiu no destorroamento e no gradeamento da terra, feitos com o mesmo luxuoso apparato.

Havia primeiro e segundo destorroador, primeiro e segundo gradeador. Um mimo de hierarchia !

Ao terminar o serviço a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa, e mais salvações nacionaes.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa mésse vae brotar, farta, deste torrão

safaro e ingrato, só porque applicamos, summariamente, os processos modernos de cultura racional, os quaes centuplicam a producção diminuindo o trabalho. A machina agricola é a verdadeira alavanca do progresso !

— Protesto ! A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveiu um jornalista cioso da velha prerogativa.

— Será, retrucou Sizenando, mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a machina agricola, alçaprema o progresso material !

— Bravissimo, rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura, isto é que é !

— Sim, senhor, muito bem ! grunhiram outros.

Capistrano, rubro de gozo pelo feliz successo da tirada, espichou o dedo para a philarmonica pedindo o hymno.

A banda escorchou a velha patriotada de Francisco Manuel. Desbarretaram-se todos. Capistrano, erecto sobre o pedestal de cupim, immobilizou-se em attitude de religiosa uncção, d'olhos postos no futuro da patria.

A' derradeira nota pôz fim á festa com um es-carlate viva á Republica — com tres *r r* pelo menos.

Acompanharam-n'o, como um echo, o collector, o zelador, o agente do correio e mais funcçionarios federaes demissiveis, além dos bois, que mugiram.

* * *

Mezes mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra, devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante, devido ás vaquinhas; as outras “polyculturas” negaram fogo devido ás saúvas, á quem-quem, á geada, a isto e a mais aquillo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatório de 300 paginas onde Capistrano entre outras maravilhas dizia: “Os resultados praticos do nosso methodo demonstrativo *in locu* têm sido verdadeiramente assombrosos ! Os lavradores acódem em massa ás licções, applaudem-n’as com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poly, em tão boa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O sr. ministro pôde felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional.”

Os jornaes transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E muita gente se encheu de mais um bocado de ufanía por este nosso maravilhoso país...

A “Cruz de Ouro”

— Entre, quem é.

— O “Feroz” não está solto?

— E’ você, compadre? Suba !

Um barbaças de oculos e chale enrolado ao pescoço ringiu o portão de ferro e galgou com passos tropegos a escadinha que levava ao alpendre de ipoméas. Lá o aguardava, de cara amavel, um segundo barbaças, o coronel Liberato, vestido d’uma farda consentanea com sua bellicosidade: chambre de palha de seda, chinello cara de gato e gôrrô de velludo negro com cercadura de ponto russo.

O que subia tambem era coronel.

Coronel Antonio Leão Carneiro Lobo de Souza Guerra, ou simplesmente Nho Gué. Chegaram ambos áquelle alto posto militar pela razão estrategica de colherem para mais de dez mil arrobas de café. Si em vez de dez colhessem apenas cinco mil seriam maiores ou capitães. Este intelligentissimo criterio economico do nosso militarismo é uma garantia de paz muito mais segura do que a Liga das Nações.

— Viva ! Que milagre foi esse? disse o de cima abraçando o velho amigo.

— Quem é vivo sempre apparece, respondeu o outro, e eu ainda não morri apesar desta suffocação que me escangalha o peito.

— Você é o peito, eu é a enxaqueca. Não valemos mais nada, compadre... Mas como lá vão todos? a comadre?

— Bôa, todos bons, isto é, a Chiquinha... Ui !

— A cotucada?

— Não, este ventinho encanado...

— Pois vamos entrar.

E os dois urumbevas penetraram na sala de fóra. A sala de fóra do Coronel Liberato merece um relatorio para que se deleite a posteridade em conhecer como era uma sala de visitas de coronel brasileiro no seculo XX. Cadeiras austriacas, sofá e cadeiras de balanço, tudo enfeitado com os crochésinhos das filhas. Mesinha central de cipó, com embrechados, obra de um “curioso” do lugar. Duas almofadas no sofá, uma tendo um gato estufado, de lã, com olhos de vidro; outra, um papagaio de missanga verde — maravilhas devidas a uma afilhada prendadissima. Dois aparadores, com vasos para flores artificiaes, figurinhas de louça — “bibelótes” como lá dizia o dono, e varias curiosidades naturaes — caramujos, conchas, um ninho de João-de-barro, um mico sêcco e uma familia de iças vestidos. Nas paredes um espelho oval, dois retratos

grandes a carvão, e photographias em porta-cartões de talagarça, bordados pelas meninas. Pendurado do gaz um grande abacaxi de papel de seda. Piano de armario. Tapete com uma grande onça. Que mais? Iam-me esquecendo as duas escarradeiras com caraças de leões... Viva o naturalismo !

Entrados que foram os coroneis, refestelaram-se nas cadeiras de balanço; o do “ui !” com cautelas, gemidos e caretas ao dobrar as juntas. Liberato puxou o cigarro de palha e, enquanto afrouxava o fumo na palma, reatou a conversa.

— Ahn ! com que então a Dona Chiquinha...

— Compadre, entre nós não ha segredos; a doença della são amores. Quer casar, ora ahi tem !

— Não vejo mal nisso. Está na idade. Só si...

— Mas adivinhe lá com quem a tolinha embirrinhou de casar?

— ?

— Com o José de Paula !

— O filho da Nha Vé?

— Esse mesmo. Um tranca, sem vintem de seu, gente do Chicão de Paula... Que cabeça ! Sair do nicho de filha unica, onde vive como uma Nossa Senhorinha, para ligar-se a um lorpa de marido, ser criada, escrava d'elle ! Se pudessemos, nós que temos experiencia da vida, abrir os olhos a essas mariposinhas tontas... Mas é inutil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o amôr, o amôôr !, o amôôôr !!

é tudo na vida, e adeus. O que nos vale é que o rapaz é pobre mas direitinho, quanto ao moral.

Liberato interveiu com cara purgativa.

— Homem, não sei. Não é por falar, mas não me cheira bem aquelle sujeitinho. Você o acha moralisado. Será. Mas a familia delle é dróga e a prudencia manda attender não só ás qualidades do galho como tambem ás da arvore. Olhe o que succedeu outro dia com o primo delle, o Chiquinho...

— Não soube de nada, compadre, que foi?

— Você anda no mundo da lua, homem ! Refiro-me ao escandalo da Recreativa.

A' palavra escandalo Nho Gué esqueceu o rheumatismo e arrastou a cadeira para mais perto.

— Escandalo ? Esmiuce-me lá isso, compadre.

O coronel Liberato, gososo por contar uma novidade não sabida, limpou o pigarro da garganta e disse:

— Foi no ultimo domingo, na festa annual da Recreativa. Discursos, recitativos, e uma peça, aquella indromina de sempre. A sociedade mandou convite para toda a gente, os jornaes, os gremios e d'entre estes para a "Camelia Branca" da qual é secretario o Chiquinho de Paula, primo lá do teu. Por signal que para a "Camelia" foi um camarote, o 7, justamente aquelle donde assistimos ao "Poder do Ouro", lembra-se você?

— Si me lembro ! Pois uma representação d'aquella é de esquecer? Montepin ! e inda mais

pelo Furtado ! Noitão ! Hoje é que não ha mais disso. São umas comediasinhas indecentes, e cinemas, e drogas.

— A Lucinda, hein? mulherão !

Este “mulherão” foi dicto com um arregalar d’olho onde toda a concuspicencia retrospectiva se espojava arreitada.

— Nem fale ! disse o outro num tom de saudade inexprimivel.

— Pois muito bem: — o theatro encheu-se. Estava lá o coronel Totó Fernandes com a familia ; a familia do Dr. Izidorinho ; o major Gonçalves com a mulher — e por falar, como está acabada a D. Eliza ? !

— E’ verdade ! Quem a viu e quem a vê ! A Elizinha do Rincão como lhe chamavamos, menina sapéca, da pá virada, semostradeira até alli... Os annos, compadre, os annos... e suspirou.

— Só não vi lá gente da opposição. Isso, nenhum, nem o Zé Penétra, aquelle caradura.

Riram ambos, gostosamente, á lembrança da ausencia dos adversarios. (Esqueceu-nos dizer que estes coroneis faziam parte do directorio situacionista, columnas fortissimas que eram da força governamental no districto).

— Era alli entre nove e dez quando, de repente, si é capaz adivinhe, compadre, quem surge pelo 7 a dentro ?

Nho Gué aparvalhou a cara com o ar de quem não é capaz.

— A “Cruz de Ouro” ! concluiu o outro, de pé, chupando uma, duas, tres baforadas do cigarro apagado, n’um triumpho.

Nho Gué pasmou:

— Não me diga !...

— Pois é o que lhe digo: a “Cruz de Ouro” !

— Ora vejam só !...

O coronel Liberato riscou um phosphoro e proseguiu:

— Foi um reboliço. Toda a gente se pôz a murmurar, olhando uns para os outros. A familia do Totó quiz retirar-se. A mulher do Gonçalves virou bicha, abanava-se com frenesi, indignada da pouca vergonha. O Dr. Izidoro, presidente da Recreativa, que no palco já se preparava para deitar o verbo, espia pelo buraco do panno, percebe o negocio, fica possesso, e berra lá dentro que da platéa se ouvia: que processava, que partia a cara: — um fim do mundo ! Houve conferencias de um camarote com outro, e destes com os bastidores. Houve pedidos de informação á bilheteria. Era preciso desaggravar a moralidade publica offendida com a execravel presença da “coisa atôa” em festa puramente familiar. Afinal, a policia interveiu. O delegado foi ter com a descarada e, com muito bons modos, pôl-a fóra. Só então, onze horas, começou o espectáculo. No primeiro intervallo, porém, sou-

be-se tudo: o Chiquinho de Paula, secretario da “Camelia”, recebera o convite para a festa, mas em vez de organizar uma commissão que dignamente representasse o gremio, péga do camarote e o dá á geréba, de quem é...

Aqui o coronel, para remate da phrase, fez uma cara de supremo enojo:

— ... o que-ri-dinho !

Voltou em seguida á cara anterior e disse grave e pundonorosamente, bamboleando a cabeça:

— Veja você que refinadissimo tranca !

E concluiu, por fim, com desalentada severidade:

— E é com o primo dum semelhante crapula que D. Chiquinha quer casar-se !...

.
Na noite desse dia, altas horas, Liberato deixou a enxaqueca em casa e foi sorrateiramente bater á porta da “Cruz de Ouro”. Apareceu a criada. Confabularam em voz baixa.

— Não póde ser, disse a Liberia, está cá o “seu” coronel Nho Gué.

Liberato fez uma careta.

— E amanhã? perguntou.

— Amanhã é a vez do Dr. Izidorinho.

— E depois d’amanhã?

— Quarta-feira ? Deixe ver — fez calculos nos dedos e disse: quarta-feira é o dia do “seu Gonçalves.”

— E quinta ?

— Pois as quintas não sabe que são do “seu” Totó?

Liberato não desanimou.

— E domingo?

A criada despejou uma gargalhada sonora:

— Os “home” ! Pois então sinházinha não ha de ter um descansinho na “somana”?

E fechou-lhe a porta na cara.

De como quebrei a cabeça á mulher do Mello

— Olha, esperam-te hoje em casa, para jantar.
— Impossivel. Não janto fóra.
— Abre uma excepção e vae.
— Impossivel, já disse. Não insistas.
— Põe de lado a exquisitice e vae.
— Não é exquisitice, meu caro, é sybaritismo e prudencia. Tenho para mim que comer é uma das boas coisas da vida. Mas comer o que se quer, como se quer, quando se quer. Gósto, por exemplo, de lombo de porco, mas a meu modo, assado cá d'um geito que sei. Si o cômo fóra de casa nunca o tenho ao sabor do meu paladar.

Gósto ainda de comer quando tenho fome. De-
testo o horario forçado, almoço ás onze, jantar ás
seis, haja ou não appetite. Ora, a não ser em mi-
nha casa, onde não tenho horario, raramente o ap-
petite coincidirá com o momento do brodio. Essa
circumstancia alliada ao facto de ser forçado a
comer o que está na mesa e não o que me péde a

veneta, leva-me a recusar systematicamente convites para jantar.

— Mas, homem de Deus, para tudo ha remedio. Farás tu mesmo o cardapio, darás as receitas e só se porá a mesa á voz do teu appetite.

— Não. Em tua casa são todos de tal modo amaveis que receio, jantando lá, não chegar á sobremesa sem commetter um homicidio.

— !!!

— Nunca te contei o meu rompimento com a familia do Mello? Eramos amicissimos de longos annos, e sel-o-iamos até hoje se não fôra a minha imprudencia acceitando um convite para lá jantar, em dia de annos da Dona Vidóca. Mas commetti-a, e fui. Havia á mesa umas dez pessoas, todas intimas, e as filhas, os genros — um povaréu. D. Vidóca é uma creatura excessivamente amavel e nesse dia excedeu-se. Serviu-me sôpa, ella propria, mas carregando a mão como se eu fôra um frade bôrra. Arrepiou-me aquelle pantagruelismo brutal mas calei a exasperação, e ingeri com paciencia aquella maranha de fios amarellos boiantes num caldo unctuosos. Mal absorvera a ultima colherada a bôa senhora, sem consulta previa, atucha feijão num prato e passa-m'o.

— Não, minha senhora, muito obrigado !

— Ora, coma ! Deixe-se de historias. Coma feijão que isto dá sustancia.

Não houve escapatoria, tive que acceitar o trculento prato de caroços pretos, coisa que detesto. Olhei para aquella rodela escura, côr de chocolate, que se me esparramava pelo prato inteiro sem deixar transparecer uma nesga sequer da louça branca, enchi-me de resignação e emprehendi o trabalho de Hercules que era trasladar aquillo para o estomago. Mas o meu sangue começou a esquentar e o nó das coleras surdas subiu-me á garganta. Estava em meio da empreitada quando vi a excellente senhora dirigir para o meu prato um enorme naco de carne fogado no garfo.

— Doutor, um *pedacinho* de carne assada?

Gaguejei, mal firme nas estribeiras:

— Mas, minha senhora, eu...

— Sempre com cerimoniaes ! Olhe que aqui não se usa disso ! Coma lá !

E soltou-me no prato o boi... Senti bagas de suor frio borbulharem-me da testa. O nó da garganta engrossou. Baixei a cabeça resignado e encetei silenciosamente a mastigação, matutando sobre o modo de dar cabo d'aquillo. Comer tudo era impossivel; deixar no prato, impolidez...

— Agora um pouco de arroz !

Lancei um olhar facinoroso á santa creatura, que o interpretou erroneamente como de assentimento.

— Eu bem vi que estava querendo arroz.

— Impossivel, D. Vidóca ! Peço-lhe perdão,

mas estou satisfeito. Como pouco e o que tenho no prato janta-me por tres dias.

— Luxento ! Côma lá !

E zás, uma, duas, tres colheradas duma vez ! Escureceu-me a vista uma onda de sangue. Tive impetos de saltar pela janella. Contive-me, porém, e com a resignação d'um verdadeiro martyr recomencei a mastigar.

— Um pastelzinho, agora ?

Era demais ! A virtuosa criatura abusava da situação. Recusei-lh'o desabridamente, aspero.

— Já sei porque não quer... é que foram feitos por mim... Mas deixe estar...

— Dona Vidóca ! Pelo amor de Deus ! — gaguejei.

— Umzinho só ! Para me dar opinião sobre o tempero da massa, sim ? Apare lá estesinho, tostadinho, sim ?

Conheces o meu genio, sabes com que facilidade saio fóra de mim e commetto as maiores loucuras. Esse estado de superexcitação nervosa preludia por um tremor na voz e um calor excessivo nas faces. Naquelle momento, sentindo os prodromos da erupção, entreguei-me a esforços sobre-humanos para conter a féra que móra em mim, e contive-a. Curvei de novo a cabeça e levei á bocca mais umas garfadas.

Aqui o Mello principia a trincar um leitão.

Reflecti: se m'o offerecem, estouro.

E fiquei de sobreaviso, engatilhado para a revide.

Não tardou muito que Dona Vidóca espetasse no garfo uma alentada costella e fizesse pontaria para o meu lado.

Perdi a cabeça.

Agarrei n'uma garrafa e abri a cabeça da santa criatura com uma mócada horrivel !

Nada mais me lembra. Ouvi um berro, um clamor. Senti o panico em redor de mim e corri para a rua como um ebrio. Foi quando...

Não concluiu o caso. O amigo abalára...

A poesia e o poeta

(RICARDO GONÇALVES)

Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma orla de pétalas côr de ouro — flores de ipê? — engrinaldam as pôcinhas d'agua côr de telha.

Mas ao chape-chape do cavallo que se aproxima, ó linda revoadada de borboletas amarellas dentro de cujo arabescar eu passo !

Tontinhas !...

Como me vêem afastar socegam, e uma a uma pousam de novo, asas a prumo, immoveis, como flores de ipê dispostas em grinalda.

A saudade commenta dentro em mim:

— Um soneto do Ricardo...

* * *

De bruços no remanso de um pôço á sombra de ingazeiros, por cuja galhaça pendem bafnhas re-torcidas — peludos escrínios duma polpa que furtou á neve a côr e ao velludo o macio — contemplo

um grupo de guarús espiando, resabiados, uma “vaquinha” de elytros verde gaio, que cahiu na agua e bóia pernejando.

Um João-bôbo espia-me de perto, inclinando a cabecita.

Rumoreja longe o rio, na corredeira.

Bisbilhos, cicios, tentativas de som grypham o silencio sombrio da grotta.

E a saudade “pensa” dentro em mim:

— Versos do Ricardo...

* * *

Bordejando a ilha das Palmas deslisa a canôa no berylo liquido da costeira.

Manuel rema á popa, Juvenal á prôa.

Como é loquaz o Manuel !

Não tem fim a historia da tintureira que embi-cheirou um dia lá pelas alturas da Moéla.

Afla o mar como um seio de menina agitado dos primeiros sustos de amor.

Está calmo, está macio.

Sopram brisas de sudoeste.

Duas gaiivotas, immoveis, na lage do Major, longe, descansam juntinhas, como pombas...

Só uma nuvem no céu... E a diluir-se... es-tirada em frouxel de paina...

— As tafnhas !

Vólto o rosto.

A boreste, linguas de prata, ás dezenas, emergem do liquido, scintillam instantaneas á luz do sol, num salto, e caem de chapa na agua azul.

— Que lindo !

Não tarda muito, rebóla um bôto na esteira do peixe.

E outro bôto.

E outro.

Somem-se as tafnhas.

Somem-se os bôtos.

O mar fecha aos nossos olhos a chacina sangrenta que lhe vae no bojo.

Fementido !

Todo plagios do céu por fóra, todo dramas de carnagem por dentro...

— Manuel, Manuel, diz a minha saudade, está faltando aqui um companheiro, o Ricardo...

— O Ricardo Pequeno, da praia do Góes?

— Não, o outro, o grande — o Ricardito...

* * *

A casa onde móra aquella

Menina côr de açucena

E' uma casinha pequena

Casa de porta e janella.

Ricardo mede versos na mesinha em desordem.

As janellas enquadram a paineira florescida do Minarete.

A espaços, uma flôr se destaca e cae, gigante. Godofredo Rangel, ás voltas com a machina de café, resmunga contra o Antonio Nogueira. Não é que o patife passára a noite a lêr um Zola á luz azul da chamma do alcool, depois de consumido o ultimo côto de vela?

A-ca-son-de-mó-ra-quê...

— Não ha combustivel, senhor poeta.

— Accende estes “Dez Contos”.

— Pegarão fogo?

— Experimenta. *A-ca-son-de-mó...*

E as flores, uma a uma, cahiam, girantes...

E as rimas, uma a uma, ageitavam-se no verso...

E os contos, um a um, ardiam sob a cafeteira...

Passos na escada. Um grito:

— Ricardo ! Rangel !

— Vé Bompard ! respondem de cima.

Era o Candido que chegava, e o Raul, e o Arthur. A cainçalha integrava-se e a uma voz estrug'a, num desafio á Pascacia, o nosso hymno de guerra:

Du bren, du bran

Cabussaran...

Mal agonisavam as ultimas notas do “hymno do Minarete”, da mesinha em desordem evolava-se um novo:

A-ca-son-de-mó-ra-quê...

* * *

Porque nunca mais deixaram de se associar em meu espirito, e em minha saudade, a Poesia e o Poeta, tal como os conheci um dia, no Mina-rete — elle medindo versos na mesinha em des-ordem, ella a revelar-se nas flôres côr de rosa que, aos beijos da brisa, cahiam, girantes, da nossa grande paineira florescida...

O espião allemão

Abre a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquelle tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras — e leva a chacina a proporções inauditas. Seu capricho exige, em Ispahan, setenta mil cabeças humanas. Cada secção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cançados de cortar-as, os soldados entram a adquirir-as, pagando a moeda de ouro cada uma. Era bom negocio: a offerta cresceu e o preço baixou para meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de craneos em redor da cidade. . .

Ruge a sangueira além. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Mahomet IV delibera alliviar o exercito de cem mil prisioneiros incommodos. Solução magistral: degola-os...

A vaga prosegue, chega a Ancyra, esmaga Bajazeto, o grande sultão, e passa...

E acolá? Assyria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flexeiros. Assurnzirhpal canta os proprios feitos em inscri-

ações chegadas até nós: “Construí um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a pelle dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros emparelei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a innumeros e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de corôas e os corpos entrelacei como guirlandas.”

A vida da Assyria é toda ella essa primorosa carnificina. Tuklatabazar, Assurbanipal, Nabuco, Sargão — todos os magarefes reaes viram a sua pericia em arrancar o couro a creaturas vivas cantada pelos poetas, commemorada pela architectura, admirada pelos posteros.

Timur passou. Passou a Assyria. Tudo passa, mas a guerra fica. E’ a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apothéosa á carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio do sangue lhes fuma a inspiração. A belleza suprema é Achilles fendendo craneos, do frontal á nuca. A historia da humanidade é um systema potamographico de enxurros vermelhos, musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos.

A guerra sempre.

Só guerras.

A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numancia, mercenarios, Jugurtha, Mithridates, civil...

Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dynasticas. A dos Cem annos, a dos Trinta Annos, a guerra das Duas Rosas, a da successão da Hespanha. A guerra americana de Sessecção. As napoleonicas, a russo-turca, a hispano-americana, a sino-japoneza, a franco-prussiana, a anglo-boer...

Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Allemanha. O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a estupidez humana é irreductivel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado.

Os grandes conductores de povos, Bismarck, Tisza, Clémenceau, Lloyd George: simples vontades de aço despidas de intelligencia, incapazes d'outra philosophia que não a das maxillas da hyena. Porque elles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com elles, poetas, pensadores, generaes, a industria, o commercio, a imprensa, a humanidade inteira — fóra as mães — zelam, como vestaes, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeovah, era a vingança o prazer supremo. Si sabe ella assim a paladares divinos, que admira saber tanto a paladares humanos, tão proximos ainda da pithecanthropia erecta donde sahiu o macaco glabro que se classificou à si proprio *homo sapiens*, ignorante de como o classificarão os cavallos ?

* * *

Tambem nós por aqui temos tido nossas guerras. A grande, do Paraguay, onde fizemos pretos d'Angola chacinar os selvagens do Chaco e as pequenas, internas—intestinaes. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, se arranhou um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangeronna, que não arranhou ninguém. Mas a guerra grande, a guerra-guerra, a guerra de encher olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Illadas parnasianas com o retrato de Bellona no frontespicio, ah ! temol-a em a nossa guerra contra a Allemanha. Essa nação formidavel, Assyria encouraçada de aço, machina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente David de iverapema em punho. E o caso foi que mais uma vez venceu David ao gigante !... Quem duvidar do milagre leia o "Lyrio" de Itaóca, semanario "literario, recreativo e commercial", numero extra, de oito paginas, commemorativo da assignatura do armisticio.

"Vencemos ! O gigante jaz por terra, exangue. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida — a invencivel Alemanha dobra os joelhos e entrega-nos a espada sangrenta ! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á lucta ! Honra ao Exmo. Sr. Dr. W. B. Pereira Go-

mes, dignissimo presidente da republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do directorio politico de Itaóca e chefe honorario da heroica linha de tiro “Frei Gaspar da Madre de Deus !” Avè ! Avè ! Evohe !”

* * *

E’ força que os novellistas fixem estes aspectos heroicos do país já que descuram delles Pombos e Capistranos sisudos.

A acção de Itaóca durante a guerra foi devéras notavel; mas como Itaóca não passa de humide logarejo perdido no espinhaço da serra, sem bons correspondentes junto aos jornaes do Rio, toda a sua agitação mavortica permanecerá sem noticia se lhe não acode chronista fiel.

Itaóca, tem, officialmente, cinco mil habitantes — estatistica feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de “crescima” sobre o calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapúca, cidade vizinha onde o olhometro municipal accusára quatro mil e quinhentas almas, afóra as penadas. Itaóca não se abaixa ! Já sua philharmonica era a melhor, o jornal tinha mais estylo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa, tambem, depois do patriotico rescenceamento.

Itaóca é regida, politicamente, pelo coronel José Pedro, e intellectualmente pelo vigario, monsenhor Acacio da Silva, um homem que sabe tudo, desde latim até astronomia. Além deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaóca: o juiz, velho bacharel pelo Pedro II, o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogriphos. Ha ainda o Pimenta, Secretario da Camara, major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o Rocamboles a fio e assignam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra foi grande a emoção de Itaóca. Sensação de estupor. Mas o Coronel, expedito que era, sem vacillar um minuto, convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expôz com palavras solemniſsimas a gravidade do momento, e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propôz ficar o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a idéa d'um *comité* de Salvação Publica bem como a de um vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou approvação a idéa sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferrado nos jornaes e no patriotico presidente da Republica, a quem officiariam em termos do mais alevantado

estilo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande maçada.

Assim se fez e Itaóca, não podendo revelar genio criador, portou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vae-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra foi, no país inteiro, o incremento das linhas de tiro. Itaóca não ficou atrás, deitou, tambem, o seu tirosinho. Que revolução não foi elle ! Veiu instructor de fóra, e a coisa se fez por musica, com duzentos homens de effectivo — no papel. Effectivos, na realidade, eram apenas vinte. Os mais, homens de 80 kilos, negociantes, fazendeiros, “gente grada”, constituíam o “enchimento”. Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicio, e gymnastica, e tiro ao alvo: — “coisa de meninada”. Apesar de apenas vinte, os rapagotes de perneira e chapeu á americana transformaram Itaóca em praça de guerra e varreram do coração das meninas todos os rivaes civis. Era de vel-os passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinházinhas e Mariquitas janelleiras... Da pobre ralé de paletó sacco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marté...

O armamento requisitado ao Ministerio da Guerra para o “Frei Gaspar”, apesar de promettido, nunca chegou á Itaóca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma Flaubert passarinheira

do Pimenta. Aos sabbados, na séde da linha, compa-
reciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava
seu tirosinho na lata de marmelada posta como alvo
a vinte passos de distancia. A munição, porém, en-
careceu. As balas chegaram ao preço absurdo de
cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastar vin-
te cada semana, para transformar lata velha em cri-
vo. D'ahi veio a grande idéa do major Ventania,
commandante superior do “Frei Gaspar”. Ponde-
rou elle: alvo por alvo, tanto é alvo uma lata como
um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atira-
dor exercita-se da mesma maneira e sempre apanha
um ou outro, com proveito duplo — do treino e do
jantar. Sendo assim, não era mais logico aprovei-
tarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em ca-
çada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que
era a idéa foi logo posta em pratica, e o exercicio
de tiro ficou reorganizado assim: cada domingo a
Flaubert e vinte balas eram entregues a dois volun-
tarios para caçarem onde lhes aprouvesse, sob a
condição de repartirem a caça abatida com Ven-
tania, pae da idéa mãe e muito guloso de arroz com
passarinho. O major deu-lhes ainda um conselho
de alta estrategia culinaria:

— Deem preferencia ás rolinhas: são mais car-
nudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás não me
parece patriotico atirar nos rouxinóes de Gonçalves
Dias — além de que a carne não vale nada.

Este mirifico systema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão, mas tres proveitos cabem n'um sacco — pelo menos em Itaóca.

Apurado o seu apparelho de defeza, Itaóca dormiu socegada, á espera do inimigo. Viessem os barbaros germanicos e cairiam ceifados como rolinhas! Não foram tolos. Não vieram. Não veio um uhland sequer. Mas que a Alemanha pôz o seu olho de aguia em Itaóca não resta a menor duvida. Aqui muito á puridade o confessamos hoje: andaram espiões por lá !

— ' ? ? ? ! ! !

— Sim, espiões, e dos peores. Andaram rondando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permittido confessar o facto. Antes, não; porisso foi o segredo guardado religiosamente pelas autoridades locaes, pelo Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras. Nobilissimo povo de Itaóca ! Quantos males não poupou ao país a tua severa discreção !...

Foi assim o caso. Leão Lobo saía da chimbica do costume em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabellos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxa mais suspeita ainda sobraçada. Um prophetico relampago lucilou-lhe no cerebro: espião ! Sobreestive o coração aos pinotes,

meditou tres segundos e, como uma flexa, voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lenções áquell' hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel appareceu de chambre, gorro de lã e vela na mão — assustadissimo:

— Que é lá?

— Coronel, espiões na terra !

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao apice, n'um dos maiores abalos da sua vida. Engasgou. Tartamudeou. E ao termo de dois minutos de tonteira poude apenas murmurar em voz debil um — “entre”, imperceptivel ! A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões? — disse o coronel de olho arregalado.

— E dos peores, confirmou Leão Lobo, *d'aquelles*, coronel !

A entonação do “*d'aquelles*” foi tão impressionadora que José Pedro encostou-se á parede para conservar o aprumo coronelicio. A situação era de tal modo imprevista que o chefe não sabia como agir. Salvou-o Leão Lobo, affeito a lidar com problemas charadisticos e logogriphicos dos mais crespos.

— Coragem, coronel ! O momento não é para vacillações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilize o “Frei Gaspar”, mais a policia, e que se monte guarda rigorosa ás sahidas da cidade

durante o resto da noite. Amanhã engaióla-se o melro !

— Bem ponderado ! — exclamou o chefe já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens enquanto eu...

Leão Lobo, sem esperar o fim, saiu aos pinotes, enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apprehensivo.

— A gente tão “socegado” aqui e aquelle raio da Alemanha...

— Que foi ? — indagou a mulher.

— Espiões na terra, Candoca ! Raios de espiões !

D. Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas :

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquelle bódinho — e virando-se para o canto adormeceu.

* * *

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Horas depois o destacamento policial, um cabo e duas praças, mais o tiro inteiro estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias mulheres despenteadas que, á janella, em camisa, punham as mãos invocando as varias Nossas Senhoras adequadas ao lance — que aquillo era por certo o fim do mundo.

Não havia lua e como os lampiões não se accendessem ha mezes por precaução contra os zeppelins

mortiferos, a escuridão era de breu. Mesmo assim, ás apalpadelas, as forças mobilisadas agiram com tal estrategia que, tres horas após o rebate, todas as saídas de Itaóca estavam hermeticamente sentinelladas. Numa dellas ficou metade do “Frei Gaspar” com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se de uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza. A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma... loira ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem !

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, o qual, como o seu dono, tinha habitos nocturnos.

Amanheceu, enfim. Quando o astro rei, desdobrando as gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o “Lyrio”, historiando os factos — o major Ventania e o delegado iniciaram rigorosa pesquisa. Não foi preciso muito. O espião lá estava espichado no “*trottoir* da egreja, ronflando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinha-se aqui o estylo do “Pall-Mall-Lyrio”, secção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José). O major Ventania não vacilla: mette dois dedos na bocca e tira um assobio agudissimo. Era o signal. Acodem logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada. Solemnemente, então, n'um sherlockiano *nhoc* ! agarram, em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser. Não ha memoria em Ita-

óca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pro-homens da terra, emudecendo-os de sagrada emoção. Naquelle momento augusto salvava-se a Patria...

D'alli seguiu para a cadeia o infame dolichocephalo louro, e lá lhe montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserval-a engatilhada.

— Si o bicho tentar fugir, nada de mollezas, ordenou o major, fogo nelle, fogo de barragem !

A's dez estava tudo prompto para o interrogatorio. Mas aqui surgiu imprevista difficuldade: o espião teimava em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia allemã, ninguem pescava um yá da odiosa lingua de Goethe. (A colonia allemã de Itaóca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com pharmacia havia 60 annos, e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora ? indagou a autoridade atarantada. Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não é possivel ! Muller, como alemão, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho para "lingua" o monsenhor Accacio. Ha de saber alemão. Que é que elle não sabe? Até astronomia...

Era verdade. Monsenhor Accacio sabia tudo, dissertava de *omnia res scibile*, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro II, que sabia quatorze.

Veio o padre. Solemnemente, durante meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O alemão deste homem, concluiu sentenciosamente, é o alemão thuringio da baixa germanidade wallona da Silesia hannoveriana. Inintelligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o alemão grammatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Scheneider-Canets.

Os circumstantes pasmavam. Leão Lobo, enthusiasmado, cochichou para o Ventania:

— Eu não disse? E' um *bicho* !

Do pouco que o espião disséra uma phrase por muito repetida gravou-se na memoria dos itaóquenses: *ai eme inglix*. Leão Lobo, affeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a phrase mysteriosa pelos processos charadisticos. Matutava: *A, I, M, inglix*; *A*, uma; *I*, uma; *inglix*, duas. Conceito? Engasgava no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio:

— *Ai eme inglix*, disse elle enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glottologicas — “estou com fome”. E' natural. Já bateu meio dia. Deem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para retirar-me, que estou de hora passada. E,

pondo na cabeça o chapéu felpudo, saiu, solenne e sabio como a propria Minerva de batina e corôa. Leão Lobo namorou-o com o olhar até certa distancia.

— E' um *báita*, o nosso monsenhor !... Pena viver neste fim de mundo. Se "actuassee" no Rio, que figurão !...

* * *

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavras intelligiveis resolveram envial-o á capital, de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte. Assim se fez, e no dia seguinte houve choradeira de mulheres e um discurso ao bóta-fóra. "Ide-vos, disse o orador official, a Patria exige de vós esse sacrificio. Não occultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios emboscada á beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gazes lacrimogeneos, picotados pelas metralhadoras. Não importa ! Ide-vos ! A Patria exige o vosso sangue ! Se cairdes, tereis como recompensa a sua gratidão eterna !"

— E o nome numa rua, aparteu o presidente da Camara.

Partiram os jovens heróes. Nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como

bravos de raça que eram, com antepassados na Guerra dos Mascates e na dos Emboabas.

Itaóca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrendo que o orador desenhára, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo um tanto problematico, que da viajada na via ferrea, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão pela qual só empallideceram quando, na estação, ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque radiographaram para Itaóca um despacho conciso mas eloquente: “Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a Republica !”

Quando o Zé Burro, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil réis por legua,, entregou o radiogramma ao Major Ventania, o prefeito municipal commemorou a auspiciosa noticia mandando atuchar uma duzia de foguetes — pela verba “socorros publicos”.

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu uma grande manifestação patriotica. Falou na praça 7 de Setembro, com pathetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais vehemente oração de sua vida. “Alli, senhores, disse elle apondo o *trottoir* d’ora avante historico, esteve deitado, fingindo que dormia, mas de facto espiando, um dos mais perigosos agentes da espionagem alemã. O sclerado não confessou, mas havia de con-

fessar? havia de denunciar os tenebrosos planos do Anti-Christo moderno, esse Kaiser assassino que que assassina o mundo? A situação é gravíssima, meus senhores ! Itaóca está sobre um vulcão ! Minada por todos os lados, a vida das nossas famílias, a honra das nossas esposas, as mãosinhas das nossas creanças (sensação) correm o maior dos riscos ! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano ! (sensação). Senhores ! Um desaggravo se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia alemã que, como vibora, alimentamos em nosso seio. Viva a França ! Viva o Exmo. Dr. W. B. Pereira Gomes, nosso imperterrito presidente !”

Foi um delirio. Estrepitaram palmas d'envolta com imprecações de vingança — “Abaixo o Muller !” A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre patriotismo, despejou-se como avalanche para os lados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a cem grãos centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch ; morreu Hindenburgo, Mackensen e Enver-Pachá. Os gavroches (está no “Lyrio”) iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa pharmacia, nella choveram projecteis, apupos, assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou alli o vidro de sal-amargo. Tambem a ipeca e a tin-

tura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia alemã não deu mostras de si. Nem Muller nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta no nariz. Covardes !

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na á guisa de trophéo para a redacção do “Lyrio”, onde beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba dos “soccorros publicos”.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, mas voltou de mãos abanando :

— Seu Muller manda dizer que não tem ; que os patriotas quebraram o vidro ; se serve sal de azedas, que tem.

A pobre D. Candoca, estorcendo-se,

— E’ isto, exclamou, aquelle bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim !... Ai !

— Mulher ! — interveiu o marido — a Patria acima de tudo !

— Vocês são uns...

O chronista não ouviu o qualificativo da D. Candoca, mas a avaliar pela cara do marido foi dos mais duros. O homem passou embezzerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegramma do chefe de policia: "Verificamos prisioneiro subdito inglez. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva ridiculo incidente".

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois reuniu os paredros e lhes disse:

— Recebi telegramma confidencial do chefe. O caso é mais grave do que suppuz. Sou obrigado a guardar reserva.. Altos segredos de estado, vocês comprehendem...

Apatetamento geral. Cada um commentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinente, recorreu ao methodo charadistico: *Telegramma, reserva, segredo de estado...* Conceito? Era a segunda vez na semana que lhe escapava uma charada por falta de conceito.

Assim permaneceram até á noticia da volta dos heroicos expedicionarios. Que bella festa, a recepção! Foi a banda esperal-os á bocca da cidade, e com ella os patriotas, o Tiro, as moças. Mal os avistaram romperam em vivas. A banda malhou o hymno. Depois, a *accolade* ("Lyrio"). A Mariquinhas Fagundes offereceu a cada um uma corôa de louros, feita com folhas de camelia. Ella mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro, e nos guatambús chumbados dos restantes. Itaóca sabia ser grata para com os filhos heróes...

E não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão da Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha commemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando uma vibora, e no anverso um distico em latim. E' verdade que cahiu este projecto. Mas vingou outro, mais economico: dar quatro ruas aos quatro heróes. D'ess'arte, e com muita justiça, pois não, as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respectivamente, rua do Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira. Mas Leão Lobo, o infatigavel patriota, não está contente com isso. Entre uma charada e outra perde-se o seu espirito em longos devaneios. Como não se abriu ainda com os amigos, ninguem sabe qual é a grande idéa que lá lhe germina sob o pixaim. Mas ha meios de devassar o pensamento secreto dos homens generosos que pronunciam cem vezes ao dia a palavra patria com P maiusculo. Elle — nobilissima criatura ! — está amadurecendo a idéa de pedir a Clemenceau uma fita da Legião de Honra para a lapela da mui leal e invicta Itaóca. E vão ver que inda Clemenceau acaba fazendo-lhe a vontade e dando a elle, de lambujem, o *Mérite Agricole*. Merecidissimo, aliás, pois não, pois não.

FIM

INDICE

INDICE

	Pags.
Cidades mortas	7
Coisas do meu diario	14
Cavallinhos	43
Noite de S. João	49
Grammatica viva	57
Pedro Pichorra	65
As seis decepções	73
Cabellos compridos	78
Um avô	84
O "Resto de Onça"	89
Porque Lopes se casou	99
O caso do tombo	106
"Gens ennuyeux"	116
O figado indiscreto	126
O imposto unico	134
O Plagio	151
O romance do chupim	164
O luzeiro agricola	178
A "Cruz de Ouro"	194
De como quebrei a cabeça á mulher do Mello	202
A poesia e o poeta	207
O espião allemão	212



